



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

Iasmim Ibiapino Alves

**VISLUMBRANDO O HORIZONTE DESSE CHÃO DE MEU DEUS: O SERTÃO
PIAUIENSE E OS SEUS SENTIDOS NA TETRALOGIA DO COURO DE FONTES
IBIAPINA (1963-1985)**

JOÃO PESSOA
2024

IASMIM IBIAPINO ALVES

**VISLUMBRANDO O HORIZONTE DESSE CHÃO DE MEU DEUS: O SERTÃO
PIAUIENSE E OS SEUS SENTIDOS NA TETRALOGIA DO COURO DE FONTES
IBIAPINA (1963-1985)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Telma Dias Fernandes

Área de concentração: História e Cultura Histórica
Linha de pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A474v Alves, Iasmim Ibiapino.

Vislumbrando o horizonte desse Chão de meu Deus : o sertão piauiense e os seus sentidos na Tetralogia do Couro de Fontes Ibiapina (1963-1985) / Iasmim Ibiapino Alves. - João Pessoa, 2024.

102 f. : il.

Orientação: Telma Dias Fernandes.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura piauiense. 2. Tetralogia do Couro. 3. Sertão. 4. Memória. 5. Fontes Ibiapina. I. Dias Fernandes, Telma. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82(812.2)(043)

**VISLUMBRANDO O HORIZONTE DESSE CHÃO DE MEU DEUS: O SERTÃO
PIAUIENSE E OS SEUS SENTIDOS NA TETRALOGIA DO COURO DE
FONTES IBIAPINA (1963-1985)**

IASMIM IBIAPINO ALVES

Dissertação de Mestrado avaliada em 26/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Telma Dias Fernandes

Orientadora

Documento assinado digitalmente



OLÍVIA CANDEIA LIMA ROCHA

Data: 11/09/2024 10:59:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª Olívia Candeia Lima Rocha

Examinadora Externa

Documento assinado digitalmente



CLAUDIA ENGLER CURY

Data: 16/09/2024 16:53:38-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Engler Cury

Examinadora Interna

À minha família: Lusiene, Francisco, Lucas, José Vilker, Bernardo e Nina

“Pena é a gente não poder escrever memórias até o fim. É sempre uma autobiografia incompleta, cujos últimos capítulos se perdem no silêncio dos mistérios entre a vida e a morte.”

Memórias de um Canário – Brocotós

Fontes Ibiapina

AGRADECIMENTOS

“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar.” (Josué 1:9). Este ensinamento fez parte de toda a minha trajetória acadêmica, principalmente na minha luta pelo tão sonhado Mestrado.

Parte de ser forte e corajoso significa confiar no Senhor como nossa verdadeira fonte de força. Força esta, que nos é necessária para enfrentar os desafios que a vida proporciona, para mim, desde alguns “nãos” em outras seleções, como uma mudança para outro estado, questões emocionais, financeiras e problemas de saúde ao longo desta jornada.

Para demonstrar sua força, não precisa ser algo grandioso, é preciso apenas confiar no processo e tomar decisões que não fujam ao seu propósito. Por isso, meu propósito com esta pesquisa é defender aquilo que eu acredito, mesmo que não seja nada fácil, com estudos e ensinamentos, um dia, poderemos falar sobre um sertão sem estereótipos e invisibilidade.

Assim, agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me fechado algumas portas, para abrir outra ainda melhor. Minha mudança para João Pessoa-PB teve altos e baixos, mas com Sua ajuda, fez com que tudo fosse leve e alegre. Não foi fácil, pelo contrário, mas todas as dificuldades serviram para o meu aprendizado pessoal e profissional, para conhecer ótimas pessoas e frequentar lugares maravilhosos. Que cidade linda!

Obrigada, meu Deus, por me proporcionar vivenciar cada experiência maravilhosa na cidade de João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba, no CCHLA e no PPGH. Por ter guardado o meu caminho, iluminado meus passos, por me fornecer paciência nos momentos de inquietação, ansiedade e frustração. Por ter me dado força de vontade para continuar e desenvolver meus trabalhos.

Aos meus pais, Lusiene e Francisco, ao meu irmão Lucas e minha cunhada Priscila e meu sobrinho Bernardo, meu porto seguro, meu amor incondicional. Obrigada pelos conselhos, o companheirismo e os puxões de orelha. Por terem permitido a realização do meu sonho, sempre acreditando em mim e me incentivando a dar o melhor em meus estudos, amo vocês. E à minha filha, Nina, que mesmo sendo um serzinho de 4 patas, me trouxe alegria e luz em tempos tão difíceis, o melhor presente da minha vida.

Ao meu companheiro de jornada, o meu inesperado mais esperado, meu amor e melhor amigo, José Vilker. Não tenho nem palavras para descrever o quanto sua companhia foi indispensável para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Seu apoio nos meus momentos difíceis e seu incentivo, proporcionaram uma trajetória doce, feliz e cheia de amor. Obrigada por me aguentar. Você é um presente de João Pessoa que quero levar para a vida

inteira. E à toda sua família, minha sogra Sônia, meu sogro José, minha cunhada Victória, sua Tia Silvia e sua prima Camila, Jonas, seus “doguinhos” Luke e a Gorda, por me receberem tão bem em sua família e em sua casa, obrigada por preencherem o vazio que a mudança de estado trouxe e tornarem meus dias mais alegres e divertidos.

À minha orientadora, Dr^a Telma Dias Fernandes. Obrigada pela paciência, disponibilidade e por compartilhar a sua sabedoria, contribuindo imensamente com meus trabalhos, acreditando no meu potencial. Te admiro muito!

Aos demais professores do PPGH – UFPB, dentre eles: Luana Akinruli, Ana Maria Veiga, Elio Chaves e Cláudia Cury por terem contribuído com meu crescimento profissional e com a construção da minha pesquisa. Agradeço imensamente.

À professora Olívia Candeia Lima Rocha, por desde a graduação, contribuir com minha trajetória acadêmica. Agradeço por aceitar o convite para fazer parte da banca avaliadora desta dissertação e por dedicar seu tempo e expertise para o aprimoramento deste trabalho.

Aos meus tios e tias, pela preocupação com meu bem-estar morando longe e por me apoiarem em tudo, me dando conselhos e palavras de apoio, não me deixando desistir dos meus sonhos, acreditando no meu potencial, torcendo por cada conquista e comemorando cada vitória. A todos os meus primos, que mesmo não sendo muito próximos, de certa forma ajudaram na minha carreira acadêmica, me dando dicas, conselhos e sanando minhas dúvidas quanto precisei.

Ao meu professor Denildo e sua família (Letícia, Excelsa, Márcia e Nicolas) que, desde o ensino médio, marcaram a minha vida. Além de ser um professor, uma pessoa maravilhosa e amiga de seus alunos, utilizo você como exemplo. Obrigada por me apoiarem nos momentos de dificuldade, por me receberem tão bem em sua casa, muitas e muitas vezes, me abrigando e cuidando de mim como uma filha.

Em especial, à minha melhor amiga Excelsa Martins, irmã de outra mãe, por me ensinar a ver a vida de uma forma mais alegre e sorridente, mesmo com todos os problemas. Nos vemos parecidas em vários momentos da vida, não só fisicamente. Mesmo com a correria do dia a dia, não esquecemos da nossa amizade, por isso, te agradeço tanto. Obrigada por entender meu jeito, por ter me ajudado em todos os momentos em que precisei, ter ouvido meus desabafos e não me abandonar diante das dificuldades. Saiba que amo você demais.

Aos amigos que deixei em Picos – PI, que se preocuparam comigo, me ajudaram e se mantiveram presentes, obrigada por fazerem parte da minha vida, principalmente nos momentos os quais precisei de um ombro amigo. Não citarei nomes, mas vocês sabem quem são.

Aos amigos que fiz em João Pessoa, Laryssa, Marciane e Cinthia, e aos demais membros da turma de 2022 da turma de Mestrado do PPGH da UFPB. Obrigada pela amizade e pela contribuição à minha pesquisa, de forma direta ou indireta.

Aos demais, amigos, colegas, pessoas que caminharam ao meu lado e aquelas que saíram do meu caminho de alguma forma, vocês contribuíram para que eu chegasse até aqui. Obrigada.

Agradeço à Academia de Letras da Região de Picos – ALERP, todos os seus integrantes, principalmente, à minha querida professora do ensino fundamental e médio, Deolinda Maria de Sousa Marques, pelos seus ensinamentos na minha carreira acadêmica e durante meu “estágio”. Como também, agradeço ao poeta e professor Vilebaldo Nogueira Rocha, por aceitar e proporcionar meu trabalho voluntário na Biblioteca Fontes Ibiapina.

Por fim, agradeço ao autor João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, por, através das narrativas da sua vida, inspirar esta pesquisa.

RESUMO

Compreender a representação do sertão piauiense e do sertanejo é o foco principal desta pesquisa. Através das narrativas do juiz, escritor, folclorista e literato João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, problematizamos o que ele mesmo chamava de “ciclo do couro” piauiense, presente nos romances: *Sambaíba* (1963), *Tombador* (1971), *Nas Terras do Arabutã* (1984) e *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), a “tetralogia do couro”. Tendo seu espaço ambientado no sertão e evidenciando o sertanejo, a Tetralogia do Couro enfoca os estereótipos enraizados do Nordeste, como a seca, guerras, a pobreza e a labuta da vida rural, partindo do século XIX até o século XX. Assim, nosso objetivo é discutir sobre estas imagens, abordando o Estado do Piauí, analisando suas narrativas acerca do seu processo de desenvolvimento, a expansão das fazendas e da pecuária, a abolição da escravatura e a República, apesar das mazelas da seca, dos efeitos da Guerra do Paraguai (1864-1870) e da escravidão. Valorizando o regionalismo piauiense, escrevendo sobre sua juventude na zona rural, cada sujeito histórico conhece e escreve seu local de uma maneira única, carregando uma multiplicidade, ocorrendo mudanças constantes de acordo com os processos (Rolnik, 2004). Para enriquecer esta pesquisa, utilizamos o aporte teórico de autores como Jacques Le Goff (2003), Pesavento (2007), Paul Ricoeur (1986), Roger Chartier (2001), entre outros. Neste sentido, percebemos a importância de valorizar a historiografia local e observar como a literatura entende as questões regionais, pois a literatura e a história trabalham registros ricos, tensos e criativos, que associam apreensões de vidas contadas e de mundos inventados.

Palavras-chave: Literatura piauiense. Tetralogia do Couro. Sertão. Memória. Fontes Ibiapina.

ABSTRACT

Understanding the representation of the sertão of Piauí and the sertanejo is the focus of this research. Through the narratives of the judge, writer, folklorist and writer João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, we problematize what he himself called the "leather cycle" of Piauí, present in the novels: *Sambaíba* (1963), *Tombador* (1971), *Nas Terras do Arabutã* (1984) and *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), the "tetralogy of leather". Having its space set in the sertão and highlighting the sertanejo, the Tetralogy of Leather focuses on the deep-rooted stereotypes of the Northeast, such as drought, wars, poverty and the toil of rural life, from the nineteenth century to the twentieth century. the expansion of farms and cattle ranching, the abolition of slavery and the Republic, despite the ills of drought, the effects of the Paraguayan War (1864-1870) and slavery. Valuing the regionalism of Piauí, writing about their youth in the rural area, each historical subject knows and writes their place in a unique way, carrying a multiplicity, with constant changes occurring according to the processes (Rolnik, 2004). To enrich this research, we used the theoretical contribution of authors such as Jacques Le Goff (2003), Pesavento (2007), Paul Ricoeur (1986), Roger Chartier (2001), among others. In the meantime, we realize the importance of valuing local historiography and observing how literature understands regional issues, as literature and history work on rich, tense, and creative records, which associate apprehensions of told lives and invented worlds.

Keywords: Piauí literature. Tetralogy of Leather. Sertão. Memory. Fontes Ibiapina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Sala de aula da Escolinha Tio Quincó.	43
Imagem 02: Acervo de manuscritos de Fontes Ibiapina.	45
Imagem 03: Fontes Ibiapina com sua máquina de datilografia.....	48
Imagem 04: Cenário com objetos pessoais do autor	49
Imagem 05: Primeira página da entrevista	56
Imagem 06: Segunda página da entrevista	57
Imagem 07: Terceira página da entrevista	58
Imagem 08: Capa do manuscrito Vida Gemida em Sambambaia (1958).....	60
Imagem 09: Dedicatória do manuscrito Vida Gemida em Sambambaia (1958)	61
Imagem 10: Primeira página do manuscrito Vida Gemida em Sambambaia (1958).....	62
Imagem 11: Capa da obra Sambaíba (1963).....	64
Imagem 12: Capa da obra Tombador (1971)	66
Imagem 13: Capa da obra Nas terras do Arabutã (1984).....	68
Imagem 14: Capa da obra Vida gemida em Sambambaia (1985).....	70

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do estado do Piauí.	31
Mapa 2 – Localização do município de Picos - PI.	37
Mapa 3 – Distância do centro da cidade de Picos para a zona rural.	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGH-UFPB – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba

ALERP – Academia de Letras da Região de Picos

APL – Academia Piauiense de Letras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - VISLUMBRANDO O HORIZONTE DESSE CHÃO DE MEU DEUS: A PESQUISA E SUA TRAJETÓRIA	14
CAPÍTULO I - O EMERGIR DO TERREIRO DE FAZENDA: O PIAUÍ COMO PROTAGONISTA DA FICÇÃO IBIAPINIANA.....	25
1.1 “Terra querida, filha do Sol do Equador”: o sertão do Piauí em evidência	27
1.2 Nos campos de flores da Cidade Modelo: reconhecendo a cidade de Picos – PI e os seus sertões	36
1.3 Um escritor de histórias e memórias: conhecendo Fontes Ibiapina.....	42
CAPÍTULO II - NADA ERA INVENTADO, TUDO HAVIA SIDO VIVIDO COM INTENSIDADE: O CENTENÁRIO FONTES IBIAPINA	51
2.1 A literatura Ibiapiniana como fonte caudalosa de cultura	53
CAPÍTULO III - “E COM FÉ, FAZER SEMPRE MELHOR”: NARRATIVA DAS MAZELAS SERTANEJAS.....	72
3.1 O Piauí colonial e escravista	73
3.2 “Não havia São José roubado que desse jeito”: o rebentão da Seca no estado do Piauí	79
3.3 A participação do Piauí nas Guerras do Paraguai e Balaiada.....	90
“O PASSADO, O PRESENTE E O PORVIR”: CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
FONTES.....	98
REFERÊNCIAS	98

INTRODUÇÃO - VISLUMBRANDO O HORIZONTE DESSE CHÃO DE MEU DEUS: A PESQUISA E SUA TRAJETÓRIA

*“A poesia me constrói.
Meu poema é minha alma.
Um poema se escreve na pedra.
Mas, essencialmente no **HOMEM**.”
(Musgo – Vilebaldo Nogueira Rocha)*

Contar histórias faz parte das nossas vidas. Elas, repletas de significados próprios para cada indivíduo, desenvolvem um papel de preponderante nas culturas, registrando momentos e carregando consigo diversas lições que aprendemos e respeitamos ao longo da nossa jornada. Contribuindo para a cooperação e a sociabilidade humana, sejam em momentos curtos do dia a dia, como uma breve conversa ao amanhecer ou a caminho do trabalho, como no fim do dia, para discutirmos as idas e vindas cotidianas do que está a nossa volta.

A linguagem oral é uma das mais antigas formas de comunicação, presente desde as mais antigas tribos, até no cotidiano das grandes cidades contemporâneas, assim, entramos em contato com narrativas constantemente no nosso dia a dia, seja no trabalho, nos estudos e até em casa, nos tornando ouvintes e autores da criação de uma história.

As manifestações orais também podem ser consideradas expressões literárias. As histórias contadas oralmente além de entreter e orientar, representam formas de expressar, preservar e enriquecer culturas diversas, gerando tradições que são passadas entre gerações, como os causos narrados por Fontes Ibiapina, relatando as histórias que ouvia na sua infância nas rodas de conversa.

A literatura é ampla, diversificada, podendo ser entendida de forma distinta, pois cada um a percebe a partir da sua visão de mundo e dos seus próprios sentimentos. Ademais, é a partir dela, que muitos compreendem a si, através de filosofias de vida, e às dinâmicas do mundo, como política, economia e sociedade. Assim, conforme Valdeci Rezende Borges (2010),

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico (Borges, 2010, p. 98).

A profundidade e amplitude da literatura expressam a construção de emoções e ideias, partindo do ser para a sociedade. Permite que algo seja visto através do olhar de outrem, transmitindo sentimentos e criticidade.

Utilizamos os romances do autor Fontes Ibiapina. Filho do sertão piauiense, nascido na zona rural de Picos-PI, é um autor que soube como poucos traduzir, em suas obras, a aspereza e a beleza da vida no semiárido nordestino. Ibiapina escolheu o sertão e seus habitantes como o cerne de sua literatura, imortalizando o cotidiano dos homens e mulheres que lutam contra a seca, a fome e a dureza da terra.

Esta dissertação, possui o intuito de compreender a complexidade de suas narrativas e o retrato que faz da vida sertaneja, revelando o quanto suas histórias ecoam a realidade de sua terra natal.

Assim, o poema escrito por Vilebaldo Nogueira Rocha, presente no livro *O Caçador de Passarinhos* (2017), nos guia acerca desta navegação. A arte da literatura é uma característica tão presente na sua vida, que está emaranhada na sua alma. Ao mesmo tempo que o indivíduo a absorve, também a expõe.

Vilebaldo Nogueira Rocha é poeta, professor e ator. Proveniente da cidade de Picos – Piauí, conterrâneo de fontes Ibiapina, cuja narrativa literária é a nossa principal fonte de pesquisa. É conhecido por ser um “caçador de passarinhos”, sendo os pássaros, as palavras. O premiado autor publicou dois livros de poesia: *Cacos de Vidro* (2017) e *O Caçador de Passarinhos* (2017).

Em seu livro, *O Caçador de Passarinhos*, Vilebaldo abre seu baú de memórias, eternizando o tempo e a cidade picoense, pois através da sua literatura telúrica, amplia sua visão sobre a cidade, debatendo e desmistificando temáticas em torno da história, fazendo com que seus versos voem e não se prendam em outras gaiolas.

Partindo desse pressuposto, utilizaremos trechos de seus poemas ao início de cada capítulo, para exemplificar, de forma sutil, uma relação entre a história e a literatura, demonstrando que a poesia de Vilebaldo e a literatura *Ibiapiniana* estão entrelaçadas, pois destacam o sertanejo e as mazelas sofridas por estes no sertão piauiense. Os poemas, aqui utilizados, estão presentes no livro *O caçador de passarinhos*, de publicação própria, no ano de 2017. Serão empregados os poemas: *Musgo*, *Tesouro de poeta*, *PovoAção*, *Vaca Magra* e *Caçador de passarinhos*.

Nesta pesquisa, tratamos história e literatura como peças que se encaixam e se completam, captando as análises e interpretações possíveis sobre aquilo que se vê/lê. Assim, de

acordo com Teresinha Queiroz et al. (2020, p.12), a literatura e a história trabalham “registros ricos, tensos e criativos, que associam apreensões de vidas contadas e de mundos inventados.”

Em 1960, com a criação dos centros documentais no Brasil, a literatura passou a receber mais olhares, principalmente da crítica literária, havendo mais interação da literatura com os estudos culturais, histórias e arquivologia. Essa nova configuração possibilitou um aprofundamento nas análises literárias, permitindo que obras fossem compreendidas não apenas em seus contextos estéticos, mas também em suas relações sociais, políticas e históricas.

Os centros documentais tornaram-se espaços estratégicos para a preservação da memória cultural, oferecendo um contraponto à tentativa de silenciamento das vozes dissidentes, principalmente durante o período marcado pela ditadura militar (1964-1985).

Além disso, a interação entre literatura e arquivologia trouxe à tona a importância dos arquivos e dos documentos na construção da narrativa literária. Os críticos e estudiosos começaram a investigar como os contextos de produção influenciavam o texto literário, levando à emergência de novas correntes de pesquisa, como a crítica histórica e a crítica cultural. Essa abordagem multidisciplinar ampliou as possibilidades interpretativas, reconhecendo que os textos literários não são apenas produtos artísticos, mas também reflexos de uma época e de um lugar específicos.

A partir da compreensão deste diálogo, o contentamento do leitor/escritor de histórias transparece, já que as obras literárias deixam de fazer parte apenas de rodas de conversa, virando objetos de estudo, diante do surgimento de interpretações e abordagens distintas, possibilitando que novas óticas sejam percebidas sobre um mesmo tema.

Esta relação, de entrelaçamento entre História e Literatura, através das renovações da História Cultural, é debatida, atualmente, na Academia, rendendo questionamentos como: Haveria de a Literatura servir como fonte para a História?

A História Cultural é sensível, beira as margens e as fronteiras, trata-se da história das ideias, das representações, dos corpos ou das imagens. Percebe, a partir de seus mecanismos, as contradições presentes no âmbito dos indivíduos e à medida que os seres recebem e absorvem a sua vastidão. Assim, Sandra Jatahy Pesavento (2007, p.12), destaca que “as sensibilidades, este objeto de desejo do historiador da cultura, são sempre resultados de uma química especial, que envolve corpo e espírito nesta sua dinâmica interativa com a realidade, que definimos como anterior à capacidade reflexiva racional.”

Para a literatura, representar os temas, através das figuras de linguagem, permite ao historiador perceber e entender as nuances de um passado que existiu, através das palavras de

outrem, que, muitas vezes, não estão escritas em documentos oficiais, que se tornam objeto de estudo da História.

Para Queiroz; Elgebaly; Ferreira (2020, p.12), a relação entre história e literatura “partilha cada vez mais o interesse por aquilo que diz respeito à vida cotidiana, às dimensões da subjetividade humana e às aproximações entre a vida social no seu sentido mais amplo e a vida literária.”

Le Goff (2003, p.48) afirma que “a história da história não deve se preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica, ou melhor, a mentalidade histórica de uma época.” Neste sentido, para compreender os textos literários, é necessário questionar o documento, compreendendo os personagens e os narradores, para então, interpretar a narrativa.

Estabelecer este diálogo aborda diferentes estéticas e técnicas de escrita, seja pelo lugar social em que o autor de ficção está inserido como “um ser-no-mundo, um sujeito de dizer”, como destacou Paul Ricoeur (1986, p. 121), no seu lugar social e nas experiências históricas vividas por ele. Neste ínterim, Certeau (2011) evidencia este processo como uma “operação historiográfica”, pois o lugar de que se fala interfere diretamente na “operação”, ou seja, na escrita. Assim, “interpretar é explicitar o modo de ser-no-mundo exposto diante do texto” (Ricoeur, 1986, p. 121), devemos interpretar o texto a partir de uma perspectiva de mundo onde estão inseridas particularidades do próprio autor ao inserir seu mundo no texto.

Assim, a “operação historiográfica” é necessária para compreender o papel do historiador e as particularidades da historiografia. A história seria a operação, compreendida entre o lugar, seja ele socioeconômico, político ou cultural, os procedimentos de análise e a construção do texto, uma literatura. Para escrever a história de uma sociedade, é necessário compreender como esta funciona.

A interconexão entre História e Literatura é complexa e multifacetada. A história fornece o contexto necessário para entender a literatura, enquanto a literatura, através da poesia e da prosa, interpreta e critica os eventos históricos.

Ao estudar essa interconexão, ganhamos uma apreciação mais rica e complexa das narrativas que moldam nossa compreensão do mundo. A história problematiza os vestígios deixados pelas ações humanas ao longo do tempo, como evidencia Marc Bloch (2001). A história não seria entendida como uma “ciência do passado”, mas sim que o presente serve para compreensão do passado e vice-versa, se ocupando das ações humanas no tempo. A literatura cria narrativas para expressar sentimentos coletivos e oferecer comentários sociais, como

evidencia White (1973, p. 05), “a narrativa histórica, como a literária, é uma construção que envolve a seleção e organização de eventos em um enredo coerente.”

Essa historicidade é transmitida através dos seus recursos linguísticos, ao ponto que o indivíduo lê a história, a sociedade e o tempo/espaço da sua vivência e produz sua narrativa. De acordo com a historiadora Sandra Jatáhy Pesavento (2006, p.5), “a literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam”.

Buscamos uma aproximação entre história e literatura a partir das obras de João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, que tematizam suas vivências no interior do sertão piauiense, registrando suas experiências na juventude e no seu transitar entre o campo e a cidade.

Com a percepção de que o autor utiliza experiências vividas/ouvidas para embasar seus escritos, torna-se necessária a compreensão da sua biografia, para enriquecer os debates acerca das suas histórias. Nesta perspectiva, a relação entre história e biografia é complexa, pois, embora distintas, em métodos e objetivos, compartilham um interesse central na compreensão da experiência humana ao longo do tempo, se complementando, no sentido de que a biografia se concentra na vida individual, enquanto a história tende a abordar fenômenos coletivos e contextuais, oferecendo narrativas que são ao mesmo tempo factuais e profundamente humanas.

Todavia, não significa que, ao trabalhá-las em conjunto, o historiador se isente da complexidade envolta da identidade dos sujeitos e suas contradições, pois não é possível realizar uma análise bibliográfica defendendo que os sujeitos possuam uma vida em linha reta e coerente, como evidencia Bordieu (1998),

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. [...] o advento do romance moderno está ligado precisamente a esta descoberta: o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório. (Bordieu, 1998, p.185)

A citação de Pierre Bourdieu traz à tona uma discussão sobre a construção da narrativa da vida e suas implicações na forma como entendemos a experiência humana. Bourdieu sugere que essa busca por significado na vida pode ser uma "ilusão retórica", ressaltando a tensão entre a necessidade humana de contar histórias e a realidade desordenada da experiência.

Ao considerarmos a vida como uma narrativa, corremos o risco de simplificá-la e ignorar suas nuances, desafios e a aleatoriedade que a permeia. Assim, a reflexão de Bourdieu nos convida a questionar não apenas como contamos nossas histórias pessoais, mas também como as estruturas sociais e culturais influenciam essa narrativa, moldando a forma como percebemos e damos significado à nossa existência.

Ibiapina costumava ressaltar que suas obras eram ficções, mesmo que abordassem a sua vivência, pois “a melhor maneira de dizer a verdade é na ficção de mentira”¹, como disse em uma de suas entrevistas. Sua criatividade se misturava com os acontecimentos da terra, os personagens ganhavam vida e escreviam histórias. Como destaca Aquino; Nascimento (2011, p.6). Para Fontes Ibiapina, “a melhor maneira de dizer a verdade é na ficção, que tem como característica fundamental a presença marcante e irrefreável do imaginário. Entretanto, o imaginário da ficção não pode ser confundido com a ilusão, pois, se torna forma viva, variada e diferente”.

Deixaremos as apresentações para depois. O autor dos objetos de estudo será abordado mais detalhadamente no segundo capítulo. Enquanto isso, falaremos sobre a pesquisa e a sua trajetória, o que motivou essa escrita, os objetivos e suas intenções. Para começar esta narrativa, voltaremos à minha infância.

Meu corpo está entrelaçado a esta pesquisa. A poesia esteve presente em minha vida em diversos momentos, seja através da música ou da literatura. Crescendo em uma cidade do centro-sul piauiense, a música faz parte do seu cotidiano, seja nas propagandas nos “carros de som”, nas portas das lojas comerciais ou até mesmo nas casas, local em que qualquer atividade corriqueira vira motivo de festa.

Na minha casa, o que reinava era o forró. Apesar de não ser meu estilo musical favorito, a convivência com as letras que destacam a vivência do povo nordestino marcou minha infância, deixando à mostra os estereótipos e as mazelas enfrentadas por estes. Além da influência musical, a paixão pela literatura também foi compartilhada por gerações. Meus familiares, principalmente a minha mãe, por ser professora, incentivavam bastante esta prática. Ao voltar do seu dia de trabalho, minha mãe trazia consigo quadrinhos da Turma da Mônica, revistas infantis e jogos, como palavras-cruzadas e caça-palavras. Este interesse foi, cada vez mais, se aprofundando e o tamanho/quantidade de livros aumentando.

A primeira vez que tive contato com as obras de Ibiapina foi no ensino médio, na disciplina de Literatura, e a obra escolhida para leitura foi o romance *Palha de Arroz*, de 1968.

¹ Trecho retirado de uma entrevista concedida ao jornal O Dia, edição de 19 de janeiro de 1974.

Após a apresentação do seminário da disciplina, a minha curiosidade foi aguçada devido ao sobrenome do autor ser próximo ao meu, mudando apenas por uma letra. Na tentativa de conhecer mais sobre o autor e sobre a literatura regional, me conectei com suas obras. E com um olhar historiográfico, resolvi pesquisá-las, percebendo esta conexão da ficção com o cotidiano e as possibilidades do ser-no-mundo.

No entanto, suas obras são de difícil acesso, por serem antigas e existirem poucos exemplares. Atualmente, não encontramos suas obras à venda, apenas em acervos, bibliotecas ou em posse de amigos e familiares de Ibiapina.

Nesse sentido, percebemos que a cultura do impresso exerce um papel importante na sociedade. Segundo Chartier (2001, p. 35) é um movimento que possui grande poder simbólico e visual, sendo em livros, revistas, propagandas, entre outros, enunciando “a totalidade das práticas culturais, incluindo as que não são de leitura, como os rituais ou as das festas, e incluindo a população analfabeta ou mal alfabetizada”, que consegue participar através de mediações, como a leitura coletiva ou imagens.

Anos depois do primeiro contato com as obras de Ibiapina, realizei um trabalho voluntário na Biblioteca Fontes Ibiapina da Academia de Letras da Região de Picos – ALERP. Foi através de um reencontro com Deolinda Marques, minha professora do ensino médio e então vice-presidente da ALERP, que encontrei o caminho para esse mundo literário. Ela, com a generosidade que lhe é peculiar, apresentou-me ao presidente Vilebaldo Nogueira Rocha, que, com igual prontidão, me conduziu à biblioteca onde repousavam, em silêncio, os livros de Ibiapina.

Ao adentrar aquele espaço impregnado de histórias, deparei-me com volumes desgastados pelo passar do tempo. Questionei, com uma ponta de esperança, se existiam outras cópias ou se aquelas obras já estavam digitalizadas. Vilebaldo, com um semblante que mesclava resignação e preocupação, informou-me que não, e que algumas daquelas obras existiam apenas naquela edição, já que os poucos livros restantes se encontravam na posse de amigos próximos e familiares.

Sentindo a urgência de preservar aquelas memórias, lembrei-me do curso de manutenção e digitalização de documentos que havia recentemente concluído na Universidade Federal do Piauí. Propus-me, então, a tarefa de digitalizar e cuidar das obras, começando pelas de Fontes Ibiapina e, subsequentemente, expandindo para as demais da biblioteca. Nesse sentido, torna-se importante salientar a necessidade de preservar e divulgar estes materiais escritos, demarcando e difundindo a função social de tais acervos.

Esse capítulo da minha vida, intenso e breve, durou apenas alguns meses. Findou-se com minha aprovação no Mestrado e minha conseqüente mudança para a cidade de João Pessoa – PB. Contudo, aquele período deixou uma intensa marca em minha trajetória, pessoal e acadêmica, um testemunho da importância de preservar a memória literária para as gerações vindouras.

Nesse sentido, torna-se importante evidenciar a riqueza dos arquivos literários e a sua preservação. Os arquivos literários desempenham um papel crucial na preservação da memória cultural e intelectual de uma sociedade, pois são documentos históricos que oferecem perspectivas únicas sobre os eventos e períodos que narram, servindo como fonte de inspiração e referência para escritores, artistas, acadêmicos e estudantes. Eles permitem que novas gerações acessem e se inspirem em obras clássicas e contemporâneas, promovendo a continuidade e a inovação na criação literária.

Para Ricoeur (2007, p.178), “esse gesto de separar, de reunir, de coletar é objeto de uma disciplina distinta, a arquivística, à qual a epistemologia da operação historiográfica deve a descrição dos traços por meio dos quais o arquivo promove a ruptura com o ouvir-dizer do testemunho oral.” Estes rastros documentais são fontes para o ofício do historiador, pois não ficam retidos apenas na oralidade.

Desta forma, para Bordini (2021), “os acervos literários são instituições memoriais, porque eles reúnem vestígios de um passado na perspectiva de uma vida que pode conter muitas outras vidas.” Ou seja, estes arquivos são baús de memórias vivas, que passaram a ser arquivadas, servindo para o historiador como um arcabouço rico para as pesquisas.

Assim, utilizamo-nos de um benefício da modernidade, a digitalização, que pode ser vista como algo negativo, pelo fato de ser frágil, podendo ser perdida facilmente, no entanto, utilizamos de uma maneira positiva, buscando preservar as obras e propagá-las. Assim, algumas de suas obras, cedidas pela família e amigos, agora estão arquivadas digitalmente, facilitando o acesso de diversas pessoas e protegidas da deterioração pelo tempo. Como destaca a autora Ana Maria Veiga (2014),

Os acervos digitais e virtuais, ao contrário de representarem uma ameaça para as fontes de pesquisa histórica, apresentam-se como uma opção em benefício da preservação de tais documentos - esta, uma obsessão para os profissionais do campo da História. A organização e a digitalização dos documentos acontecem como trabalho intermediário entre o material físico e seu suporte virtual (Veiga, 2014, p.79).

As obras digitalizadas perpetuam os ideais de Ibiapina, tornando possível novas pesquisas historiográficas, lendo suas obras a fim de um conhecimento científico, ou apenas uma leitura entretida. Nesta perspectiva, a escolha por essa temática partiu da minha bagagem cultural e do desejo de expandir o conhecimento popular acerca da literatura Ibiapiniana e contribuir para a difusão destas obras, na tentativa de valorizar a cultura regional piauiense e os debates acerca do sertão nordestino.

À medida que entendemos e interpretamos o passado, as relações entre história e memória ficam entrelaçadas, levando em conta as memórias individuais e coletivas, muitas vezes abordando como essas memórias são construídas e representadas. Assim Ricoeur (2007) distingue entre a memória, que é frequentemente seletiva e pessoal, e a história, que busca uma representação mais crítica e objetiva do passado. Assim,

Se somos incapazes de nos lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar; a ideia de narrativa exaustiva é uma perfeita insensatez. As consequências no que diz respeito à reapropriação do passado histórico são enormes. A ideologização da memória, e todas as espécies de manipulações da mesma ordem, tornaram-se possíveis através das possibilidades de variação que o trabalho de configuração narrativa dos nossos textos oferece. As estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente no trabalho de configuração: evitamento, evasão, fuga. (Ricoeur, 2007, p.07).

Condizendo com a proposta da linha de pesquisa “Ensino de História e Saberes Históricos”, o objetivo da dissertação é problematizar a representação do sertão nordestino, mais especificamente, o Estado do Piauí, utilizando as obras da chamada “Tetralogia do couro”² do autor Fontes Ibiapina, para debater acerca da ideia de desenvolvimento do Piauí e suas práticas e interesses culturais, políticos, econômicos e territoriais.

A partir do recorte temático, utilizaremos nesta dissertação as obras: *Sambaíba* (1963), *Tombador* (1971), *Nas terras do Arabutã* (1984) e *Vida gemida em Sambambaia* (1985), destacando a diversidade de personagens de diferentes grupos sociais que aparecerem nas narrativas de Fontes Ibiapina.

Não obstante, evidenciar as imagens e os estereótipos enraizados sobre o Sertão, como a seca, a pobreza, a vida na zona rural, percebendo, assim, como a literatura Ibiapiniana entende as questões regionais e registra os processos sociais e culturais piauienses.

² Em entrevista ao acadêmico Alcenor Candeira Filho, Fontes Ibiapina, referindo-se ao Ciclo do Couro, nele incluía os romances *Sambaíba*, *Tombador*, *Nas Terras do Arabutã* e *Vida Gemida em Sambambaia*, obras que constituem a “Tetralogia do Couro” (Rabelo, 2008, p. 72).

A dissertação contará com três capítulos. E as principais obras que fundamentam esta pesquisa seguem uma lógica de organização de acordo com a ordem dos capítulos. No primeiro, intitulado: *O emergir do Terreiro de Fazenda: O Piauí como protagonista da ficção Ibiapiniana*, propõe considerações acerca do Estado do Piauí, desde seu processo de colonização, de desenvolvimento e a apresentação da cidade de Picos – PI, cenário das narrativas de Ibiapina. Este capítulo está dividido em três subtópicos que abordam o sertão do Piauí como um espaço vital, onde a agricultura e a criação de gado são fundamentais para o desenvolvimento econômico e cultural do estado.

Neste sentido, a cidade de Picos surge como um exemplo de urbanização e crescimento, refletindo a interação entre os sertões e as necessidades de uma população em expansão. A cidade se desenvolve como um centro comercial e cultural, representando as esperanças e os anseios da região.

Ademais, Fontes Ibiapina, como escritor e cronista, traz à luz as histórias e memórias do sertão piauiense, entrelaçando sua própria trajetória com as realidades locais. Juntos, esses elementos ajudam a entender nosso primeiro capítulo, de como o ambiente físico e social do Piauí molda a literatura e a identidade de seus escritores, criando um ciclo de influência entre terra, cidade e narrativa.

O segundo capítulo, intitulado: *Nada era inventado, tudo havia sido vivido com intensidade: o centenário Fontes Ibiapina*. No qual será destacado o autor centenário, juiz e literato João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, sua projeção nacional e o diálogo com a literatura. A ideia de um capítulo próprio para a vida e obra do autor surgiu da necessidade de apresentá-lo, observando a proeminência conquistada regionalmente e sua inserção na literatura nacional. As discussões versam sobre a vida e obra do autor e o contexto social, político e econômico em que estava inserido.

O terceiro capítulo, intitulado: *“E com fé, fazer sempre melhor”*: *narrativa das mazelas sertanejas*, dá continuidade às abordagens anteriores, trazendo discussões sobre a forma como Fontes Ibiapina evidenciava os sertanejos, a criação de gado, a seca, a pobreza, dentre outras mazelas.

A partir destes debates, entende-se que, com o avançar da modernidade e o crescimento das cidades, os indivíduos e suas práticas foram se modificando e se adaptando. Desta forma, procura-se perceber esta diversidade cultural existente no Nordeste, mais precisamente no estado do Piauí, e desmistificar os estereótipos envoltos neste âmbito cultural.

Para falar sobre estas temáticas, utilizaremos o arcabouço teórico de autores que descrevem o surgimento e desenvolvimento do Estado Piauiense e as adversidades que o sertão atravessa, a forma como estas são afetadas e afetam os indivíduos.

As considerações de Lima (2003), Bordini (2005), Grésillon (2007), Borges (2010), Queiroz (2020), Jacques Le Goff (2003), Pesavento (2007), Paul Ricoeur (1986), Roger Chartier (2001) e Veiga (2014) são indispensáveis para o debate sobre a interseção entre Literatura e História Cultural. Suas obras iluminam a importância da cultura dos impressos e manuscritos, destacando como a literatura não só manifesta contextos históricos e culturais, mas também serve como uma fonte valiosa para a pesquisa histórica. Esses estudiosos exploram a maneira como textos literários podem ser utilizados para entender e interpretar as realidades sociais, políticas e econômicas de diferentes épocas, reforçando a relevância da literatura na construção e preservação da memória histórica.

Os escritos de Caio Prado Júnior (2006), Gilberto de Melo Freyre (1938), Maria Odila Leite da Silva Dias (2001), Odilon Nunes (2007), Monsenhor Chaves (1988) e Lima Barreto (2009) enunciam debates significativos sobre a história das fazendas de gado na região nordeste do Brasil. Eles discutem as complexas interações entre as condições das secas, a vida dos escravizados, os impactos das guerras e as crises de saúde pública. Estes autores contribuem para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e econômicas que moldaram a história nordestina, abordando questões de desigualdade, resistência e adaptação em contextos adversos.

CAPÍTULO I - O EMERGIR DO TERREIRO DE FAZENDA: O PIAUÍ COMO PROTAGONISTA DA FICÇÃO IBIAPINIANA

*“Segunda metade do século XIX.
 Os homens chegaram tangendo bois.
 Construíram casas e fizeram filhos.
 Os meninos brincaram nas matas destes Picos.
 Os bois pastaram. Os bois passaram.
 Picos um dia foi curral de bois.
 Hoje é curral de gente.”*
 (PovoAção – Vilebaldo Nogueira Rocha)

No coração do Nordeste brasileiro repousa o estado do Piauí, uma terra em formato de meia, repleta de caminhos e encontros, que ao longo de suas trilhas poeirentas, cidadãos, tangendo bois e esperanças, escreveram as primeiras linhas da história deste estado. A cada passo dado, eram escritas nas memórias, nas terras áridas da caatinga, o sol escaldante e as altas temperaturas projetavam o cotidiano de um povo que “laboreava”³ com a criação de gado, as plantações e a temida seca.

O relevo piauiense, repleto de planícies e planaltos, contribuiu para sua colonização, pois foi nas chapadas que os primeiros povoadores implantaram seus currais de criação de gado, aproveitando-se das terras e dos cursos naturais dos rios da região.

Os primeiros habitantes – depois, os colonizadores portugueses - consideravam aquelas terras um paraíso, devido à união da Floresta Amazônica e a Mata Atlântica, que proporcionava condições excelentes para moradia, a flora e a fauna e os rios, indispensáveis para a sobrevivência.

Da Foz do Canindé ao Delta do Parnaíba, os povos nativos que ocupavam a região faziam uso da terra e dos rios para o plantio de milho, mandioca, algodão e a criação de animais, para o transporte de pessoas e de carga, como também para a produção de roupas e acessórios.

Como declara o poema *PovoAção* (2017) do autor Vilebaldo Nogueira Rocha, presente no livro *O Caçador de Passarinhos* (2017), o Estado do Piauí foi explorado diante da criação de gado, a partir do final do século XVII. O território piauiense, neste sentido, se destacou pelas suas condições naturais, pois, geograficamente, situa-se no meio norte ou nordeste ocidental do Brasil, sendo assim um território de transição do Nordeste Oriental semiárido para a exuberante região amazônica úmida, carregando aspectos morfológicos da região centro-sul do Brasil.

O poema supracitado traça, de forma simples e direta, em alguns aspectos, uma linha histórica partindo da metade do século XIX até a época em que foi escrito, sugerindo uma

³Trabalhava. IN: IBIAPINA, Fontes. Dicionário de Brasileirismos no Piauí. Teresina: C. G.do Banco do Nordeste, 2002.

percepção para a realidade, contextualizando o processo de colonização e desenvolvimento da economia do estado piauiense e da cidade de Picos, que se deu a partir da pecuária, da consolidação dos povoados e da conexão profunda com a natureza, onde “os meninos brincaram nas matas”, nos rios, com os animais. Uma mata que “os bois pastaram, os bois passaram”, que já não é mais a mesma. A nostalgia traçada por Vilebaldo Rocha descreve que os animais, que inicialmente foram considerados uma parte crucial da economia, e a mata, que antes era vista como distração, agora são vistos apenas como uma memória do passado.

Ligada à capital colonial, Oeiras, a cidade de Picos ergue-se em uma região que foi berço dos primeiros núcleos colonizadores. O processo de povoamento se deu através da construção de uma capela para Nossa Senhora da Conceição, em 1754, pela família Borges Leal, que na época detinha vastas extensões de terra nas proximidades do município. Através do desenvolvimento da fazenda desta família, a cidade recebeu o nome de Picos, por estar situada em uma área cercada por montes picosos, que lembram os Picos da Europa.

A partir da perspectiva espaço temporal/memória de Vilebaldo, a transição da cidade de Picos, de um espaço rural, dominado pelo pastoreio, para um espaço urbano povoado por pessoas, é uma crítica presente no poema, através do trecho “Picos um dia foi curral de bois. Hoje é curral de gente”. A antítese que conclui o discurso do autor revela um tom crítico, ao utilizar o termo curral para referir-se à sociedade, pois, embora a cidade tenha se desenvolvido, há uma ideia de manutenção de hábitos e costumes que existe na vida mais simples e rural. Assim como aborda Carlos (2007),

O que temos é que as casas de hoje, na metrópole, vivem trancadas com pessoas dentro, diante da televisão, sem contatos com a vizinhança pois cada vez mais a casa tem a função de preservar a individualidade, reforçando o privado. Desse modo o que era público, o que acontecia no ambiente da rua se fecha “intramuros”. Desse modo os lugares da cidade se delimitam, se fecham, se tornam exclusivos. (Carlos, 2007, p.52)

Uma mudança de valores que chegou simultaneamente com o avançar da urbanização e modernidade, tornando uma cidade mais restritiva, com muros altos, cercas elétricas e a diminuição da interação social, como o ato de sentar-se nas calçadas ou brincar na rua, transformando essa numa extensão de sua casa, pois na cidade grande encontram-se os perigos advindos da modernidade. A transformação dos valores urbanos evidencia uma cidade que, no presente, é radicalmente diferente daquela que o autor conhecia. Na época em que ele escrevia, a cidade era um espaço de convivência, onde as interações sociais se davam de forma mais aberta e natural, com as calçadas e ruas servindo como pontos de encontro comunitário.

Desta forma, é no decorrer deste capítulo que enunciaremos o emergir do Terreiro de Fazenda que seria a cidade de Picos, evidenciando o desenvolvimento de um espaço que, ora rural, transformou-se para uma Cidade Modelo⁴. A escolha deste título partiu da minha concepção de um processo de crescimento, entendendo a transformação do Terreiro de Fazenda, partindo de um simples espaço de uma propriedade agrícola, para o coração de uma economia, um local de convivências, criação de laços e inovações, compreendendo, assim, o Terreiro de Fazenda como uma metáfora para a valorização das raízes históricas e culturais da vida rural.

Este capítulo está estruturado em três tópicos, para proporcionar uma compreensão abrangente tanto do estado quanto da cidade de Picos. O primeiro deles, intitulado: *“Terra querida, filha do sol do Equador”*: o sertão do Piauí em evidência, apresenta aspectos do estado do Piauí, seus primórdios, seu desenvolvimento econômico, político e cultural ao longo dos anos.

No segundo tópico, nomeado: *“Nos campos de flores da Cidade Modelo: reconhecendo a cidade de Picos – PI e os seus sertões”*, exploramos o surgimento da cidade de Picos, bem como sua relevância e contribuição para o estado do Piauí, suas nuances históricas e sua influência na literatura Ibiapiniana.

No terceiro tópico, *“Um escritor de histórias e memórias: conhecendo Fontes Ibiapina”*, expomos um pouco o nosso autor, João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, sua trajetória nos Chãos de Meu Deus de Lagoa Grande e nos interiores dos Picos e das demais cidades piauienses.

1.1 “Terra querida, filha do sol do Equador”: o sertão do Piauí em evidência

No século XVI, a Coroa Portuguesa começou sua expansão colonizadora no território brasileiro. No entanto, a ocupação das terras do Piauí ocorreu na segunda metade do século XVII, iniciando pelo leste e sul do território, seguindo o curso dos rios Piauí, Canindé, Paraim e Gurguéia. A água desempenha um papel relevante no povoamento do território, pois as civilizações seguiam seus cursos para fugir ao solo semiárido e ao clima quente. Conforme evidencia Prado Júnior (1985, p.67),

⁴ Conhecida como a Capital do Mel e Cidade Modelo, a cidade de Picos-PI recebeu essa nomenclatura por refletir seu desenvolvimento econômico, social e urbano, sendo um importante polo comercial da região, principalmente para municípios vizinhos e outros estados, como Pernambuco e Ceará. Ademais, sua economia refletiu na agricultura e pecuária, sendo um dos principais produtores de mel, caju e derivados, além da criação de gado, que, ao longo dos anos, ainda fortalece a economia do estado.

Os fatores naturais, em particular a ocorrência da água, tão preciosa neste território semiárido, têm aí um papel relevante. É sobretudo na margem dos poucos rios perenes que se condensa a vida humana. No São Francisco, nos rios do Piauí, e do alto Maranhão. Intercalam estas regiões mais favorecidas com extensos desertos a que somente as vias de comunicação emprestam algumas vida. (...) As “cacimbas” (poços d'água) congregam quase todo o resto do povoamento; assim, onde o lençol de águas subterrâneas é mais permanente e resiste mais as secas prolongadas, bem como onde ele é mais acessível aos processos rudimentares de que dispõe a primitiva e miserável população local, o povoamento se adensa. “Olho d'água” é uma designação que aparece frequentemente na toponímia do interior nordestino: a atração do líquido é evidente. (Prado Jr, 1985, p.67).

O povoamento de seu território partiu da expansão e conquista de terra para a criação de gado e o plantio de cana-de-açúcar, utilizando como primeiro critério a presença de água. Com enfoque na prosperidade da produção de açúcar, o “ouro branco” da época, os engenhos de açúcar começaram a surgir ao longo do litoral nordestino e, em meio à vastidão das planícies, aflorou como uma atividade crucial da colonização, a criação de gado.

Com as instalações das tropas portuguesas lideradas por Domingo Afonso Mafrense e pela família Ávila nas proximidades do Rio Canindé, na década de 1670, ampliou-se o processo de expansão do território piauiense. No entanto, não se pode atribuir a expansão do território apenas para um seleto grupo de desbravadores, pois, naquele local, já se encontravam povos indígenas e pequenos proprietários de terra e criadores de gado. Como traz Alves (2003),

Nessas áreas permaneciam alguns moradores, comumente lavradores, que sobreviviam de suas pequenas roças, onde plantavam para subsistência, e os excedentes comercializavam com os viajantes que passavam pelo local. Instalavam-se ali também os prestadores de serviços ao gado e aos seus transportadores, ou às vezes, pequenos fazendeiros que se sustentavam do comércio de reses: compravam aquelas em péssimas condições, estropiadas pelas longas e estafantes viagens, recuperavam-nas e revendiam ou trocavam por outras junto aos que atravessavam os caminhos dos sertões. (Alves, 2003, p. 71-72).

Nesta perspectiva, em meados de 1701, a Coroa havia deliberado, através de uma carta régia, que nos primeiros 50 quilômetros da costa litorânea estava proibida a criação de gado, pois esta, com sua expansão, poderia prejudicar as plantações da cana-de-açúcar, o produto mais lucrativo. A expulsão do gado para os sertões no fim do século XVIII permitiu a formação, por parte dos colonizadores, de vastas propriedades.

Enquanto em algumas áreas se encontravam os primeiros moradores das terras, lavradores e pequenos fazendeiros, Fontes Ibiapina (1971) evidenciava que nas localidades da Fazenda Tombador não havia outros moradores, que as terras eram secas e desabitadas.

Quando ali chegaram, não havia vivalmas para remédio por aquelas bibocas. Naqueles tempos, aquelas paragens não tinham para bem dizer donos. Era assim como se uma coisa-do-monte que o primeiro que chegasse podia se apossar da maneira que bem entendesse. Tombador era aquele mundão folote de Terras. Mas inculto, sêco de tinir durante o verão. E desabitado. Só aquele chapadão sem fim e pronto. (Ibiapina, 1971, p.09)

Com o avanço das fronteiras coloniais, a criação de gado tornou-se uma das bases econômicas do Brasil colonial, pois além de fornecer carne, leite e couro, elementos essenciais para a alimentação e vestuário, também transportava mercadoria e fazia a movimentação das pessoas, que dependiam de bois e cavalos.

Segundo Ibiapina narra na obra *Nas Terras do Arabutã* (1984, p.75), estava “tudo correndo desembestado no chão largo do progresso”⁵. O gado e as lavouras passariam a oferecer mais lucro e, portanto, visibilidade para a colônia, movimentando seu mercado interno, sendo responsável por boa parte da expansão dos territórios colonizados, contribuindo para uma maior movimentação econômica.

Em contraposição a todas as regiões, onde a expansão ocorria do litoral para o interior, na região Nordeste, esta expansão se dava do interior para o litoral. Enfrentando todas as adversidades, como a longa trajetória e as diferenças climáticas, os sucessos e os fracassos que a agropecuária atravessou foram vários, e mesmo com isso, continuou a prosperar no sertão. Na sequência, daremos enfoque ao estado do Piauí.

Ao longo das margens do rio Parnaíba, florescia a vida no sertão. A terra piauiense se desdobrava sob o sol do Equador, envolta em matas virgens e rios caudalosos que garantiam novas oportunidades e um refúgio contra as adversidades, como a seca. Na foz do rio Parnaíba está situado o Delta do Rio Parnaíba, localizado entre Maranhão e Piauí, entre as dunas e o encontro das águas.

Dessa forma, o Piauí se apresenta como conjunção de regiões bem distintas do Brasil, sob aspectos múltiplos. E o mais importante é o aspecto demográfico que, conjugado aos outros, como consequência natural, deixa-se profundamente influenciar, a denotar características próprias. Estudemos o povoamento, no período colonial, e veremos então suas peculiaridades, provindas do complexo cenário, como fator preponderante na formação das tradições do piauiense e a fixação de suas tendências. (Nunes, 2007. p. 54).

⁵ Este trecho refere-se a Anacleto do Arabutã, personagem da fazenda fictícia Arabutã, que possuía uma afortunada lavoura e diversos currais cheios de gado, ovelhas e bodes, que contribuíam para a produção de requeijão, queijo, coalhada e carne gorda.

O Piauí começou a revelar-se na segunda metade do século XVII, uma época em que as expedições eram motivadas pela busca de terras férteis e campos vastos onde o gado poderia prosperar. Neste sentido, os expedicionários viram na região um poderoso cenário para a expansão dos seus territórios, construindo suas primeiras moradas às margens dos rios, que forneciam água em abundância para as lavouras e rebanhos. Como Ibiapina, como narrador, demonstra no trecho da obra *Sambaíba* (1963), ao relatar o crescimento da Fazenda.

O barracão crescia sem sossego. Mas crescia mesmo! Vinha gente de todo buraco à procura de Quitério para arranjar colocação. Gente que não se sabia sequer de onde vindo, - do ôco do mundo, da pedra-lascada, dos cafundós de Judas. No barracão era que o movimento era grosso! Mais de quarenta homens tirando leite de maniçoba. E cada dia chegando mais. Vinha gente do buraco-da-velha à procura de serviço no barracão do Sítio. O povo sentia o faro de longe. Aquilo era que era ser movimento! Mais de dez burros lombando borracha para os armazéns da vila. E Quitério encarapitado numa burrona-desela, dos Picos para o Sítio, do Sítio para os Picos, assim que nem lançadeira de máquina de costura. O homem não sossegava um dia, a não ser aos domingos. Parecia que quanto mais dinheiro, mais vontade de ganhar dinheiro tinha. (Ibiapina, 1963, p. 116)

A citação de Fontes Ibiapina retrata um momento de transformação econômica e social no sertão piauiense, no qual a figura de Quitério se destaca como um símbolo do empreendedorismo e da movimentação constante do trabalho rural. Historicamente, esse cenário pode ser problematizado a partir da análise das dinâmicas sociais e econômicas que moldaram a região durante a época em que Ibiapina escrevia.

O crescimento do barracão e a afluência de trabalhadores de diversas localidades indicam um movimento migratório impulsionado pela busca de melhores oportunidades, refletindo a precariedade das condições econômicas em áreas rurais e afastadas. Essa migração é um fenômeno comum em regiões do interior do Brasil, especialmente em períodos de crise, de modo que a luta por sobrevivência leva as pessoas a se deslocarem em busca de trabalho.

Nesse sentido, a narrativa de Ibiapina é uma reflexão sobre as contradições do progresso: enquanto o barracão simboliza o crescimento e a oportunidade, também revela a fragilidade da vida dos trabalhadores, que se lançam na busca por uma vida melhor, mas muitas vezes se deparam com a exploração e a desumanização nas relações de trabalho.

Neste sentido, Knox (1986) destaca que a expansão e o desenvolvimento das vilas e cidades no início do século XIX se deu por três polos de atração: a do mar (representada pelo Maranhão), a da Bahia, de influência no sul do Piauí, e a força do centro, sendo que muitas dessas forças geográficas decidiam os destinos da Capitania e da Província, ou seja, o

desenvolvimento demográfico, o crescimento das vilas e cidades ficariam ora atraídos por um polo, ora por outro. No mapa abaixo (Mapa 1), compreendemos a localização do Piauí em relação aos demais estados do Nordeste.

As relações e o transitar entre os estados era algo que acontecia constantemente, fortalecendo assim as heranças culturais, pois, como destaca Barros (2006, p.468), “homem, espaço e tempo aparecem como três fatores indissociáveis.”

Mapa 1: Localização do estado do Piauí



Fonte: IBGE, 2024.

Desta maneira, como destaca Alves (2003), a pecuária se constituiu na mais importante atividade subsidiária nos engenhos, além disso, foi responsável pelo movimento que iria povoar vastas áreas do território brasileiro. Desta forma, pode-se destacar que o seu início, primeiramente, adquiriu um caráter itinerante, valendo a si mesma, não necessitando, por exemplo, de grandes investimentos de capital e pessoal para o seu funcionamento.

Mesmo que houvesse diversas práticas pecuárias e outras fossem surgindo ao passar do tempo, a que mais se percebia no interior piauiense é a pecuária extensiva, que se demonstra pela criação do gado solto, em grandes áreas de terra e sem grandes recursos tecnológicos. Técnicas mais utilizadas devido aos grandes fatores naturais que favoreciam este tipo de prática, como a pluviosidade mais elevada e mais bem distribuída, cursos d'água permanentes e as grandes extensões de terra, que fortificavam, ainda mais, esta indústria bovina, pois “o Piauí

tinha, então, em seus principais rios, riachos, brejos e lagoas, cento e vinte e nove fazendas de gados, em que moram quatrocentos e quarenta e uma pessoas entre brancos, negros, índios, mulatos e mestiços.” (Nunes, 2007, p.99).

O Piauí colonial, além do desenvolvimento da agropecuária, teve influência econômica a partir da plantação da maniçoba e do algodão, tornando-se um grande centro de produtos têxteis, de distribuição de insumos e promoção de mão de obra, fazendo com que indivíduos de todo o país tivessem interesse neste comércio. Assim como evidencia Braudel (2009, p.16), “como as economias-mundos foram de duração muito longa, cada uma evoluiu e se transformou localmente em relação a si própria e às suas épocas, as suas fases sucessivas sugerem por sua vez algumas aproximações.”

No entanto, o gado também iria desempenhar certa influência acerca do papel exercido pela sociedade, pois a ocupação das pastagens pelo gado assegurava a apropriação da terra pelos proprietários, causando conflitos e disputas entre fazendeiros e posseiros que marcavam o sistema agropecuário. Como evidencia Nunes (2007, p.109),

Na bacia oriental do Parnaíba, a luta pelo domínio da terra já toma outro aspecto: manifesta-se entre posseiros e sesmeiros, entre os que colonizam os vales de seus rios, e aqueles potentados absentistas que, apoiados em autoridades venais, exploram o trabalho dos que, com sacrifício de sangue, efetivamente povoam e enriquecem as campinas que devassam. (Nunes, 2007, p. 109)

O trecho de Nunes destaca um conflito histórico fundamental na bacia oriental do Parnaíba, onde a luta pelo domínio da terra se intensifica entre posseiros e sesmeiros. Este embate não é apenas uma questão de posse, mas revela as tensões sociais e econômicas na história da colonização brasileira.

Com o duro golpe na economia do Estado, na primeira metade do século XX, a pecuária entrou em declínio e a desvalorização do ciclo da maniçoba e da cera de carnaúba, abriu espaço para novas formas de movimentar a economia, como o transporte fluvial, utilizando-se do rio Parnaíba e, posteriormente, o transporte ferroviário, entre Teresina e Parnaíba, os veículos automotores, que são mais velozes e mais eficientes.

Mesmo com o ciclo da maniçoba, a produção do algodão e da cera de carnaúba, o contexto histórico piauiense, em meados e fim do século XX, se desenvolve lentamente, em sua estrutura econômica, social e política, sendo considerado assim, segundo Romero (2009), um exemplo de atraso em relação ao Sul e Sudeste. Com boa parte da sua população residindo na

área rural, muitos saíram de suas terras em busca de novas perspectivas de vida, mudando-se para as grandes capitais, como São Paulo e Brasília, em construção.

Mesmo com a construção da barragem hidrelétrica de Boa Esperança, inaugurada em 1970 durante o governo do presidente e ditador Garrastazu Médici, os esforços não foram suficientes para mitigar as graves consequências da seca. Além disso, o contexto da ditadura militar agravou os problemas sociais e econômicos da região, causando desgaste adicional à população afetada.

O refrão, retirado do Hino do Piauí⁶, “Piauí, terra querida, filha do sol do Equador”, que intitula este tópico, reforça a localização próxima à linha do Equador, sublinhando a intensidade do sol e o calor característico da região. Segundo Ibiapina (1975, p.83), os *brocotós*⁷ piauienses eram, por muitas vezes, considerados um “pedaço de chão pobre”, “pobre e infeliz e miserável terra”, um lugar onde vive um “pobre sofredor”, no entanto, “a melhor terra do mundo pra gente pobre viver”.

No entanto, ao aprofundarmos essa imagem com as palavras de Ibiapina, revelam-se camadas mais complexas e problemáticas sobre a percepção e a realidade histórica do Piauí. O contraste entre o refrão e a descrição de Ibiapina mostra uma dualidade comum na literatura regionalista: a idealização da terra e a crua realidade social.

A referência ao "sol do Equador" como uma característica marcante da região serve para exaltar um elemento natural, que ora alegra, ora castiga, em razão do clima severo, com calor intenso e secas frequentes, que afetavam diretamente os meios de subsistência da população, como a agricultura, transformando a terra num “pedaço de chão pobre”.

Essa dualidade reconhece as dificuldades que moldaram as identidades da região, caracterizando os sujeitos como “pobres sofredores”. Apesar da descrição dura da terra, a afirmação de Ibiapina de que é “a melhor terra do mundo pra gente pobre viver” fala a favor de um senso de resiliência, adaptabilidade e a capacidade de encontrar contentamento e propósito, mesmo em circunstâncias desafiadoras, destacando que “pobre aqui não vale coisa nenhuma, basta ser pobre para ser um desfeitado nesta terra.” (Ibiapina, 1984, p.33)

⁶ O Hino do Piauí é uma composição do poeta Antônio Francisco da Costa e Silva, com música de Firmina Sobreira Cardoso e Leopoldo Damascena Ferreira. Adotado pela Lei 1078 de 18 de julho de 1923, devido às comemorações do centenário da adesão do Piauí à Independência do Brasil.

⁷ Vizinhos. IN: IBIAPINA, Fontes. Dicionário de Brasileirismos no Piauí. Teresina: C. G. do Banco do Nordeste, 2002.

O Piauí é vasto em suas manifestações culturais. Seja na dança, nas músicas ou no teatro, é na arte que é demonstrada uma face de sua identidade. Os festivais, os Bandolins⁸, Cavalo Piancó⁹, Bumba-meu-boi¹⁰ e a Congada¹¹ são exemplos da preservação das culturas piauienses, incentivando os artistas e o povo a conhecerem suas próprias raízes.

Além dos festejos, as crendices, superstições e curiosidades acerca do folclore piauiense ecoam nas narrativas de Ibiapina. As superstições populares variam no tempo e espaço entre as diferentes sociedades e culturas, persistem ao longo dos anos, sendo transmitidas através de pinturas, lendas e histórias. Ibiapina discorre sobre lendas, crendices e superstições que versam sobre as secas e as chuvas, em relação ao plantio, ao vaqueiro e à criação de gado, aos maus agouros ou meios que provocavam/evitavam maus acontecimentos ou prometiam coisas boas.

As lendas piauienses têm suas raízes nas tradições indígenas, africanas e europeias, que se misturaram ao longo dos séculos. Ibiapina contava histórias como as dos Lobisomens, Mula-sem-cabeça, Mãe-d'água, Zamba, entre outras, que retratavam a responsabilidade e o respeito dos casais, submissão religiosa, obediência aos pais e defesa das águas. Uma das lendas mais conhecidas é a do Cabeça de Cuia, que conta a história de um homem que, após cometer matricídio, é amaldiçoado a vagar pelo rio Parnaíba, assombrando os moradores ribeirinhos. Esta lenda ressalta a relação íntima da população com o rio, que sempre foi vital para a sobrevivência e o desenvolvimento econômico da região, mas também um local de perigos e mistérios.

Fontes Ibiapina (1982, p.11) considerava o folclore uma ciência, por possuir um conteúdo etno-sociológico, abrangendo toda e qualquer área de cultura, evidenciando que “qualquer gênero do folclore é compreendido e interpretado por todos, desde as comunidades mais rústicas e primárias às mais selecionadas elites culturais. Claro que cada um a seu modo, de acordo com sua capacidade intelectual.” Reflete, assim, uma visão hierárquica e etnocêntrica ao descrever algumas comunidades como "rústicas e primárias". Esse etnocentrismo se manifesta na ideia de que a interpretação do folclore por culturas populares é inferior às elites

⁸ Os bandolins são um instrumento musical, em formato de pera, tradicional da cidade de Oeiras – Piauí. Atravessando gerações, cinco mulheres levaram esta cultura Brasil afora, dando continuidade à tradição com a criação da Orquestra de Bandolins de Oeiras, em 2016.

⁹ É uma dança folclórica oriunda do município de Amarante – Piauí. A dança é realizada por crianças ou casais que formam um círculo e imitam o trote de um cavalo, com ritmos e velocidades que variam de acordo com a música e a coreografia, geralmente improvisada.

¹⁰ Considerado patrimônio cultural imaterial do estado, o Bumba Meu Boi é uma das principais manifestações culturais do Piauí que envolve dança, músicas, desfiles e apresentações teatrais.

¹¹ A congada é uma expressão cultural e religiosa afro-brasileira que mistura dança, canto, teatro e espiritualidade, que recria a coroação de um rei do Congo.

culturais que, embora diferentes, são igualmente sofisticadas. O autor, na obra *Mentiras grossas de Zé Rotinho* (1977), destacava que,

O folclore, em seu todo, não é regionalismo. Não há gênero mais universal que o folclore. [...] Nada nos move a consciência nem tão-pouco nos suscetibiliza, se por acaso versões sobre alguns destes casos estejam já autenticados por um vulto de letras como um Simões Lopes Neto (lá nos confins dos pampas), um Graciliano Ramos (bem ali nas Alagoas), um Júlio Rodrigues de Sousa (nos sertões da Bahia). Pelo contrário!... Mais uma prova, mais um atestado, uma certidão *verbum ad verbum* que, no caso, estamos apenas reproduzindo capítulos da literatura falada. Literatura saborosa que nos foi legada por nossos ancestrais, através dos tempos naquelas chancudas palestras de ponta-de-terreiro, nos idos e nunca esquecidos dias da infância. (Ibiapina, 1977, p.14)

Articular sobre as metamorfoses que o Piauí sofreu ao passar dos anos é imprescindível para compreendermos a herança cultural e histórica que permeia as identidades piauienses. Como observou o personagem Pau de Fumo¹², o Piauí “já perdeu o *h* que tinha no nome [Piauhy]– a primeira letra do homem. Por isso mesmo, esta terra velha nossa não presta mais. Também é a primeira letra de honra. Isto aqui já prestou. Terra do já-teve.” (Ibiapina, 2004, p. 152).

A citação em questão revela um viés profundamente machista ao associar a perda da "primeira letra do homem" (referindo-se ao "h" de "homem") no nome "Piauí" a uma suposta decadência e perda de valor da terra. A afirmação sugere que a honra e a virtude de uma terra estão diretamente ligadas a características masculinas, refletindo uma visão de mundo patriarcal onde o masculino é sinônimo de força, valor e integridade.

Essa visão ignora as contribuições das mulheres e outras identidades na construção e manutenção da sociedade, perpetuando a exclusão de narrativas femininas e de gênero na história e na cultura. Além disso, ao afirmar que a terra "não presta mais" por ter perdido essa "letra do homem", o personagem desconsidera as complexas realidades sociais, econômicas e culturais que influenciam a história de uma região, simplificando-as a uma noção arcaica e sexista de valor.

Reforçando a ideia de que as qualidades masculinas são superiores e essenciais para a prosperidade e moralidade de uma sociedade. Ao sugerir que o Piauí teria sido uma terra digna

¹² Inserido na literatura de Fontes Ibiapina, na obra *Palha de Arroz* (1968), Pau de Fumo era o vulgo de Chico da Benta (que pode ser entendido como Francisco, filho de Benta). Era um homem negro, criado com boas condições financeiras, mas ao perder seu pai precocemente, teve que recorrer a uma vida marginalizada, morando em uma palhoça no bairro Palha de Arroz, em Teresina, capital do Piauí, com sua esposa e três filhos, e praticando pequenos furtos.

quando associado a valores tradicionalmente masculinos, a citação implica que a decadência da região está ligada à perda dessas qualidades, desconsiderando as complexas realidades sociais, econômicas e culturais da história da região.

É fundamental reconhecer que, antes de apresentar a cidade de Picos, é necessário um breve entendimento do Piauí em sua complexidade histórica, cultural e social. As diversas nuances do estado, muitas vezes destacadas nos discursos de Fontes Ibiapina, revelam uma região rica em tradição e resistência, em que as transformações são fruto de um contínuo diálogo entre o passado e o presente. Assim, ao mergulhar nessas histórias, torna-se possível compreender o significado e a relevância da Cidade Modelo, que tantas vezes foi alvo dos olhares críticos e das reflexões do autor.

1.2 Nos campos de flores da Cidade Modelo: reconhecendo a cidade de Picos – PI e os seus sertões

Ao flunar pelas cadeias montanhosas piauienses, nos deparamos com o município de Picos. Localizado ao centro-sul do estado, Picos constitui uma cidade articulada e fragmentada, considerada o terceiro maior PIB do estado, atrás apenas da capital Teresina e do litoral Parnaíba. Como citado anteriormente, o município teve o início do seu povoamento partindo da Fazenda Currálinho, da família Borges Leal, e foi se desenvolvendo, atraindo diversos sertanistas e comerciantes, em meados de 1828.

Os primeiros indícios de formação da sociedade colonial surgiram no século XVIII, a partir das fazendas de gado e da chegada de imigrantes portugueses e italianos, principalmente. Por ter uma área considerada fértil, utilizando-se das águas do Rio Guaribas, Picos teve grande desenvolvimento através da agropecuária, com influência econômica a partir da plantação da maniçoba, cera de carnaúba, do algodão e da produção de couro e mel¹³, tornando-se um grande centro de produtos têxteis, de distribuição de insumos e promoção de mão de obra, fazendo com que indivíduos da região tivessem interesse neste comércio. Assim, como evidencia Ibiapina na obra *Destinos de Contratempos* (1974),

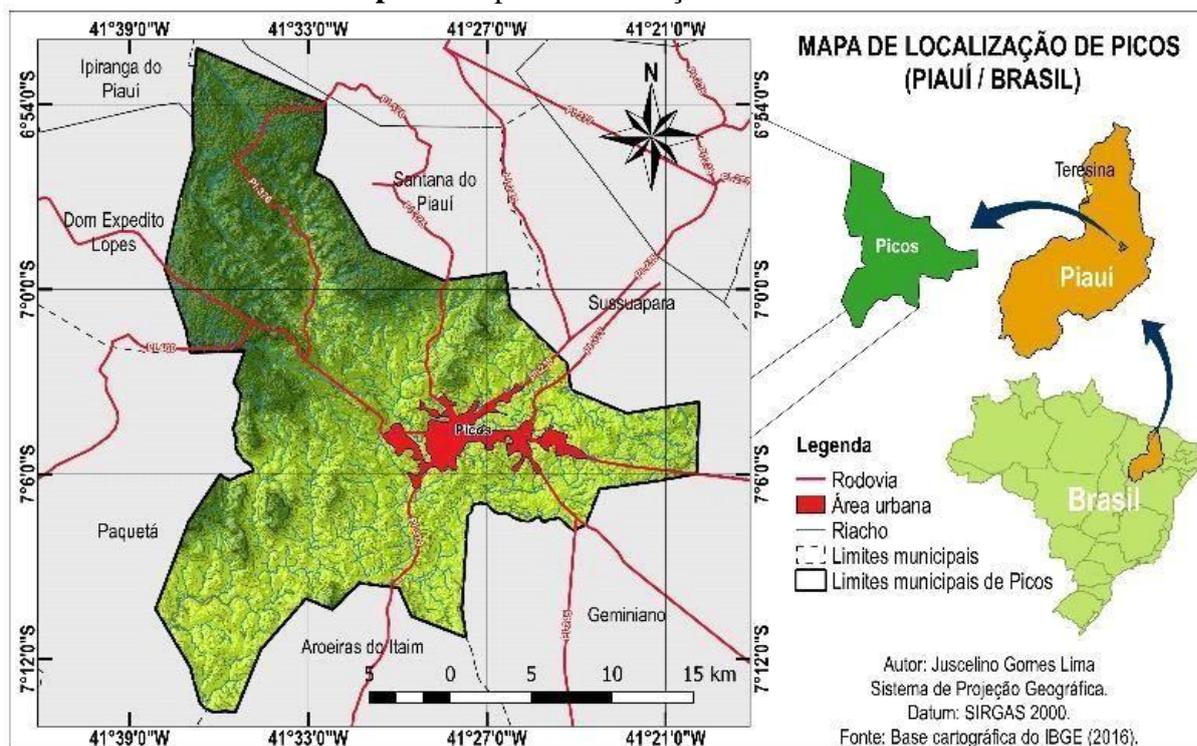
Vou lhe dar qualquer explicação do que vivi, para o senhor tirar conclusões de como mais ou menos foi aquilo. Me botei pra lá. Em primeiro lugar, estive no barracão chamado Fidalgo. Movimento bonito e animado aquele. Muito mais agitado que o movimento da cidade de Oeiras. Aquilo, o povilêu se agrupava

¹³ Para mais informações sobre a História e o desenvolvimento da cidade de Picos, confira a Dissertação de Mestrado em História do Brasil “Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)” de Mara Gonçalves Carvalho (2015).

no centro da mata, em barracas assim como se uma cidade nascendo no centro da chapada bruta. Casas e mais casas de mantimentos, de comércio, residências, rancharias, mercados e tudo. Ranchos de todo jeito. Nada faltava, pois se via cada banca de tecidos e mercadorias outras que valia por uma loja. Só que de uma carestia danada. Tudo pela hora da morte. Aquilo, vinha comerciante de toda redondeza – Picos, Oeiras, Amarante, Floriano, Barreiro Branco [...] (Ibiapina, 1974, p.116).

Diante da discussão aqui proposta, faz-se necessário localizar cartograficamente a cidade de Picos – PI, para então compreendermos seu povoamento e as suas microrregiões. A partir da análise do mapa abaixo (Mapa 2), percebemos a área urbana, em vermelho, o grande número de rodovias e de riachos que cercam a região, características pontuais para o desenvolvimento dos brocotós picoenses.

Mapa 2: Mapa da localização de Picos - PI



Fonte: Elaborado a partir do IBGE, 2016.

Conforme destacado por Duarte (1995), a cidade era caracterizada por uma convivência harmoniosa entre a zona urbana e a zona rural, especialmente na faixa úmida que se estendia do leito do rio Guaribas até os limites urbanos. Este espaço desempenhava um papel central na sociabilidade da sociedade picoense, funcionando como um ponto de encontro e interação entre os moradores das diferentes áreas da cidade.

Com temperaturas elevadas, a cidade construída em torno do Rio Guaribas crescia economicamente após a seca de 1932¹⁴. A população baseava seu comércio na feira de produtos cultivados - como alface, cebola, coentro, o alho - e na prática da lavagem de roupas e da pesca, aproveitando-se da abundância do rio.

A construção de açudes contribuiu para esta abundância de água e produtos alimentícios. Os açudes surgiram como uma solução prática para a escassez de água em regiões com altas temperaturas e períodos de seca prolongada. Essas estruturas foram projetadas para coletar e armazenar água da chuva, possibilitando o abastecimento das cidades e a irrigação de terras agrícolas, contribuindo para a segurança alimentar e a subsistência das populações.

Nesta perspectiva, encontrava-se o município de Picos que, aos poucos, estava desenvolvendo seu traçado urbano, expandindo-se e demarcando suas entrelinhas históricas. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1950, a área territorial do estado foi dividida em 54.713 setores, sendo 50.145 nas zonas rurais e 4.568 nas zonas urbanas. (IBGE, 1956, p. 79). No entanto, a partir do recorte temporal proposto, dos anos de 1963, a cidade de Picos já era considerada um município predominantemente urbano, todavia mantinha características rurais, sendo subdividida entre urbano, suburbano e rural (IBGE, 1960, p.204).

A urbe picoense, de acordo com o censo de 2022 (IBGE, 2022), possui o território de 577,284 km², com aproximadamente 83,090 habitantes, além de estar localizada no principal entroncamento rodoviário do Nordeste, que liga o Piauí aos estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia.

É seguindo uma das diversas rotas picoenses interior adentro, atravessando a caatinga e as decidas e subidas dos morros, que está localizada a zona rural de Lagoa Grande, onde Fontes Ibiapina cresceu e espelhou as suas histórias. A imensidão do céu azul e o silêncio do interior se comparavam às luzes da cidade e à aglomeração da movimentação cotidiana. Desta forma, acerca dos transportes, na obra *Mentiras grossas de Zé Rotinho* (1977), o autor evidencia que

Hoje, tudo é diferente, especialmente em transporte. Só queria que vocês vissem como que se arrastava pelas estradas carroçais anos atrás. Pois bem. Mesmo anos depois, quando carro já não era novidade nessa terra, só se vendo as estradas! A mesma coisa das estradas de carro-de-boi ou mesmo de se andar a cavalo. E isto até bem pouco tempo. Não sei por que o povo ainda fala do governo. Olhe que só a gente prestando bem atenção, é pra homem nenhum botar tacha. Cada dia que Deus dá, ele abrindo as estradas e mais estradas por

¹⁴ O retrato da seca de 1932 deu-se devido à grande estiagem que ocorria desde 1926. A seca deste ano levou o presidente Getúlio Vargas a determinar a construção de açudes, onde os retirantes trabalhariam, levando, até mesmo, à construção de campos de concentração – ou “currais do governo” - no estado do Ceará.

cima de estradas. E só estradas de primeira qualidade, de o camaradinho olhar e ficar se babando. Já não mais nem de piçarra, como quando de começo ele mesmo o construía. Tudo no asfalto puro, chega o carro corre sereno que nem abala. Tudo o quanto de cidades ligadas por estradas asfaltadas. Até Uruçuí. (Ibiapina, 1977, p.153).

As palavras citadas por Ibiapina transmitem uma percepção de progresso e mudança nas infraestruturas de transporte ao longo do tempo, especialmente no contexto de estradas e rodovias. No início do século XX, muitas regiões do Brasil, incluindo áreas rurais e cidades menores, dependiam de estradas de terra e caminhos carroçáveis para se relacionarem. Como afirma Ibiapina na citação acima, estavam “tudo o quanto de cidades ligadas por estradas asfaltadas”. (Ibiapina, 1977, p. 153).

Os interesses do mercado automobilístico cresceram durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), influenciando na infraestrutura do transporte terrestre em detrimento dos outros modos de transporte no país. A citação evoca a ideia de progresso que permeou a segunda metade do século XX no Brasil, um período marcado pela ditadura militar (1964-1985). Durante esse tempo, o regime adotou uma política de "modernização conservadora", que buscava integrar o país através da construção de infraestrutura, especialmente estradas. Esse investimento em obras viárias era visto como símbolo de modernidade e desenvolvimento econômico.

As estradas não apenas facilitavam o transporte de mercadorias e a mobilidade das pessoas, mas também buscavam unificar as diversas regiões do Brasil, promovendo um acesso mais fácil às áreas mais remotas e integrando o interior ao litoral. Essa estratégia visava impulsionar a economia nacional, refletindo uma visão centralizadora e modernizadora.

Embora a modernização das estradas tenha trazido benefícios econômicos significativos, como a facilitação do comércio e o aumento da mobilidade, também teve suas críticas e consequências. No Piauí, ocorreu a partir da década de 1970, quando a expansão rodoviária começou a impactar profundamente as comunidades locais, resultando em deslocamentos e alterações nos modos de vida tradicionais.

Essa mudança gerou custos ambientais elevados, como o aumento da emissão de gases de efeito estufa e a degradação das estradas. Além disso, o abandono das ferrovias prejudicou regiões que dependiam desse meio de transporte para escoar sua produção, sobretudo as áreas rurais e os estados menos desenvolvidos. A concentração de investimentos em rodovias acabou por reforçar desigualdades regionais, beneficiando principalmente os grandes centros urbanos e as áreas economicamente mais dinâmicas, enquanto o interior e as regiões mais pobres ficaram ainda mais isoladas.

Outro ponto crítico é a manutenção das rodovias, que se mostrou onerosa e ineficiente ao longo do tempo. A infraestrutura rodoviária requer constantes investimentos para a conservação, algo que nem sempre foi devidamente executado, resultando em estradas em más condições e, conseqüentemente, em acidentes e perdas econômicas.

Ao nos afastarmos da área urbana, o asfalto dá lugar às estradas de terra batida, piçarra e areia. Os edifícios se dissipam, cedendo espaço à vegetação típica da caatinga, com seu verde-amarronzado marcado por xiquexiques e mandacarus.

Esse contraste é claramente percebido ao sair de Picos em direção à Lagoa Grande ou aos demais sertões circundantes da macrorregião picoense, como os povoados de Saquinho, Vaca-morta, Capitão de Campos, entre outros. O mapa abaixo, obtido via Google Maps (Mapa 3), ilustra a distância que separa a zona urbana – Centro da cidade - da zona rural – povoado Saquinho¹⁵ -, evidenciando essa transição entre o ambiente urbano e o sertão.

Mapa 3: Distância do centro da cidade de Picos para a zona rural



Fonte: Google Maps, 2024.

¹⁵ A escolha de referenciar o Povoado Saquinho está enraizada na sua significância histórica como o primeiro povoado em direção ao Povoado Lagoa Grande, que está localizado ao lado. Essa localização estratégica não apenas destaca o Povoado Saquinho como um marco inicial na configuração da área rural, mas também estabelece uma conexão direta com Lagoa Grande que não aparece nos mapas digitais.

Como destacou o autor, “vivo aqui, nesses cafundós¹⁶, renitente que nem pinto em pé de cerca, tentando fazer literatura sem quase ambiente.” (Ibiapina, 1963, p.14). A dicotomia entre cidade e campo é algo bastante presente no cotidiano daqueles que vivem em Picos. Ao passar do dia, diversos ônibus transitam pela cidade, entre idas e vindas de interiores e municípios vizinhos, para usufruir do cardápio da cidade Picoense, como a educação, saúde ou comércio.

Na literatura Ibiapiniana, esse ritmo citadino também foi documentado, onde, desde a época da juventude de Ibiapina, Picos era vista como um palco de oportunidades, do sonho moderno e de inovações, ainda que estivesse na transição entre o rural e o urbano, com suas características interioranas, por exemplo, com animais soltos nas ruas, brincadeiras urbanas, hortas e criação de animais nos quintais, principalmente porcos e aves, e voltados para o consumo familiar. Na obra *Tombador* (1971), a fazenda funcionava como este local de encontros, como evidencia o autor:

Gado no curral, vaqueirama em casa. O almoço já velho de esperá-los. Carne verde, carne seca; coalhada escorrida, coalhada em sôro. Requeijão, queijo-de-coalho, rapadura. De um tudo em matéria de comida. Mesa farta. Logo depois, a vaqueirama no alpendre. As negras atavam aquelas redes tapuiranas com cada labirinto bonito chega bandeirava. Os vaqueiros se esparramavam, todos de pança forrada, de pança servida. E entabulavam conversa. Cada um queria narrar façanha maior. (Ibiapina, 1971, p.71)

Ibiapina transborda uma cena vívida da vida rural, capturando a essência da cultura sertaneja e o cotidiano dos vaqueiros. A descrição do “gado no curral” e da “vaqueirama em casa” sugere uma conexão intrínseca com a terra e a tradição, ressaltando o trabalho árduo, a rotina do campo e as interações sociais que ocorrem no alpendre, como a fartura alimentícia, as redes armadas e as façanhas contadas entre eles. Essa troca de histórias não é apenas um passatempo, mas uma forma de preservar a memória cultural e as tradições orais que sustentam a identidade da comunidade.

Nesse sentido, Eneas Barros (2012, p.23) destaca uma conversa que teve com Antônio de Moura Ibiapina, o “Pebinha” – irmão de Fontes Ibiapina – em que o mesmo, revive suas memórias, evidenciando que muitas coisas mudaram. Observando aquela região, que antes fora castigada pela seca, pelas enchentes, também passou por muitos momentos de fartura, que hoje não existem mais.

¹⁶ Vizinhanças. IN: IBIAPINA, Fontes. Dicionário de Brasileirismos no Piauí. Teresina: C.G. do Banco do Nordeste, 2002. Ao mencionar os cafundós, o autor busca evocar a simplicidade de sua casa na zona rural, um espaço que reflete não apenas um modo de vida mais tranquilo, mas também os costumes e tradições locais.

Além de compreender os locais retratados na narrativa de Fontes Ibiapina, é necessário apresentar o locutor destas memórias. No tópico abaixo, conheceremos João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, que, através das histórias vividas/ouvidas na sua infância, transmitia uma parcela das culturas piauienses.

1.3 Um escritor de histórias e memórias: conhecendo Fontes Ibiapina

Cem anos +3. Em 2024, comemoramos o centésimo terceiro aniversário deste autor. Nascido em 14 de junho de 1921, filho de Pedro de Moura Ibiapina e Raimunda Fontes de Moura, o professor, juiz, folclorista e literato João Nonon de Moura Fontes Ibiapina é protagonista da sua narrativa, e assim, seus escritos se tornam objeto de estudo desta dissertação.

O locutor das memórias não apenas recorda, mas também atribui significados às suas vivências, transformando experiências individuais em narrativas coletivas. Sua voz revela detalhes que vão além dos registros oficiais e das estatísticas frias, captando as memórias que dão vida a esses locais. Assim, podemos sentir e compreender o mundo através dos olhos daqueles que o viveram intensamente.

Oriundo do Povoado Lagoa Grande, localizado na zona rural da cidade de Picos-PI, que fica a aproximadamente 318km de Teresina, teve sua juventude repleta de situações que serviram para enriquecer suas narrativas. Como evidencia Ibiapina (1974), sua casa estava situada em uma fazenda, uma construção simples, mas que estava marcada pelos traços da escravidão. O autor aborda características sobre sua residência no conto *Destinos de contratemplos* (1974),

Morávamos numa fazenda. Casarão de pedra dos tempos de meu avô paterno. Já com quase um século. Construção sólida, feita por braços de escravos. Toda de pedras e com barro amassado traçado de sangue e estrume de gado, que fica quase como cimento. Paredes com bem um metro de espessura, casarão enorme! Duas salas e uma varanda, quatro quartos de dormida, um dito dos santos, um outro de despensa. Alpendre. Cozinha grande. Ficava em cima dum alto, com uma lagoa dum lado e um riacho do outro. À frente, um panorama bonito que as vistas da gente se perdiam no verde do carnaubal estacionando-se ao longe numa bonita barra azul de serras. No outro lado da lagoa, uma capelinha branca também em cima dum alto (Ibiapina, 1974, p. 22-23).

Baseou-se nas suas vivências nos terreiros de fazenda e no flunar pelas cidades em que viveu – como Picos, Teresina e Parnaíba-, estas, exerceram bastante influência na sua literatura.

Tornando-se referência social/intelectual sobre a cultura do Piauí, sendo apontado pela crítica como herdeiro do Romance de 30¹⁷.

Foi nas estradas de terra, cercadas por carnaúbas e xiquexiques, transitando nas propriedades feitas de barro com cercas de madeira, que Fontes Ibiapina passou a sua infância. Nasceu em uma fazenda, onde o labutar com a terra e o hábito de ouvir histórias faziam parte da sua infância, ajudando a repassá-las através da literatura.

Iniciando sua vida escolar na Escolinha do Tio Quincó, uma casa humilde, localizada no Povoado Vaca-Morta, vizinho à Lagoa Grande, que recebia as crianças da região em uma pequena sala de estar. Como podemos ver na imagem a seguir (Imagem 01), retirada da plataforma Facebook, uma casa típica do sertão, com cadeiras de fio de macarrão, a gaiola com passarinhos, lampião e fotografias que enfeitam as paredes. Em uma delas, mostra Joaquim Francisco Fontes – Quincó - e sua esposa Leonina de Souza Fontes.

Imagem 01: Sala de aula da Escolinha Tio Quincó



Fonte: Imagem extraída da plataforma Facebook de Laila Ibiapina Caddah, neta de Fontes Ibiapina

¹⁷ Romance de 30 ou neorealismo, consiste em uma nova literatura com a qual os romancistas propuseram fazer uma prosa regional consistente e participativa, destacando uma narrativa antifascista e anticapitalista, extremamente vigorosa e crítica, buscando renovar e modernizar o realismo/naturalismo do século 19, enriquecendo –o com preocupações psicológicas e sociais e escapando das metrópoles e indo para o Brasil regional.

As paredes antigas, deterioradas pelo passar do tempo, ainda carregam marcas do que antes foi a Escolinha, como um pequeno quadro no qual Quincó ensinara Fontes Ibiapina a ler e a escrever, próximo a completar seus 13 anos de idade. Como destaca Wall Ferraz¹⁸ na apresentação do livro de Ibiapina intitulado: *Crendices, superstições e curiosidades verídicas no Piauí (1993)*, esta simplicidade o fez ficar envergonhado ao frequentar uma escola diferente, como destaca o jovem Fontes em Teresina, quando “olhou para o Colégio Diocesano, achando-o bonito. Ali matriculou-se e ficou.” (Ibiapina, 1993, p. 06).

Em sua juventude, transitava entre as ruas picoenses e, aos 20 anos, mudou-se para Teresina, capital do Piauí, onde fez o exame de admissão do Colégio Diocesano¹⁹, cursando todo o ginásio. Isso reflete a realidade de muitos jovens nas cidades do interior durante o século XX, quando o acesso à educação formal era limitado. Iniciar o ginásio aos 20 anos, considerado um início tardio, evidencia as barreiras sistêmicas que restringiam o acesso à instrução e limitavam as possibilidades de ascensão social e desenvolvimento pessoal.

Ainda estudante, dedica tempo ao jornalismo e inicia o curso de Direito, em 1954, na Faculdade de Direito (FADI). Após se formar, ocupou o cargo de juiz de Direito em cidades como Piripiri, Ribeiro Gonçalves, São Pedro, Miguel Alves e Parnaíba. Dirigiu o fórum e exerceu o papel de professor do Colégio Rural e Artesanal Pio XII, inclusive tornou-se diretor de uma escola em São Pedro do Piauí.

No período em que viveu em Teresina, conheceu sua esposa, Clarice Rosa do Monte, com a qual viveu o resto da sua vida e com quem teve quatro filhos: Jamira Ibiapina, Marlene Ibiapina, Ariosto do Monte Ibiapina e Aristóteles do Monte Ibiapina.

Em 1953, no entanto, teve o desprazer de sofrer uma descarga elétrica de um abajur de mesa que utilizava para iluminar seus manuscritos. O acidente em questão deixou sequelas, comprometendo sua perna esquerda.

Cinco anos depois, no ano de 1958, emergiu seu lado escritor, com a publicação do seu primeiro livro de contos, *Chão de Meu Deus*. No total, foram 266 textos, publicando cerca de 30 livros em vida, deixando um legado invejável, como também, diversas anotações e ensaios (Imagem 02).

¹⁸ Raimundo Wall Ferraz foi um advogado, historiador e político brasileiro que foi prefeito de Teresina, capital do Piauí, por três vezes. Uma figura de grande prestígio para o estado e, em sua memória, foram batizadas pontes, avenidas, a Fundação Wall Ferraz e uma cidade, fundada em 1995.

¹⁹ O Colégio Diocesano São Francisco de Sales foi fundado no dia 25 de março de 1906. No início da década de 1960, a instituição foi entregue aos padres jesuítas que regressavam ao Piauí, passando a integrar as obras da Companhia de Jesus. Na época do colegial de Fontes Ibiapina, em meados de 1941, o Colégio era voltado apenas para meninos, ocorrendo o ingresso de alunas apenas a partir de 1968. Além disso, era necessário o pagamento de mensalidade ou obter bolsa de estudos.

A imagem (Imagem 02), retirada da rede social *Facebook* de sua neta, Laila Ibiapina Caddah, foi utilizada como memorial na comemoração do seu centenário +1, no ano de 2022. Nela, podemos perceber os cadernos que recebiam os manuscritos de Fontes Ibiapina, totalizando 15 exemplares etiquetados e organizados sequencialmente, dentre eles, os publicados, como *Tombador* (1971), *Vida gemida em Sambambaia* (1984), *Mentiras Grossas de Zé Rotinho* (1977), *Sambaíba* (1971), *Palha de Arroz* (1968) e *Nas terras de Arabutã* (1984).

Imagem 02: Acervo de manuscritos de Fontes Ibiapina



Fonte: Imagem extraída da plataforma Facebook de Laila Ibiapina Caddah, neta de Fontes Ibiapina

Os manuscritos representam uma rica herança cultural e literária que reflete a formação da identidade brasileira ao longo da história. Podemos observar que os cadernos possuem capas variadas, com diferentes padrões, como quadriculados e outras estampas, sugerindo a multiplicidade de ideias e estilos. Além disso, o fato de serem manuscritos preservados indica o valor histórico e a importância de manter essas obras como patrimônio cultural. Esses textos, que muitas vezes emergiam em contextos de turbulência política e social, foram fundamentais para a construção de uma narrativa nacional.

No contexto em que suas obras foram escritas, o país apresentava um quadro literário muito diversificado, pois eram muitas as representações nas letras brasileiras, como Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Estes, de certa forma, eram considerados “rebeldes” por remarem contra a corrente e não consentirem com a situação em que o país se encontrava, já que se utilizavam das suas palavras para transmitir sua insatisfação. Como evidencia Barros (2012, p.37), “as palavras fluíam com facilidade, formando frases construídas sobre expressões a que ele estava habituado a ouvir. Escrevia tal e qual falavam as pessoas da região, com seus vícios de linguagem e um palavreado pouco convencional. Era essa a sua marca. Criaria um estilo próprio, regional”.

Através do seu reconhecimento literário, em 29 de janeiro de 1962, ocupou a cadeira nº 9 da Academia Piauiense de Letras – (APL), localizada na cidade de Teresina, assumindo o lugar de Pedro Borges da Silva, como vemos em seu discurso abaixo,

Quem ora vos dirige a palavra, [...] é o menino travesso, cheio de mil diabruras, provindo de uma infância bem vivida num casarão de pedras construído nos tempos idos da escravidão do homem de cor em nossas plagas, na fazenda Lagoa Grande da data Samambaia, no município de Picos do Piauí. É aquele mesmo fedelho que [...] passava o dia saltando riachos, correndo a cavalo, praticando uma infinidade de pultricas e travessuras. E às tardinhas, sentava-se no moirão da porteira do curral [...] com o dedo ao ouvido aboiando vacas que viriam à procura de seus filhos. Lá se vinham as emboladas, os desafios, histórias de Trancoso, adivinhações, pulhas, ditados, deboches outros, brincadeiras de roda, [...]. Coisas que o tempo levou. Entretanto, [...] o menino não morreu. Vive em estado latente, como reminiscência, entre o id e o ego deste vulgar escritor participante do mencionado ciclo literário. De lá, trouxe êle uma vasta experiência de tudo que viu, sentiu, apalpou e viveu. (Ibiapina, 1962. p.70).

Como também foi patrono da cadeira nº 9 da Academia de Letras da Região de Picos (ALERP). Ademais, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Conselho Estadual de Cultura do Piauí, além de ter sido um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Parnaibana de Letras, que inaugurou em 28 de julho de 1983.

Anos após, em 1985, ocorreu o falecimento de Clarice Rosa do Monte Ibiapina, a qual chamava de “nunca deslembada Clarice”, sua companheira de vida e protetora das suas noites de escrita. Nas dedicatórias dos seus livros, expressava seu sentimento de perda, como em *Crendices, superstições e curiosidades verídicas no Piauí (1993)*, que dedica “à memória de minha nunca deslembada Clarice, com a saudade e a solidão que sua ausência me deixou”. Apenas um ano após ficar viúvo, faleceu de parada cardíaca no dia 10 de abril de 1986, aos 65 anos de idade, na cidade de Parnaíba, onde viveu boa parte da sua vida.

Até mesmo sua morte foi teatral, experimentando a profundidade das palavras que outrora escrevera. Um belo dia, comprou uma luneta para observar o cometa Halley, dirigiu-se para a Lagoa do Portinho, em Parnaíba, e aguardou com alguns amigos, sem saber o que o destino havia planejado. Voltou para casa e, logo pela manhã, sofreu um infarto fulminante. Acabou-se o homem – como ele disse sobre Pau de Fumo, personagem de *Palha de Arroz*, 1968.

Sentado em volta da fogueira, Fontes Ibiapina contava suas histórias. O autor picoense conhecia e descrevia este universo narrativo com propriedade e atenção aos detalhes, percebendo todos os tipos humanos e “casos populares”, palavreados e comportamentos presentes no homem comum do sertão piauiense. Segundo Zilberman (2004, p.19), “a memória constitui o ponto de intersecção entre as fontes e a criação artística. Se a noção de fontes pode abrigar tudo que antecede a produção de uma obra de arte, mas reaparece nela, é porque a memória apropriou-se da experiência prévia e elaborou-a, adaptou-a às necessidades de criação.”.

Considerado um piauiense afiado²⁰ e conhecedor da gente e dos costumes de sua terra, foi premiado ao escrever diversos livros. Segundo Rabelo (2009, p.40), a produção literária de Fontes Ibiapina é “assumidamente uma narrativa regionalista, herdeira do regionalismo-tradicionalista nordestino; um realismo do espaço, portanto, disposto ora a denunciar politicamente o presente, ora a lamentar saudosamente o passado”, pois, conforme suas narrativas, investigava as transformações políticas, econômicas e sociais, que afetavam o Piauí.

Com caneta e papel, e na sua máquina de datilografia (Imagem 03), Ibiapina escrevia sobre o sertanejo ao qual estava habituado, destacando a simplicidade, a pobreza, os medos e o desejo de prosperar diante da iminência da seca. Nesta perspectiva, Luiz Romero Lima (2003) demonstra que o romancista piauiense é dono de uma “linguagem simples, com tom coloquial e humorístico, reproduz e transforma a linguagem interiorana, utilizando-se de provérbios, modismos, máximas, dizeres regionais, oralidades, clichês e lugares-comuns”

²⁰ Bem-preparado para qualquer ato. IN: IBIAPINA, Fontes. Dicionário de Brasileirismos no Piauí. Teresina: C.G. do Banco do Nordeste, 2002.

Imagem 03: Fontes Ibiapina com sua máquina de datilografia



Fonte: Imagem extraída da plataforma Facebook de Laila Ibiapina Caddah, neta de Fontes Ibiapina

Ibiapina experimentou demasiadamente sua passagem terrena, projetando-se nacionalmente, deixando diversas produções, como os romances *Palha de Arroz* (1968); *Vida gemida em Sambambaia* (1985), que conquistou o primeiro lugar no VII Concurso Nacional do Clube do Livro, promovido pela editora Clube do Livro. Ademais, escreveu outras obras clássicas piauienses, como *Chão de Meu Deus* (1958), *Brocotós* (1961), *Tombador* (1971), *Paremiologia Nordestina* (1975) e *Terreiro de Fazenda* (2002). As coleções de histórias de Fontes Ibiapina são um registro do patrimônio imaterial brasileiro, sendo materiais de imenso valor cultural.

“No momento que se festeja o centenário de nascimento de um escritor, seria mais do que oportuno cuidar-se da reedição de sua obra, injustamente esquecida.”²¹ (Santos, 2022). Esta frase foi escrita por Cineas Santos²² no ano de 2022, ao escrever um texto em homenagem ao centenário do autor Fontes Ibiapina, ocorrido em 2021.

²¹ Trecho retirado de uma postagem feita pelo poeta e escritor piauiense Cineas Santos, em homenagem ao centenário do autor Fontes Ibiapina, em 2021. Este texto está disponível na rede social Facebook do autor.

²² Cineas das Chagas Santos é poeta, cronista, intelectual, professor e escritor brasileiro, nascido no município de Caracol, no sertão do Piauí, a 579km da capital Teresina. Com atuação cultural desde os anos 1970, em diversas áreas no cenário artístico-cultural local.

O evento do Centenário de Fontes Ibiapina, realizado pela Academia Piauiense de Letras – (APL), ocorrido em junho de 2022, contou com 10 dias de palestras e apresentações culturais. Como mostra a imagem abaixo (Imagem 04), foi montado um cenário com os objetos pessoais do autor, como uma maleta, sua máquina de escrever, uma obra e objetos que se referem ao Direito.

Imagem 04: Cenário com os objetos pessoais do autor



Fonte: Academia Piauiense de Letras, 2022

Em relação ao discurso do escritor piauiense Cineas Santos, observa-se uma preocupação legítima em tornar as obras de Fontes Ibiapina mais acessíveis, considerando que elas são raras e muitas vezes difíceis de encontrar, além de estarem sujeitas ao desgaste do tempo. Diante disso, é fundamental que, como cidadãos e profissionais, nos empenhemos em preservar esses materiais, que guardam um valor imaterial significativo, para que as futuras gerações possam ter acesso a essa riqueza cultural. A leitura dessas memórias transforma as narrativas de Ibiapina em algo próximo, permitindo que suas aventuras e episódios históricos continuem a ser apreciados além das páginas.

A partir da obra de Ibiapina, é possível construir um panorama abrangente da cultura do estado do Piauí. As memórias do escritor permeiam suas narrativas, retratando o cotidiano do homem sertanejo. Ao longo de suas obras, aborda temas variados, evocando sua infância para

ilustrar as estratégias dos sertanejos para suportar as secas severas, descrever eventos impactantes nas fazendas do interior piauiense, explorar a opressão dos mais vulneráveis e os preconceitos na capital do estado, entre outros aspectos que marcaram sua trajetória.

CAPÍTULO II - “NADA ERA INVENTADO, TUDO HAVIA SIDO VIVIDO COM INTENSIDADE”: O CENTENÁRIO FONTES IBIAPINA

*“Peixe morre pela boca
Homem pelo ouro
Tesouro de poeta
É verso.”*

(Tesouro de poeta – Vilebaldo Nogueira Rocha)

A escrita da cidade se apresenta através dos passos ou das conexões que os indivíduos imprimem ao se relacionarem com outrem e com o ambiente. Além disso, marcam presença em livros, jornais, revistas ou nas tecnologias, funcionando como um “manual de sobrevivência” da vida urbana.

Mesmo abordando cidades específicas, nos discursos percebem-se outras urbes, que se encaixam em demais perspectivas trazidas por ele, devido às semelhanças e às relações que ocorriam entre elas. Assim, conforme Ítalo Calvino (1990), as várias cidades estão inseridas em uma só, já que, mesmo passando por processos de desenvolvimento particulares, as cidades diversificam-se e unem-se no mesmo propósito. Utilizando o espaço em que conviveu boa parte da sua vida, o autor o transforma em um lugar de memória, pois

A memória é ato de evocação e de recuperação mental de imagens. Simplificando, ela seria a recuperação do real vivido por imagens mentais e narrativas cotidianas. Repleta de lembranças e de esquecimentos, essa recuperação se dá em diferentes suportes de memória, de natureza iconográfica, objetual, perceptiva ou sensorial. A memória social reconfigura o passado atendendo ao presente e respondendo às questões postas por realidades atuais. (Meneses, 2022, p.11).

É importante realçar as escritas como uma ferramenta valiosa para as representações e para as construções sociais das experiências históricas. Esses aspectos de elocução da memória estão presentes nas mais diversas manifestações, no entanto, cada indivíduo a percebe com um significado próprio, pois, o que soa poético para um, pode não representar nada para outro.

De caráter íntimo e individual, para ser plenamente compreendida, a poesia, assim como Paulo Leminski (1986, p.92), era um “inutensílio”, pois “tem que existir poesia tanto no receptor quanto no emissor. Você precisa ser tão poeta para entender um poema quanto para fazê-lo”, já que há poemas sem poesia, que não contêm a intenção de provocar sensações.

Neste sentido, a poesia de Vilebaldo Nogueira Rocha, presente na obra *O Caçador de Passarinhos* (2017), torna-se necessária, fazendo uma reflexão acerca da natureza humana e seus valores. A partir dela, percebemos que, ao mesmo tempo que a poesia é o *tesouro* de um

poeta, seus versos ponderam sobre os diferentes tesouros que cada indivíduo busca em sua jornada, como um peixe que morre pela boca e um homem que morre pelo ouro.

No verso inicial, “o peixe morre pela boca”, compreendemos a vulnerabilidade, como o ato de morder o anzol, ao mesmo tempo que alimenta, mata. Em contraste com o peixe, o homem morre pelo ouro, o desejo incessante por riqueza material, a ganância. No entanto, a morte do homem não é física como a do peixe, mas espiritual ou moral, pois o ouro corrompe sua integridade e humanidade.

Não obstante, já dizia Ibiapina, nada é inventado, tudo havia sido vivido com intensidade, era tudo “mnemonizado” (Ibiapina, 2002). Apresentando uma reflexão sobre autenticidade e intensidade de suas experiências, a invenção, ficção e adicionando profundidade de sentimentos e envolvimento com as experiências.

A relação entre os dois autores, Ibiapina e Rocha, foi estabelecida pelo fato de ambos serem poetas originários de Picos - Piauí, e compartilharem um profundo interesse em retratar a realidade do sertanejo. Tanto um quanto o outro utilizam suas obras para explorar e expressar as experiências, desafios e a cultura do homem do sertão, refletindo a vida e os costumes da região nordestina. Essa conexão temática e geográfica contribuiu para que seus trabalhos se complementassem e dialogassem entre si, fortalecendo a literatura regional que aborda as nuances da vida sertaneja.

Assim como Graciliano Ramos enunciou, em uma de suas declarações, ninguém pode escrever sobre aquilo que não conhece. Essa frase reflete a ênfase que ele dava à autenticidade e à veracidade no processo de criação literária. Para Graciliano, era essencial que o autor tivesse uma experiência direta ou um profundo conhecimento daquilo que estava retratando em suas obras. Ele acreditava que o vínculo entre a realidade vivida e a escrita era fundamental para produzir uma literatura genuína e significativa.

Ibiapina enfatiza a importância de viver de forma intensa e verdadeira. A frase convida à reflexão sobre como vivemos nossas vidas e como contamos nossas histórias, valorizando a verdade e a intensidade. Com uma imaginação fértil, uma lembrança forte, distribuía suas histórias nas páginas, dando palco às riquezas do Estado e registrando personagens na memória, para que estes não se perdessem no silêncio.

No tópico, intitulado *A literatura Ibiapiniana como fonte caudalosa de cultura*, evidenciaremos algumas narrativas Ibiapinianas, apresentando a tetralogia do couro e a importância da literatura regional piauiense.

2.1 A literatura Ibiapiniana como fonte caudalosa de cultura

A literatura brasileira é rica e diversificada, reflete a vasta tapeçaria cultural, histórica e social do país. Desde suas raízes coloniais até as produções contemporâneas, ela cresce continuamente, transmitindo as transformações do Brasil e consolidando-se como uma das mais vibrantes literaturas da língua portuguesa.

O sertão, com suas secas e dificuldades, aparece como um tema recorrente, assim como a vida simples e árdua dos sertanejos. As tradições orais, os costumes locais e as festas populares também são frequentemente abordadas, revelando um profundo vínculo com a cultura regional.

Ademais, Romero (2009) debate que, no início do século XX, havia uma relação intrínseca entre a literatura e o jornalismo, a escrita era um meio de conquista de espaço e reconhecimento social, sendo aplicada pelos jornalistas, que eram indivíduos conhecedores das letras, surgindo assim o jornalismo literário.

Ao passar do tempo, o jornalismo ganha diversas vertentes, como o jornalismo literário, cultural, partidário. O jornalismo literário carregava consigo características ímpares, as quais percebemos na literatura Ibiapiniana, como a presença de personagens e o emprego de adjetivos e marcas de oralidade.

A literatura piauiense se mostra rica em tradições culturais e históricas que moldaram as identidades locais. É necessário compreendê-la como parte e como todo, pertencente à literatura nacional, no entanto, com características particulares que a distinguem de outras literaturas.

A construção de uma identidade literária piauiense originou-se a partir da metade do século XIX e no início do século XX, quando, incentivados pela imprensa e pela diminuição da influência europeia, surgiram os primeiros trabalhos da crítica literária. Os intelectuais daquele período precisavam se legitimar a cada traço, provando seu valor literário e estético, assim,

O critério de legitimação da literatura por meio da crítica nacional restringe-se, no entanto, ao substantivo “literatura”, primeiro termo da denominação em análise, remetendo-nos, assim, à questão específica: a produção escrita pelos piauienses tem o mesmo valor literário? É de fato um objetivo estético criado através da palavra? O outro termo, no caso, o adjetivo “piauiense” tem a função de recortar dentro daquele conjunto maior da literatura brasileira a parte correspondente ao Estado do Piauí, ou seja, a expressão genuinamente que se distingue de todas as outras expressões literárias produzidas no País. (Lima, 2003, p.13)

Segundo Lima (2003), por volta da década de 1950 e 1960, as manifestações literárias marcaram o cenário nacional, recebendo a nomenclatura de vanguardistas. No Piauí, além de

Fontes Ibiapina, nomes como Mário Faustino²³ e Torquato Neto²⁴ participaram deste baú literário piauiense. Segundo o próprio Ibiapina (1977, p.47), ele se encaixava em outro momento literário que, assim como José Lins do Rêgo, Jorge Amado e Graciliano Ramos, aborda o Ciclo Nordestino, que é visto como uma forma de retratar a vida no Nordeste brasileiro, com ênfase nas dificuldades e na luta diária de seus habitantes.

A literatura, notadamente a ficção, tem o seu valor intrínseco, o seu alvo, o seu objetivo. Entre nós, por exemplo dos mais concretos, encontramos o Ciclo Nordestino refletindo em seu ficcionismo um manancial de sociologia e economia política. Apresenta-nos, em fotografia telúrica, o meio físico e a paisagem humana com todas as suas atividades e condições de vida. Nossos trabalhos, mesmo desprevenidos de sabor artístico, tem por escopo, com todo o seu estilo individualista, continuar o Ciclo Nordestino que ostenta o seu trio de ouro em nossa ficção atual com Zé Lins do Rêgo, Jorge Amado e Graciliano Ramos. (Ibiapina, 1977, p.47).

A ficção se torna, então, não apenas uma expressão artística, mas também uma ferramenta para documentar e problematizar as realidades vividas por essas populações. A ideia é de que esses trabalhos, mesmo que "desprovidos de sabor artístico," sirvam de documento social para reconhecer a complexidade e as múltiplas camadas em retratar "a paisagem humana" e "o meio físico". Ibiapina reafirmava sua percepção de ficção na entrevista concedida para a *Revista Presença*, em 1984, onde ele assegurava estar “fazendo um trabalho ecológico e ergológico de minha terra e meu povo. Sociologia em ficção.” (Presença, 1984, p.12).

A produção literária de Ibiapina encaixava-se na prosa e no romance regionalista do século XX, destacando-o, a partir da década de 30, como um herdeiro do regionalismo e do romance de 30. Através da sua linguagem interiorana, transmitir as particularidades das histórias populares, sua cultura, os problemas econômicos, geográficos, políticos e sociais. Neste sentido, destaca-se a obra *Palha de Arroz* (1968), um romance urbano que, misturando ficção, realidade e folclore, faz uma crítica social e denuncia os incêndios criminosos ocorridos em Teresina, no final dos anos 30 e metade dos anos 40, ficando conhecida como a capital de palha, referindo-se aos primeiros anos de Fontes Ibiapina na cidade de Teresina-PI.

A prosa e o romance regionalista buscam se aproximar do que acontece de fato, não romantizando os causos da vida cotidiana, diferenciando-se da literatura indianista²⁵ que

²³ Nascido em Teresina – PI, foi redator, cronista e professor. Ficou conhecido por seu trabalho de divulgação da poesia no Jornal do Brasil. Publicou apenas um livro de poesia, *O Homem e sua Hora* (1955).

²⁴ Torquato Pereira de Araújo Neto é oriundo da capital Teresina. Foi um poeta, ator, diretor, jornalista e letrista de música popular, ligado à contracultura. Defensor das manifestações artísticas de vanguarda, como a Tropicália, o cinema marginal e a poesia concreta, obteve seu prestígio após a sua morte, em 1972, através do seu poema intitulado *Go Back* (1971), que foi musicalizado e cantado pela banda Titãs, em 1988.

²⁵ A Literatura Indianista é uma corrente literária que tem o indígena como uma figura central, demonstrando-o como um herói nacional, dócil e aliado à colonização, considerando-o como o “bom selvagem”. Para mais

idealiza, retirando do outro suas próprias características para romantizá-las. Conhecer estes aspectos permite uma visão mais ampla de questões que antes eram escanteadas, como as diferenças étnicas, linguísticas e culturais, desenvolvendo uma maior percepção da realidade, teve a função de “revelar o Brasil para os brasileiros”. (Romero; Lima, 2009, p. 163).

Com diversos livros escritos, publicados ou não, Fontes Ibiapina ficou reconhecido como um autor que destacava na realidade de sertanejos, seu sofrimento com a pobreza, a seca, a escravidão, os romances não correspondidos ou a perda de um grande amor. Na entrevista (Imagem 05), concedida à *Revista Presença*, podemos perceber os pensamentos do autor acerca da literatura piauiense.

Ao ser questionado sobre a existência da Literatura Piauiense, o autor retorna o questionamento: “ora... só em você estar entrevistando um escritor piauiense é claro que a Literatura Piauiense existe.” Para o autor, o maior ficcionista piauiense foi Assis Brasil, um romancista crítico, que morou boa parte da sua vida na cidade do Rio de Janeiro, voltando à Teresina - PI em 2008²⁶.

informações sobre a história da literatura indianista no Brasil, confira o artigo “literatura indígena ou indianismo - A construção da identidade do índio frente à literatura nacional” de Wanda Patrícia de Sousa Gaudêncio, Andrea Lima Bernardes e Prof. Dr. Carlos Augusto de Melo (2014).

²⁶ Para saber mais sobre Assis Brasil, leia a entrevista publicada na *Revista Revestrés* em janeiro de 2012.

Imagem 06: Segunda página da entrevista



Fonte: Revista Presença, 1984.

A literatura piauiense contribui para a diversificação da literatura brasileira, trazendo à tona vozes e experiências que muitas vezes ficam à margem da narrativa nacional. A literatura do Piauí também serve como um meio de resistência cultural, desafiando estereótipos e oferecendo uma visão rica e complexa da região.

O autor não se considerava um poeta, mas mostrava-se atento às poesias marginais²⁷, caracterizando-as como letras que recorrem a meios mais práticos, artesanais, acessíveis e autênticos, já que estavam desvinculados das concepções estéticas do cânone literário.

Assim como vemos na terceira e última parte da entrevista (Imagem 07), o autor compara a Academia Piauiense de Letras com as demais Academias,

²⁷ As poesias marginais caracterizam uma inovação literária que busca romper com a tradição, apresentando liberdade temática e formal, trazendo temas de resistência cultural, política e a crítica ao conservadorismo da sociedade. A partir desta percepção, podemos citar autores como Waly Salomão, Cacaso, Chacal, Ana Cristina Cesar, Torquato Neto e Paulo Leminski.

Esta pesquisa partiu do interesse em expandir o alcance dessa literatura, pois há muitos trabalhos que retratam suas narrativas, mas poucos na área de História. A relação entre história e literatura é profunda e multifacetada; a literatura tem servido como um veículo para registrar, interpretar e questionar os eventos históricos, enquanto a história frequentemente se vale da narrativa literária para dar vida e significado aos fatos do passado. Sobre a literatura, Ibiapina afirma que “é sempre uma autobiografia incompleta, cujos últimos capítulos se perdem no silêncio dos mistérios entre a vida e a morte.” (Ibiapina, 1961, p.12).

Fontes Ibiapina enuncia que não vive *de* literatura, e sim *para* a literatura, gostava de saber sobre a sua gente e transmiti-las no papel, significando uma peça indispensável para a cultura literária do Piauí. Com suas experiências e leituras, o autor salienta que “pena é a gente não poder escrever memórias até o fim” (Ibiapina, 1961, p.12). Os estudos das obras de Ibiapina são relevantes para a problematização compreensão da literatura regional, assim como evidencia Bordini (2005),

[...] a materialidade da documentação literária e não-literária de um acervo permite, pois, o entrecruzamento da história, da sociedade, das subjetividades, do inconsciente pessoal e político, dos construtos do real tanto coletivos quanto individuais com os elementos, processos e convenções que resultam na obra literária, explicitando-os sincrônica e diacronicamente. Para estabelecer o percurso e a identidade dos produtos literários, os suportes materiais são a fonte mais produtiva de temas e ligações possíveis. Como o sentido tende sempre a fugir do signo, mesmo associações tidas por impertinentes nesse complexo multifatorial são aceitáveis, já que o próprio sistema literário é uma construção histórico-social e, portanto, interessada, seja do escritor, seja do leitor, seja do seu pesquisador. (Bordini, 2005, p.23)

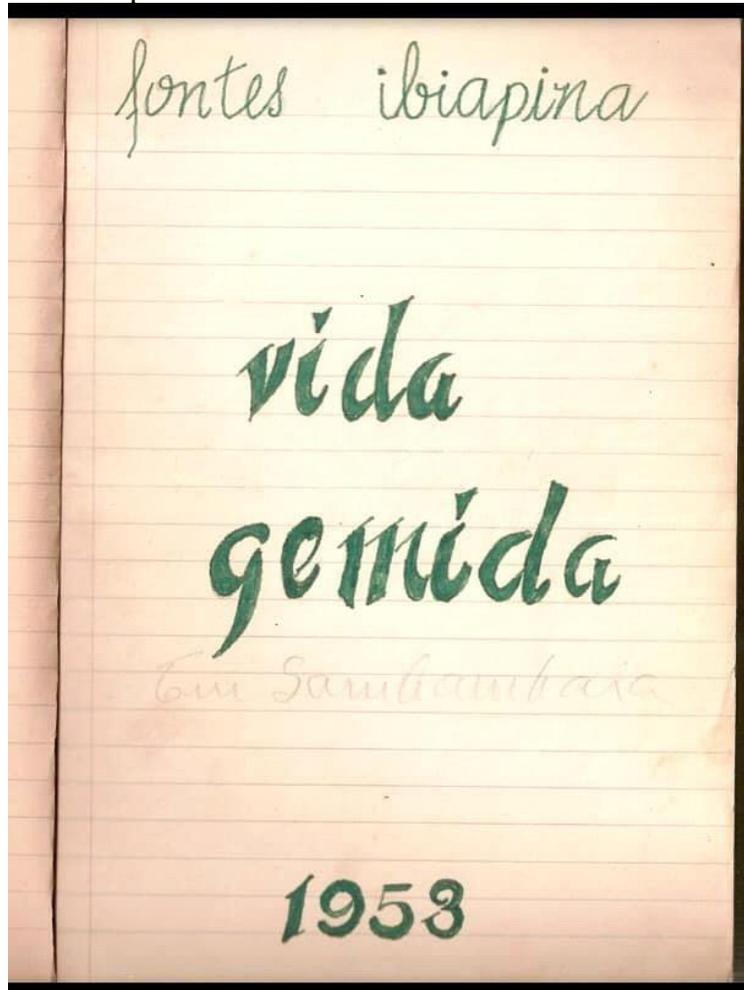
O discurso de Bordini (2005) ilumina a interconexão entre literatura e história, sugerindo que cada obra é um produto multifacetado, no qual fatores sociais, culturais e individuais se entrelaçam. Os manuscritos, como suportes materiais da literatura, desempenham um papel crucial na materialidade da documentação literária e não-literária, permitindo uma compreensão mais rica e contextualizada das obras, oferecendo uma janela para o passado, tornando-se testemunhos das projeções de vida do autor. Neles, podemos perceber seu percurso literário e as nuances do processo criativo.

Tive o prazer de ter acesso aos manuscritos do autor, que funcionam como verdadeiras pontes entre o passado e o presente, entre o autor e o leitor. Em um mundo cada vez mais digital, esses manuscritos se mantêm como tesouros inestimáveis, guardiões da memória e das identidades culturais da humanidade. A experiência de manusear essas obras proporciona uma conexão tangível com o processo criativo e histórico do autor, revelando detalhes que muitas

vezes se perdem na transição para o formato digital. Como podemos perceber nas imagens (Imagem 5,6 e 7) abaixo, alguns trechos do manuscrito da obra *Vida gemida em Sambambaia* (1985), que compõe a Tetralogia do Couro, juntamente com as obras: *Sambaíba* (1963), *Tombador* (1971) e *Nas terras do Arabutã* (1984).

A primeira imagem, da capa do manuscrito (Imagem 08), evidencia o papel antigo, amarelado pelo avançar do tempo. As letras bem delineadas, desenhadas de caneta azul, escrevem sobre a vida sofrida do sertanejo, relatando uma imagem que, muitas vezes, reforça estereótipos de pobreza, ignorância e a figura de um herói, como destaca a frase de Euclides da Cunha: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte.”

Imagem 08: Capa do manuscrito *Vida Gemida em Sambambaia* (1958)



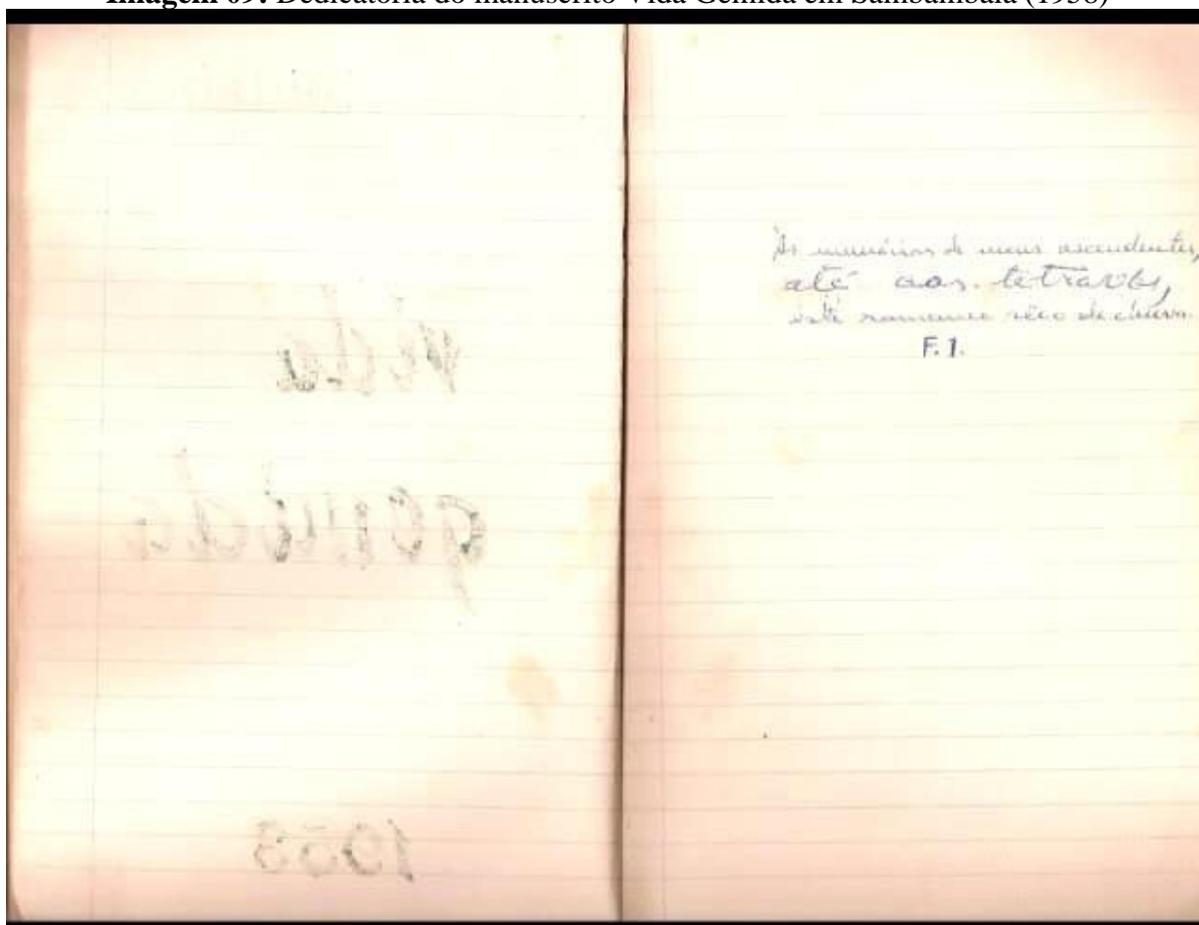
Fonte: Imagem extraída da plataforma Facebook de Laila Ibiapina Caddah, neta de Fontes Ibiapina

Após a capa, partimos para a dedicatória, esta que sofreu uma alteração do seu manuscrito de 1958 para a publicação de 1985. No primeiro, como notamos na imagem abaixo (Imagem 09), a dedicatória foi escrita “Às memórias de meus ascendentes, até aos tetravós, este

romance sêco de chuva.”. Na obra publicada em 1985, pela editora Clube do Livro, a dedicatória passou a ser: “À memória de meu pai, este romance seco de chuva.”

A construção poética e metafórica desta frase “romance seco de chuva” é literal e simbólica, remete à chuva insuficiente do sertão, situação abordada no livro, remetendo à frustração da ausência da tão esperada chuva, à aridez do solo e da vida dos sertanejos, à escassez de esperança, de recursos, de mudanças. Um romance seco, direto ao ponto, com elementos que o tornam difícil de digerir. Retratava uma pobreza desumana, seria como viver uma “vida de cachorro, uma vida daquelas. Quase todo mundo sofria [...] porque quase todo mundo era pobre.” (Ibiapina, 2001, p.28).

Imagem 09: Dedicatória do manuscrito *Vida Gemida em Sambambaia* (1958)



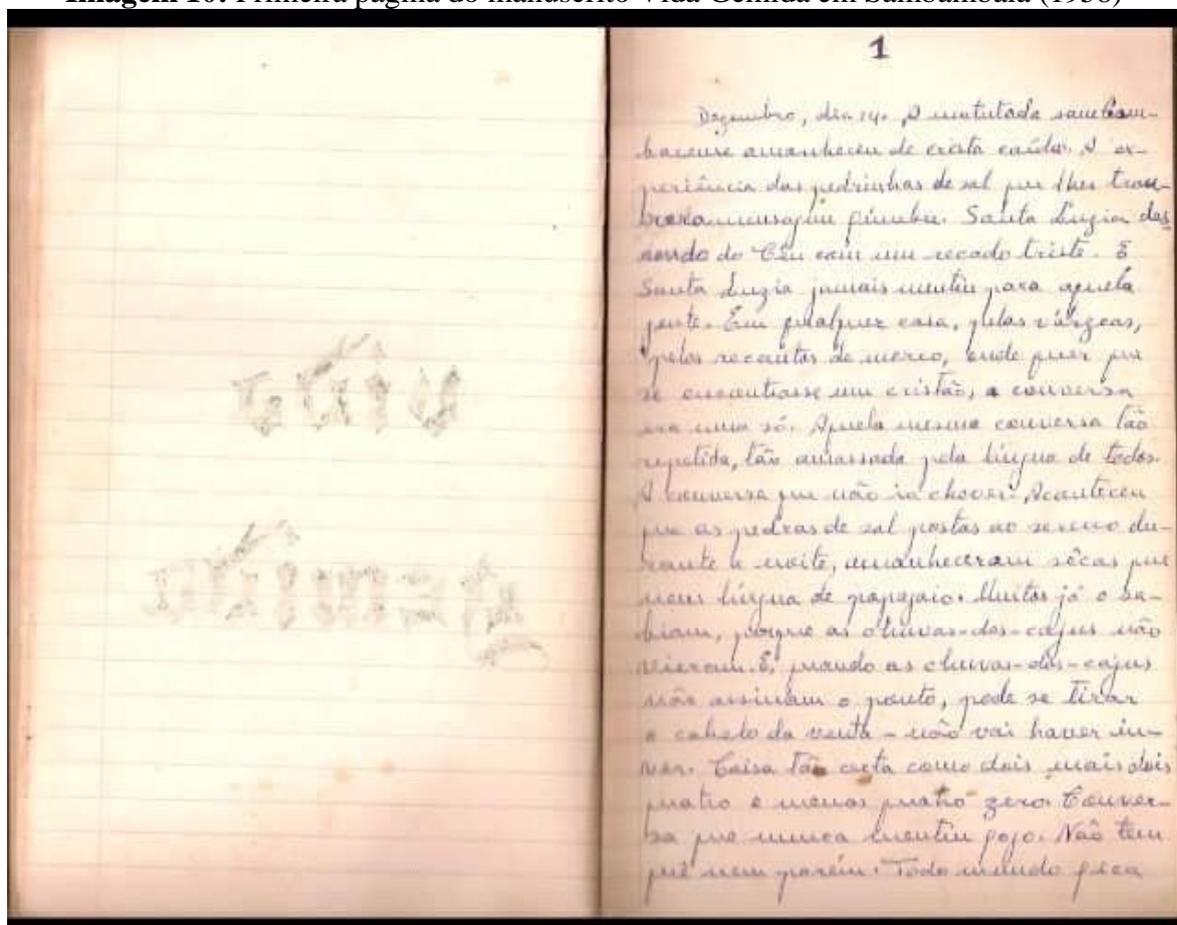
Fonte: Imagem extraída da plataforma Facebook de Laila Ibiapina Caddah, neta de Fontes Ibiapina

As ficções de Ibiapina abordam os personagens típicos do meio rural, especialmente trabalhadores, fazendeiros, vaqueiros, escravos e agregados da fazenda, que trabalhavam, principalmente, com a lavoura, a extração da maniçoba, do trato do gado e em relação à espera de chuva e à sobrevivência nas secas.

No romance *Vida Gemida em Sambambaia*, (1958), o personagem Alonso retrata que vive no meio interiorano da cidade de Picos – PI, carrega uma linguagem rica em termos e expressões regionais, valendo-se de provérbios e ditos populares e folclóricos, fazendo-se necessária uma leitura com o *Dicionário de brasileirismos no Piauí* (2001).

Adiante, vemos uma imagem (Imagem 10) que mostra o início de um capítulo de um livro, um convite delicado e irresistível para mergulharmos nas próximas páginas. As palavras, cuidadosamente escritas, marcam o início de uma nova jornada dentro da narrativa e o domínio das palavras escritas.

Imagem 10: Primeira página do manuscrito *Vida Gemida em Sambambaia* (1958)



Fonte: Imagem extraída da plataforma Facebook de Laila Ibiapina Caddah, neta de Fontes Ibiapina

Historicizar a literatura piauiense nos permite problematizar os dados sociais e as questões culturais, pois sintetiza a escrita histórica, evidencia os lugares sociais, as questões culturais, sendo papel do historiador interpretá-las.

Por conseguinte, resolvemos trazer, de forma resumida, as obras que inspiraram esta pesquisa, para que as histórias e os personagens sejam tratados mais detalhadamente, não

somente em pequenos trechos isolados. As obras em questão fazem parte da conhecida “Tetralogia do Couro”, pelo fato de abordarem o sertão piauiense na pecuária. Ao ser entrevistado por Alcenor Candeira Filho, Ibiapina incluía estes romances ao referir-se ao Ciclo do Couro: *Sambaíba* (1963), *Tombador* (1971), *Nas terras do Arabutã* (1984) e *Vida gemida em Sambambaia* (1985).

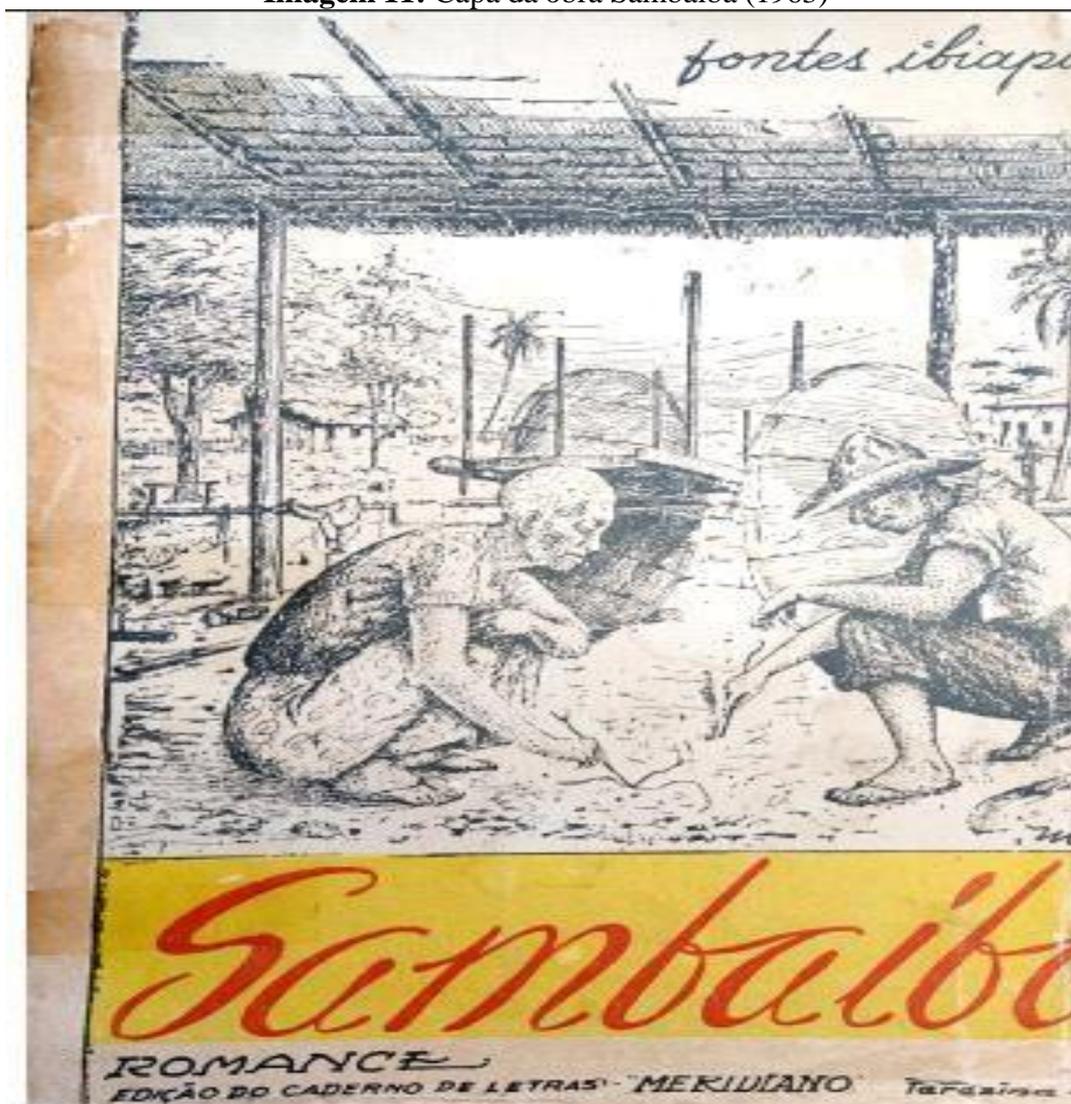
As produções serão enunciadas por ordem de publicação. Não obstante, é importante transmitir que não serão utilizadas todas as obras, pois suas narrativas são vastas, abordando temáticas variadas, que não nos cabe nesta atual pesquisa.

Seu primeiro romance publicado foi *Sambaíba* (1963), narrando a história da Fazenda Sambaíba, que fica localizada entre as regiões de Picos e Oeiras, em meados de 1899, tratando da importância da fazenda para os moradores da região. A Fazenda passa por momentos de altos e baixos, seja no relacionamento do seu proprietário (Quitério²⁸) com uma mulher negra (Quina) ou na sobrevivência ao período da seca, da gripe espanhola e dos ataques dos fazendeiros que planejavam tomar as terras.

Nesta obra, é apresentado um perfil do homem rural, das desavenças políticas e das brigas por terras, percebendo a vida de parte dos piauienses, como o caçador e o vaqueiro da fazenda. A imagem abaixo (Imagem 11) refere-se à capa do livro supracitado. Nela, podemos visualizar uma representação do espaço da Fazenda Sambaíba, com casas simples e seus telhados de palha, maquinário utilizado nos plantios e transporte de materiais, sela de cavalo e dois sujeitos que observam a terra árida, com feições tristes e rostos cansados.

²⁸ Filho do fazendeiro Manoel Felício, herdou a propriedade de seu pai após sua morte precoce. No entanto, desperdiçava e abandonava seus deveres devido ao seu relacionamento com Joaquina (Quina).

Imagem 11: Capa da obra Sambaíba (1963)



Fonte: Arquivo pessoal

Sambaíba insere-se na tradição do romance regionalista brasileiro, que se preocupa em documentar sobre as condições de vida no sertão. A imagem me transmite a dureza e a precariedade das condições de trabalho no campo, a dureza e a precariedade das condições de trabalho no campo, sugerindo uma economia de subsistência na qual o esforço manual é predominante, como “no barracão era que o movimento era grosso! Mais de quarenta homens tirando leite de maniçoba.” (Ibiapina, 1963, p. 116)

A ilustração da capa foi feita por “Murilo” - não se especificam mais detalhes na obra - remete a um período em que a literatura nordestina, especialmente durante o Ciclo do Romance de 30, retratava de maneira crua e realista as dificuldades enfrentadas pela população rural. As figuras na imagem, engajadas em atividades manuais, vestidas com roupas simples, como chinelo, chapéu, e cercadas por um cenário que sugere a seca e a aridez, refletem a temática da

luta pela sobrevivência em um ambiente hostil, um tema central na obra de muitos escritores da região, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

A publicação de obras como *Sambaíba* também desempenha um papel educativo, aumentando a consciência sobre as condições de vida no sertão e estimulando debates sobre a necessidade de reformas sociais e econômicas.

A obra *Tombador* (1971) se passa no Piauí do século XIX, após a seca de 1845, e se estende até depois da Guerra do Paraguai (1864-1870), abordando diversas questões acerca do conflito, a chegada nas terras e o seu declínio, principalmente em relação ao recrutamento de pessoas para o alistamento obrigatório no Exército Brasileiro, sua volta para casa e os efeitos que a guerra causou, como evidencia na obra:

Tombador naquela labuta tremenda de falta d'água; construção do açude; depois o açude gemendo de cheio, um mar d'água que se via o começo, mas não se via o fim, de tão grande; currais e mais currais batendo chifres de vacas paridas; roças e mais roças atopeçadas de legumes; a negrada trabalhando; [...] as vaquejadas divertidas; boiadas e mais boiadas; [...] as noites de folguedos nas semanas-santas e dias de S. João; cantigas e mais cantigas; brincadeiras e mais brincadeiras [...]. (Ibiapina, 1971, p.172)

No coração do livro está o personagem central, um sertanejo cuja vida é uma dança constante entre a esperança e a desesperança. A capa da obra (Imagem 12), desenvolvida por Ary Lopes, traz uma ilustração impactante, mostrando um homem em pé portando um chicote, apontando para o que parece ser uma mulher ajoelhada e acorrentada.

Imagem 12: Capa da obra Tombador (1971)



Fonte: Arquivo pessoal

Essa cena remete diretamente à prática da escravidão, que foi uma realidade brutal no Brasil até sua abolição em 1888, conflito abordado na obra. A representação da violência explícita contra a mulher acorrentada, era uma mulher negra, escravizada, ressalta a desumanização e a crueldade enfrentadas pelas pessoas escravizadas, refletindo um passado doloroso que marcou profundamente a sociedade brasileira. O que faz ressaltar a importância da literatura para a compreensão do passado e das transformações socioculturais, que acontecem com o passar dos anos.

Ademais, para Barros (2012, p.178),

Tombador é um romance de muito sofrimento. As danosas relações entre os senhores de terra e as mucamas escravas, com a cruel interferência das patroas, poupava os homens e destruía as mulheres. A surra de couro que Justina mandou Pindoba dar em Julinha não teve argumento que impedisse [...]. E ainda teve as costas feridas cobertas de sal, misturado com xerém, onde os pintos fizeram a festa. Essas eram passagens que machucavam o coração de Nonon. Ao escrevê-las, trazia para o caderno uma tentativa de denunciar a opressão vivida pelos escravos no século XIX.

Já no romance *Nas terras do Arabutã* (1984), o autor aborda uma característica mais humanista, diminuindo a escravidão no sertão piauiense. Destaca os personagens Colatino e Protestato, dois jovens negros que, instruídos por um padre, tornavam-se exceções no sertão, possuindo estudo. Carregavam o ideal de construir um mundo próprio em que haveria liberdade, diferente das outras fazendas escravocratas da região. Além disso, pregavam uma revolução para a liberdade dos escravos.

Os dois possuíam um plano de se isolar da sociedade, dos preconceitos, fazendo jus aos ideais iluministas, Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Como demonstra o discurso de El Rei, personagem de um sonho de Protestato, “este mundo aqui à parte representa a miniatura do País todo, porque Arabutã significa pau-brasil. Aqui viemos e aqui estamos para comemorar nossa vitória. É o começo do fim do sofrimento de muitos filhos-de-Deus nestas terras do Brasil.” (Ibiapina, 1984, p. 128).

A imagem abaixo (Imagem 13) refere-se à capa da obra, feita pela sua sobrinha Mundica (Raimunda) Fontes. Nela podemos perceber uma cena típica da vida rural no sertão, como a labuta com os animais, o preparo de alimentos no pilão, o transporte de água em potes, a criação de gado e as brincadeiras de criança, como soltar pipa e pião.

Com sua ilustração rica em detalhes, nota-se a presença de uma casa simples, animais e trabalhadores, sugerindo uma comunidade em que a economia é baseada na pecuária. As figuras desenhadas parecem engajadas em suas atividades cotidianas, sugerindo uma continuidade de práticas culturais e modos de vida que resistem às adversidades.

Imagem 13: Capa da obra *Nas terras do Arabutã* (1984)



Fonte: Arquivo Pessoal

A obra foi escrita durante um período de intensas transformações sociais e econômicas no Brasil, marcado pelo processo acelerado de urbanização das cidades e pela ditadura militar (1964-1985). Esse contexto de mudança profunda trouxe consigo uma série de tensões e conflitos, refletidos na literatura e nas artes da época. O regime militar, que se instalou após o golpe de 1964, promoveu um modelo de desenvolvimento econômico que impulsionou a industrialização e a urbanização, mas também exacerbou as desigualdades sociais e reprimiu brutalmente a oposição política e cultural.

Reforçando os ideais paternalistas e nacionalistas de Fontes Ibiapina, refletindo uma visão de mundo que valoriza a ordem e o progresso dentro de um quadro de controle autoritário. Esse paternalismo pode ser visto na forma como o autor representa as figuras de autoridade e na ênfase na necessidade de guias instruídos para liderar a sociedade, destacando que, mesmo havendo a Revolução, aqueles que estavam à frente eram brancos instruídos, expondo a concentração de poder nas mãos de uma minoria privilegiada. (Ibiapina, 1984).

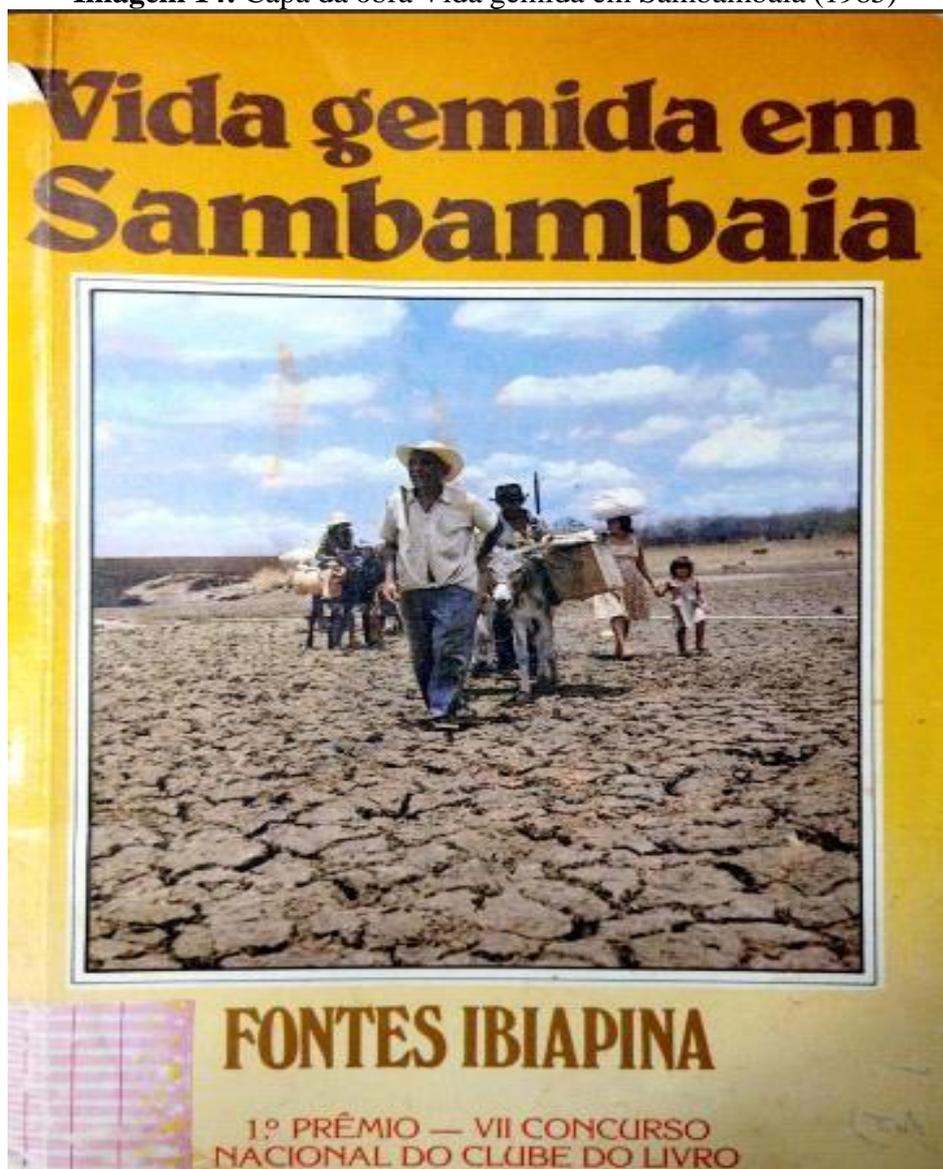
Vida gemida em Sambambaia (1985), o quarto livro da Tetralogia do Couro. Premiado no 7º Concurso Nacional do Clube do Livro em 1985, é caracterizado como o mais díspar e ambíguo em termos estéticos, temáticos e enunciativos. É nele que o autor evidencia os estereótipos da pobreza piauiense e da invenção de um espaço rural, tradicional e pobre, presente na memória e instituído com marcas de denúncia social, mesmo em plenos anos 1980.

Como podemos perceber na capa do livro (Imagem 14), fotografia de Arquivo Jorge's Studio, uma imagem de seca severa, com a presença do solo árido e a migração de flagelados da seca, uma família de retirantes, com homens, mulheres, crianças e animais, que deixam sua casa e migram para outros locais em busca de melhores condições de vida, como o autor mostra na obra *Vida gemida em Sambambaia* (1985),

A emigração engrossava. A imigração também. Homens magros; mulheres também magras, crianças cadavéricas que vinham de outras terras não menos infelizes — Ceará, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe, uma ponta da Bahia e parte de Minas Gerais (que até parece mentira). [...] [Cada indivíduo era 'um morto entre os vivos'] a vagar na terra [...] O maior cemitério do mundo — o cemitério do Polígono das Secas nesse nosso Nordeste velho de estimação. (Ibiapina, 1985, p.35)

A capa do livro, com sua imagem impactante de pessoas atravessando um terreno árido, evoca a dureza da vida no sertão e as questões sociais e históricas associadas a essa realidade.

Imagem 14: Capa da obra Vida gemida em Sambambaia (1985)



Fonte: Arquivo pessoal

O enredo desta obra é situado no interior da cidade de Picos – PI, no povoado Sambambaia²⁹, dos anos 1930 aos anos 1950, onde os indivíduos se deparam com a pobreza, a seca, a fome, a crise pecuária e o abandono político. Nesse sentido, apresenta um homem do “povo”, Alonso, vaqueiro e lavrador, que sofre com os percalços e recorre à criminalidade ou à migração, fugindo da vida precária. Assim, a narrativa de Ibiapina interpreta as tensões, apelando para o que considera como ignorância popular, credices do povo, apego às superstições e aos ritmos da natureza, simbolizados pelas identidades espaciais, migração e permanências do povoado em questão.

²⁹ Sambambaia remete-se à oralidade, à forma dos cidadãos picoenses reproduzirem o nome daquela região, que, na verdade, recebe o nome de Samambaia.

Duas outras obras póstumas, nomeadas *Dicionário de brasileirismos no Piauí* (2001) e *Terreiro de Fazenda* (2002), são focadas na linguagem, possuindo termos do vocabulário piauiense, enfatizando a riqueza do linguajar do Estado. Já a obra *Paremiologia nordestina* (1975) segue o mesmo roteiro, no entanto, transmite aquelas palavras que não foram dicionarizadas, enunciando as ricas palavras do cotidiano do povo piauiense.

Ao longo destas páginas, mergulhamos nas intrincadas teias do passado e do presente. Navegando pelas vastas paisagens da criação literária, da tradição regional e da importância inestimável dos manuscritos. Ao final deste capítulo, nossa jornada revelou não apenas a riqueza e a diversidade de vozes e estilos que compõem o tecido literário do Brasil, mas também a profundidade da herança cultural preservada nas páginas de manuscritos antigos. Ao fecharmos este capítulo, levamos conosco uma compreensão mais rica e profunda do valor da literatura como expressão da nossa humanidade e identidade. No próximo capítulo, observamos o Piauí econômico-político e agropecuário, retratando o Piauí Império e República, sua relação com a escravidão, a seca, a pobreza e as migrações, principalmente em relação às mazelas e às guerras da época.

CAPÍTULO III - “E COM FÉ, FAZER SEMPRE MELHOR”: NARRATIVA DAS MAZELAS SERTANEJAS

*Uns meses trazem a esperança renovada.
O homem insemina a terra
E do céu espera a bondade divina
Derramada em lágrimas férteis
Sobre o solo árido.
(Vaca Magra – Vilebaldo Nogueira Rocha)*

O sol nasce implacável pelo sertão nordestino. A imensidão das belezas naturais da Amazônia, Cerrado e da Caatinga se transforma em consolo e alimento para aqueles que ali vivem. O calor é uma presença constante, uma mão invisível que aperta e sufoca, mas também um conforto, quando, ao bradar dos dias chuvosos, o sol aparece para alimentar as plantações, um ciclo interminável de seca e fartura, de uma terra que ora castiga, ora recompensa.

No sertão, a seca não é apenas uma estação, é uma constante, um companheiro inescapável que molda a vida e os costumes. O baixo índice pluviométrico e a irregularidade das chuvas no sertão nordestino trazem consigo uma série de desafios sociais e econômicos, como a perda da produção agrícola e a morte de rebanhos.

Além da desnutrição e doenças, as secas também promovem a migração, onde famílias deixam suas terras em busca de melhores condições de vida. Essa migração forçada, além de uma estratégia de sobrevivência, resulta no desenvolvimento das cidades e na miscigenação social e cultural.

Nesse sentido, as palavras escritas por Vilebaldo Nogueira Rocha, em seu poema *Vaca Magra* (2019), contida na obra *O Caçador de Passarinhos* (2017), remetem à relação entre o humano, a natureza e a fé, transcrevendo a luta contínua e a resiliência construída pelo agricultor, bem como a incerteza e a dependência emocional da benevolência divina.

Destaca a natureza cíclica da vida agrária, em que o ato de plantar revela uma conexão entre o indivíduo e a terra, o investimento e a expectativa de uma colheita, pois cada estação traz consigo uma renovação de esperança, na qual o agricultor olha para o céu, esperando a chuva, as ‘lágrimas férteis’ que molharão o solo árido, corroborando o meio de recorrer à fé na ‘bondade divina’ para completar o ciclo de cultivo.

Em muitas literaturas, o sertão nordestino é marginalizado, caracterizado pela seca, fome, ignorância e pobreza. No entanto, é importante destacar que nossa intenção nessa pesquisa não é reforçar esses estereótipos, mas sim, a partir das palavras do autor, evidenciar os sertões e os sertanejos presentes em suas obras na sua complexidade.

No primeiro tópico, evidenciamos como o autor tratava o Piauí, em suas virtudes econômicas e políticas, retratando-o quanto às questões políticas e econômicas, abordando sua estrutura agropecuária, durante os períodos imperiais e republicanos, e como produziram, ao longo dessas experiências, os discursos acerca da escravidão.

Já no segundo tópico, abordamos suas considerações sobre as secas e as enchentes no Piauí, a forma que os sertanejos encontraram para enfrentar a “finada fartura” (Ibiapina, 1963, p.17), a pobreza e as migrações.

No terceiro tópico, enfocamos a participação do estado do Piauí nas guerras, como a Guerra do Jenipapo, Balaiada e a Guerra do Paraguai, como também as mazelas enfrentadas pelas doenças da época, como a Varíola e a Gripe Espanhola.

3.1 O Piauí colonial e escravista

Em meio ao vasto e multifacetado território do Piauí, a agropecuária se destaca como uma das principais forças motrizes da economia local. Como fora citado anteriormente, a ocupação do território piauiense partiu da chegada de pequenos agricultores e vaqueiros que instalaram as primeiras fazendas de gado ao longo dos rios do estado, contribuindo para o surgimento das primeiras vilas. Segundo Prado Júnior (2006, p. 29),

Apesar das condições desvantajosas — em parte graças a elas porque forçaram uma grande dispersão, as fazendas de gado se multiplicaram rapidamente, estendendo-se, embora numa ocupação muito rala e cheia de vácuos, por grandes áreas. Seus centros de irradiação são a Bahia e Pernambuco. A partir do primeiro, elas se espalham, sobretudo para norte e noroeste em direção do rio São Francisco, que já é alcançado em seu curso médio no correr do séc. XVII.

Lima (2020, p.09) evidencia que, na maioria das vezes, “quando se refere à História do Piauí, a cronologia estabelecida quase sempre parte da chegada dos bandeirantes e sertanistas nos ‘Sertões de Rodelas’³⁰ no século XVII.”, sendo assim, podemos compreender Domingos Afonso Mafrense, como colonizador do centro-sul piauiense, pois com sua chegada em 1674, tornou-se um dos maiores sesmeiros do Piauí, com cerca de 30 fazendas de gado, pois “os fazendeiros possuíam gado de-com-fôrça e muita terra. E quem possuía terra e gado por aquelas

³⁰ Para conhecimento, a região onde atualmente se localiza o Estado do Piauí foi, durante um longo período, considerada como terra de ninguém, mesmo sendo povoada de povos indígenas. Antes da instalação da Capitania do Piauí, a região situada a oeste do rio São Francisco era conhecida por “Sertão de Dentro” ou “Sertão de Rodelas”. Para saber mais sobre o assunto, leia o artigo: OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros; ASSIS, Nívia Paula Dias de. Padres e Fazendeiros no Piauí Colonial – Século XVIII. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

redondezas, naqueles tempos, podia dizer que tinha pano para as mangas. E cativo também, que uma coisa fazia parte da outra. Cativo era como se gente-gado” (Ibiapina, 1971, p. 72).

A pecuária se estabeleceu como a principal atividade econômica do Piauí durante o período colonial. O Piauí seria considerado como um “chão que de um tudo dá aos pobres num ano bom de inverno” (Ibiapina, 1985, p. 120). A criação de gado bovino e equino nas vastas pastagens naturais do estado se mostrou extremamente lucrativa. Os rebanhos não apenas supriam a demanda local por carne e couro, mas também eram enviados para outras regiões do Brasil, contribuindo para o desenvolvimento econômico do Piauí e sua relação com as demais regiões brasileiras.

Após a morte de Mafrense, os jesuítas se apossaram de suas terras, onde construíram capelas e casas de morada, exercendo bastante influência na Capitania do Piauí. A partir do momento de colonização, a criação das vilas foi se intensificando, sendo a mais conhecida a Vila da Mocha, que, em 1762, foi elevada à condição de cidade e capital da capitania de São José do Piauí.

A primeira capital do Piauí é atualmente conhecida como a cidade de Oeiras, a capital da Fé³¹ pois, desde o seu emergir, sua perspectiva seria voltada para a catequese. Após a expulsão dos Jesuítas, no período pombalino, em 1758, tornaram-se Fazendas Reais, iniciando um processo de conflitos, disputas e diminuição das plantações e do gado, em meados do século XIX.

O avanço pelos territórios foi guiado pelos conflitos, principalmente contra os indígenas e escravizados. Para os portugueses, dividir e nomear os nativos, a partir da região, dos costumes e se eram aliados ou inimigos, servia para catalogação das áreas a serem dominadas e os riscos que encontrariam em determinados locais. Como evidencia Carvalho (1938, p.387),

No interior do rio Parnaíba residiam os aroachizes, os carapotangas, os aroaquanguiras, os precatis, os cupequacas, os cupicheres, os aranhis, os corerás, os ayitetus, os abetiras, os beirtês, os goaras, os nongazes comedores de brancos e os tremembés aliados dos portugueses. No rio Gurguéia, moravam os acroás, os rodeleiros, os beíquidos, os bocoreimas, os corsiãs e os lanceiros. No rio Preto, residiam os anicuás, comedores de brancos. Na Serra de Ibiapaba, os anassus e os alongás. Os aruás, também aliados dos portugueses, habitavam o Riacho São Vitor. Na serra do Araripe, residiam os ubatês, os meatans, os jendois, os ycos e os uriûs. Os arayês e os acumês moravam nas cabeceiras do Piauí e os goaratizes nas cabeceiras do Canindé. No mesmo rio residiam os cupinharôz, “os que têm feito maiores danos nesta povoação”. (Carvalho, 1938, p.387)

³¹ A cidade de Oeiras atualmente é conhecida pela alcunha de destaque que são celebrações católicas, recebendo a característica de Capital da Fé, sendo considerada um ponto de peregrinação de fiéis em diversas datas religiosas, principalmente na tradicional Semana Santa, a maior festa religiosa da região.

Apesar de muitos povos indígenas se destacarem nos processos de luta presentes na historiografia piauiense, é importante destacar que estes povos, muitas vezes, ficaram omitidos das narrativas sobre as lutas contra a invasão das terras, sendo invisibilizados.

O número elevado de conflitos territoriais em comparação ao baixo número de grupos indígenas não significa que houve a total expulsão ou dizimação desses povos, pelo contrário, continuavam sendo considerados obstáculos para a invasão dos territórios e a expansão das fazendas, pois investiam contra a colonização.

Os conflitos de tomada de território foram brutais, durando até meados da década de 1720. A pecuária seguia lado a lado com as plantações de açúcar, carnaúba e maniçoba, no entanto, fazendas se localizavam distantes umas das outras, não obstante, não impedia a relação entre os sertanejos, que acontecia, principalmente, nas épocas de festejos. Ademais, com a transição do período colonial para o Piauí imperial, notava-se um crescimento demográfico e a evolução dos transportes, como evidencia Queiroz (1994, p.17),

A mudança da capital de Oeiras para Teresina e o incremento da navegação a vapor eram condições tidas como fundamentais pelos homens públicos para o desenvolvimento da Província e a independência do seu comércio em relação ao do Maranhão. Essas medidas deveriam ser complementadas com a abertura de estradas de rodagem ligando as regiões produtoras aos portos fluviais. Esse projeto, lentamente elaborado ao longo de várias décadas, só veio a afirmar-se no início do século XX, com as alterações conjunturais advindas do extrativismo. De uma maneira geral, é possível afirmar que, durante a segunda metade do século XIX, as tentativas públicas visavam a romper o isolamento da Província, integrando-a ao espaço regional e que, neste século, a expansão pretendida abarca o mundo capitalista. Ao mesmo tempo, no plano interno, são feitas diversas tentativas de regulamentação das atividades produtivas e disciplina-se a interferência do Estado em vários setores. Estão, neste último caso, a obrigatoriedade do registro de propriedade dos particulares e as tentativas de demarcação das terras devolutas do Estado. (Queiroz, 1994, p.17)

É necessário compreender que o Piauí passou pelo processo colonial para destacar os causos trazidos na literatura ibiapiniana. Os personagens citados são donos de fazenda e trabalhadores das lavouras, em sua maioria escravizados. A escravidão foi uma realidade dura e presente no Piauí colonial, trazidos para trabalhar nas fazendas de gado e nas lavouras, realizavam trabalhos extenuantes sob condições brutais. A escravidão deixou marcas profundas na sociedade piauiense, influenciando sua cultura, demografia e estrutura social.

As fases de transição e transformação piauiense moldaram o desenvolvimento do estado. Enfrentando desafios e disputas, buscando sua modernização, em 1822 inicia-se o

período imperial no país devido à ordem da Corte Portuguesa de que as províncias jurassem lealdade a Portugal.

A adesão do Piauí à luta pela Independência, em 1823, levou a intensas disputas internas, principalmente devido a algumas de suas vilas serem contra o processo, como Campo Maior, Parnaíba e até uma parte da capital Oeiras. Governados por João José da Cunha Fidié, piauienses lutaram pela causa da independência, mesmo com armas rudimentares, contra as forças portuguesas e entre si, como veremos adiante, ao abordar a Batalha do Jenipapo. Assim como evidencia Dias (2001, p.102),

No Piauí, cuja consolidação da Independência foi marcada por uma violenta ação militar para expulsão dos portugueses, foi necessário contar com a participação dos grupos populares que, em grande parte, foram seduzidos pelo discurso nacionalista, encabeçado por uma parcela significativa das elites, a fim de constituir um verdadeiro exército libertador. (Dias, 2001, p.102)

O envolvimento político era muitas vezes restrito às elites agrárias, que detinham o poder econômico e, conseqüentemente, o controle político. Mesmo com o novo regime, quem se tornou imperador do Brasil foi o herdeiro do trono português.

Como evidencia Dias (2001, p.96), a “independência do Brasil foi um processo de lutas e não apenas uma data e o feito de um príncipe ou de ricos grupos de proprietários de terras e escravos.”, ou seja, para compreender o processo de Independência deve-se observar todas as vertentes, rompendo com a noção de isolamento e invisibilidade do Piauí, mas também evidenciando que cada camada social piauiense recebeu a independência de forma diferente, principalmente estando relacionado à escravidão.

Na obra *Tombador (1971)*, podemos compreender a representação da escravidão. A Fazenda Tombador torna-se histórica ao abrigar o exército de Fidié após a Batalha do Jenipapo, que veremos adiante. Assim como podemos observar na fala de Ibiapina na citação abaixo, havia dois grupos de escravos: os "escravos brancos da Sêca" e os "escravos negros dos Senhores",

Os escravos brancos da Sêca iam-se embora. E os escravos negros dos Senhores ficavam. Ficavam bem, se bem que naquela taramela da labuta do flagelo. Mas ficavam naquela terra boa onde nasceram e se criaram. Sofrer, sofriam. Mas não tinham sobosso de morte à falta do que comer. Era verdade que eram escravos. Entretanto, escravos de homens que tinham panos para as mangas. Já para os pobres dos brancos pobres, o caso era bem diferente. (Ibiapina, 1971, p. 138)

Os que Ibiapina nomeia como 'escravos brancos'³² fugiam da seca no sertão, oriundos do êxodo rural, trabalhando para permanecer no local ou recebendo alguma forma de pagamento que lhes desse algum sustento, sendo a pobreza branca no sertão que enfrentava a seca sem os recursos mínimos para a sobrevivência, indo embora após um período.

A fazenda retratada no livro *Tombador* (1971) era muitas vezes um refúgio para aqueles que buscavam escapar dos efeitos devastadores da seca, não por estar isenta destes males, mas pela construção de uma barragem que, quando cheia, representava abrandar as mazelas e supria as necessidades da fazenda. Mesmo que por pouco tempo, outras pessoas se dirigiam à fazenda em busca de alívio dos assolamentos que a seca impunha, encontrando ali um abrigo temporário em meio à dureza do sertão.

Já os "escravos negros dos Senhores" eram aqueles que permaneciam "naquela taramela da labuta do flagelo", trabalhando arduamente, mas garantidos pela segurança mínima de alimento e abrigo oferecida pelos seus senhores. Os escravos "ficavam naquela terra boa onde nasceram e se criaram", pois mesmo com o sofrimento de não possuir liberdade, não gerava o "sobrosso de morte à falta do que comer", refletindo o paternalismo presente nas relações entre senhores e escravos, gerando uma falsa noção de benevolência e proteção, mantendo os escravos dependentes.

O paternalismo não era uma forma de benevolência, mas uma estratégia de controle que perpetuava a exploração e a desumanização dos escravizados. A aparente submissão não deve ser confundida com aceitação ou contentamento. Muitos escravizados resistiam ativamente através de fugas, revoltas e a manutenção de suas culturas. Os "escravos brancos" sofriam abusos e exploração semelhantes aos dos escravizados negros devido às suas circunstâncias, no entanto, legalmente, eles não eram propriedade de seus empregadores.

Segundo Nunes (2007), os escravizados, principalmente das Fazendas Nacionais, tinham um regime mais brando, já que não havia a presença de controladores. No entanto, falar sobre um regime escravista "mais brando" é uma forma problemática de escamotear a realidade brutal da escravidão. Esse discurso tende a minimizar a gravidade das práticas escravistas, relativizando a violência, a exploração e a desumanização que foram centrais ao sistema. Ao sugerir que existiam formas mais "leves" de escravidão, desvia-se a atenção da natureza

³² Chamar as pessoas de "escravos brancos" é uma tentativa problemática de minimizar ou relativizar o horror da escravidão. Esse termo pode ser visto como uma estratégia retórica que busca criar uma falsa equivalência entre diferentes formas de opressão, diluindo a singularidade e a brutalidade do sistema escravocrata que subjugou milhões de africanos e seus descendentes. Ao utilizar tal expressão, corre-se o risco de apagar as especificidades históricas da escravidão negra, que foi marcada por uma desumanização sistemática, violência extrema e um legado de racismo que persiste até os dias de hoje.

inerentemente opressiva e violenta de qualquer regime escravocrata. Essa narrativa, muitas vezes utilizada para suavizar a história, impede uma compreensão plena das atrocidades cometidas e do legado que a escravidão deixou nas sociedades contemporâneas, particularmente em relação ao racismo e à desigualdade social.

Ademais, nas terras piauienses, Chaves (1998) destaca que o regime escravista seria dividido em duas fases, “uma primeira em que imperou com certa ênfase o regime de ferro e fogo, com os castigos mais violentos e cruéis, com o abandono dos doentes e dos velhos. Esta fase perdura por todo o período colonial, alargando-se pelos começos do Império [...] houve nela muito tronco, muita gargalheira, muitos escravizados castigados e mutilados.” (Chaves, 1998, p. 190).

A partir da consolidação do período imperial e com o passar do tempo, o movimento abolicionista ganhava força gradualmente, inspirado por eventos nacionais e internacionais. Em 1888, com a promulgação da Lei Áurea, a escravidão foi, teoricamente, abolida no Brasil, incluindo no Piauí. No entanto, os ex-escravizados enfrentavam dificuldades econômicas e sociais. A liberdade formal não veio acompanhada de políticas efetivas de inclusão ou suporte financeiro, o que levou muitos a viverem em condições precárias. Na literatura Ibiapiniana percebemos contradições referentes à escravidão, ora sendo lastimadas, ora admiradas. Uma destas, presente na citação abaixo, em que o autor, na obra *Sambaíba (1963)*, evidencia a pobreza dos ex-escravizados e a dependência destes aos ex-senhores, em que:

No fritar dos ovos, quem saíria sobrando seria o povo pequeno. Ela com os demais da casa, e até agregados, ficariam no meio do mundo assoletrando canção em breves, sem o menor amparo. Sem um tampo de couro para morrerem em cima. No hepa! Muito melhor o tempo de escravidão! Dez vezes. Ora dez!... Não sabia nem quantas vezes melhor. Quando um Senhor morria, os herdeiros faziam era brigar pelos negros. Negro daqueles tempos tinha valor, tinha dono. Já agora, que diacho negro era no mundo?... Um traste sem serventia. Um entulho qualquer sem a menor valia. Para que libertaram os negros?... Ô perversidade! (Ibiapina, 1963, p.83)

O trecho de Fontes destaca uma visão paternalista, elitista, nostálgica e distorcida da escravidão, contrastando a segurança percebida dos tempos escravistas com as dificuldades enfrentadas pelos ex-escravizados e pessoas pobres após a abolição. Os "Senhores" viam a escravidão como um sistema ordenado e estável, onde os escravizados tinham "valor" e eram propriedade de seus donos. Essa visão ignora completamente a brutalidade e a desumanização intrínsecas à escravidão.

A transição de um sistema escravista para um de trabalho livre foi marcada por muitas dificuldades. Os ex-escravizados foram lançados em um mercado de trabalho competitivo e discriminatório, sem os recursos necessários para garantir sua subsistência e bem-estar.

Muitos das pessoas que frequentavam e auxiliavam na labuta da fazenda eram chamados de *agregados*, que eram pessoas, que, com permissão ou não dos proprietários das terras, se estabeleciam nos locais. Esses indivíduos, frequentemente oriundos de contextos de pobreza e exclusão, buscavam melhores condições de vida em áreas rurais, estabelecendo laços de dependência ou amizade com os proprietários. Segundo Cabral (2020, p. 122),

Os agregados dedicavam-se ao cultivo das terras, auxiliados por familiares ou mesmo trabalhadores, escravos e livres. Ocupavam-se da pecuária e da produção agrícola para o sustento de sua família e de seus trabalhadores, o excedente da produção destinava-se ao comércio com outras regiões, ou mesmo dentro da própria província. Muitas vezes eram foragidos da justiça ou de seus senhores quando escravizados e buscavam apoio e proteção de grandes proprietários, em troca de alguns favores pessoais até mesmo de segurança das fazendas e da família dos fazendeiros. (Cabral, 2020, p.122)

Durante o período imperial, o estado se consolidou como um importante produtor de gado. Os currais e as plantações, embora secundárias, eram essenciais para a subsistência local. As grandes áreas de plantações eram exploradas através do colonato, aumentando a exploração do homem pobre do campo.

Ademais, percebiam-se os primeiros sinais de desenvolvimento urbano e de infraestrutura, em que cidades como Teresina, fundada em 1852, começaram a se expandir e a modernizar-se. Teresina foi planejada para ser a nova capital do estado, substituindo Oeiras como a capital. A escolha de Teresina visava facilitar a administração e o comércio, dada sua localização estratégica às margens dos rios Poti e Parnaíba. No entanto, a mudança trouxe consigo alguns prejuízos, devido à localização, ficando muito distante dos municípios localizados no sul do estado.

O período imperial no Piauí foi uma era de grandes desafios e transformações, repleto de tensões. A economia baseada na pecuária e na agricultura de subsistência, a construção de uma nova capital e a luta pelo fim da escravidão são elementos que definem esse período. Dentre os vários desafios que enfrentavam, a seca e fatores econômicos marcavam uma realidade brutal que discutimos no tópico seguinte.

3.2 “Não havia São José roubado que desse jeito”: o rebentão da Seca no estado do Piauí

Em alguns anos, as chuvas podem ser suficientes para garantir a safra e o abastecimento de água, mas, em outros, podem falhar completamente. O Piauí está situado em uma região de clima semiárido, caracterizado por altas temperaturas e precipitações irregulares. No entanto, falar sobre a seca vai além das questões das chuvas, adentrando no aspecto político-econômico, social e cultural do estado.

A história das secas na região Nordeste é uma prova de fogo para quem lê ou escuta os relatos que vêm desde o século 16. As duras consequências da falta de água acentuaram um quadro que em diversos momentos da biografia do semiárido chega a ser assustador: migração desenfreada, epidemias, fome, sede, miséria. Os relatos de pesquisadores e historiadores datam da época da colonização portuguesa na região. (Barreto, 2009).

A irregularidade das chuvas é algo que permeia o sertão, afetando as vertentes econômicas, sociais e ambientais da região e da vida de milhões de pessoas. Nesse sentido, a região piauiense enfrenta ciclos de seca há séculos, com eventos severos registrados já no período colonial. Nas últimas décadas do século XIX, a Grande Seca de 1877-1879 foi um dos eventos mais devastadores, causando fome, migração em massa e morte. No século XX, diversas outras secas impactaram a região, como as de 1932, 1958, 1970 e 1983, cada uma com suas próprias repercussões sociais e econômicas. Como evidencia o autor na obra *Vida gemida em Sambambaia (1985)*,

A cada dia que Deus dava, a fome se apoderava de mais uma casa. Por aquelas pontas-de-morros, de quando em vez, plantava-se mais uma cruz nova. O povo morrendo; o povo se indo. Da pura fome! Uns vendiam o que tinham, por pouco mais ou nada; outros nada vendiam, por nada de seu possuírem, e se largavam sem destino certo neste mundo velho de meus Deus (Ibiapina, 1985, p.156)

O nordeste do país já havia sofrido com outra seca, em 1844-1845, mas nada comparado ao que estava por vir. Os três anos que se passaram foram marcados pela alta taxa de mortalidade, englobando cerca de 10% da população do período imperial. Com a falta das chuvas, as plantações e o gado sofriam as severas consequências. Existem diversos diálogos acerca da seca no território piauiense, gerando uma discussão de que a região era acometida pelos flagelos da seca,

Vale ressaltar que o problema das secas não é tão agudo no Piauí, como nos demais Estados nordestinos, exceção, talvez, de pequena faixa dos seus limites

leste. Entre outras, deve ser salientada a extraordinária vantagem que informa o território piauiense na posse de muitos rios perenes, cujos vales são férteis, mesmo em pleno estio. Por outro lado, revela notar que as fazendas de gado, geralmente localizadas em chapadas planas e secas, exigem do fazendeiro enormes sacrifícios no que diz respeito à alimentação dos rebanhos. A iniciativa particular, com o auxílio do Governo, tem promovido o represamento dos rios periódicos e a abertura de poços artesianos, impondo uma solução radical no assunto. (Pôrto, 1974, p.97)

Essa observação revela uma compreensão geográfica e econômica das condições locais, sugerindo que a diversidade de recursos hídricos pode oferecer oportunidades para o desenvolvimento agrícola e pecuário. No entanto, também aponta para a fragilidade dessa situação, pois as fazendas em regiões secas demandam grandes esforços do fazendeiro para sustentar os rebanhos, evidenciando a vulnerabilidade do setor à variabilidade climática.

O desgaste causado pela seca se repetiu em diversos outros anos, servindo de inspiração para outras obras que falam da vida do sertanejo, como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. “O nosso velho Piauí parecia querer pegar fogo de uma vez. No município de Picos, celeiro-mor do Estado, dona miséria encarapitada no cavalo da fome, era como se batesse palmas, dançasse, gargalhasse naquelas choupanas de taipa e chão batido. E aquelas vivalmas sem destino certo”. (Ibiapina, 1985, p.18).

Aos onze anos, enquanto ainda morava na fazenda onde nasceu, Fontes Ibiapina vivenciou a seca de 1932. O autor descreve a seca de 1932 com a frase: “Era uma seca de não cair uma gota d’água”. Suas experiências pessoais se entrelaçam com as histórias que as mulheres negras ex-escravizadas lhe contavam na infância, assim como com os relatos dos vaqueiros e peões da fazenda. Isso confere às suas ficções uma vivacidade que cativa o leitor, permitindo-lhe experienciar os eventos junto às personagens.

Para Silva (2005, p. 67) “A literatura piauiense, cuja temática está centrada na seca, escreve a História discutindo, em sua tessitura narrativa, os caminhos ficcionais seguidos pelos escritores que, com isso, procuram estabelecer um jogo com o leitor.” A ideia de "caminhos ficcionais" destaca a criatividade dos escritores ao abordar a seca, permitindo que eles explorem não apenas a experiência direta da escassez hídrica, mas também suas consequências sociais, econômicas e culturais. Em suma, a citação enfatiza a importância da literatura como um meio de contar histórias que vão além da mera descrição, transformando experiências dolorosas em reflexões que podem gerar empatia e compreensão sobre as lutas e resiliência.

No entanto, a seca do ano de 1953 apresentou-se forte e voraz. Alonso, personagem de *Vida gemida em Sambambaia* (1985), que agora era um sertanejo triste e desolado, parte para outro local, levando consigo a esperança de que um dia voltará para o seu sertão:

Mais tarde, voltarei rico. Vou embora mesmo. Aqui é que não posso ficar. É o jeito. Vou-me embora pra uma terra onde pobre também seja gente, que pobre aqui não vale coisa nenhuma. Quando um dia Deus for servido e me der recurso, volto. Volto pra esta Sambambaia velha tão boa, mas de tanta gente ingrata. Um dia eu volto e é com recurso, que isto aqui é o melhor lugar do mundo. (Ibiapina, 1985, p.156).

Na Fazenda Tombador, Bernardino³³ encontra uma maneira de driblar a seca construindo um açude. Com a ajuda de seus agregados, embrenha-se na mata e enuncia que a partir dali verá o avanço de Tombador, no entanto, fracassam. O abandono da fazenda para a construção do açude e a falta d'água fizeram Bernardino enlouquecer.

Andou pelo terreiro com as mãos para trás olhando para o tempo. Tudo desolado! Tudo em completo abandono. A fazenda de Tombador parecia uma coisa morta. As porteiras dos currais escancaradas. Não se via um animal para o remédio. Seu Dino pensava e mais pensava. Tanto gado! Tanto animal de carga, campo e sela! Tanta miunça! Às tardinhas, por exemplo, aquele terreirão ficava alvilho de ovelhas. Os currais batendo chifres de vacas paridas e demais gados. Tanto porco! Tanto bode!... E agora, aquêle deserto, aquela coisa triste... (Ibiapina, 1971, p.172)

Essa paisagem, antes vibrante, agora revela o impacto de um tempo de seca. Os proprietários, como Bernardino, também sentem o peso dessa realidade. Eles tentam domar a "natureza", mas as suas forças são limitadas frente a um sistema que ignora suas tentativas. Assim, a fazenda, antes símbolo de prosperidade, se torna um retrato de desilusão e desespero, refletindo a impotência diante de um ciclo que escapa ao controle humano.

Como evidencia Fontes Ibiapina, “a cuia do pobre só cai emborcada.” (Ibiapina, 1971, p.38). A expressão popular, repleta de significados e implicações, evidencia as dificuldades enfrentadas diante da fome e da pobreza. A cuia, tradicionalmente utilizada como recipiente para beber ou comer, é um símbolo da vida cotidiana e das necessidades básicas de sobrevivência. Ela representa o mínimo necessário para se alimentar e se sustentar. Quando a cuia cai emborcada, evoca uma situação de azar ou infortúnio, em que as coisas não acontecem como deveriam ou como se esperava, impossibilitando o consumo de alimentos.

A expressão sugere que, para os pobres, as adversidades são mais frequentes e severas. Enquanto para outros a cuia poderia cair de modo a ainda ser útil, para os pobres ela sempre cai de maneira desfavorável. Isso pode ser interpretado como uma metáfora para a injustiça social,

³³ Proprietário da Fazenda Tombador.

onde os menos favorecidos enfrentam maiores obstáculos e menores oportunidades de escapar da pobreza.

Como vimos anteriormente, a economia do Piauí é fortemente baseada na agricultura e na pecuária. A seca faz com que essas áreas sofram perdas significativas, desde a aridez do solo, a falta de irrigação, até a morte de animais e a redução da produção de leite e carne. Muitas vezes, o agravamento dessas situações leva ao êxodo rural, à pobreza e à desigualdade social, como é visto na obra *Vida gemida em Sambambaia (1985)*,

Posso é morrer de fome. Posso me acabar por uma vez, mas daqui não saio, nem que a vaca tussa. Daqui ninguém me tira, nem mesmo a Seca. Daqui só me vou quando me apagar por uma vez para este mundo velho cheio de tantos e mais tantos sofrimentos sem limite e sem tampa. Pode ser que o gado de seu Zacarias da Mata (que eu sou vaqueiro) morra. Pode ser, porque uma Seca danada destas nem o Diabo das Profundas aguenta. Mas não por falta de cuidado de minha parte. Enquanto houver uma cabeça de macambira por esses biboques, garanto como dou conta do recado pelo risco. Algumas criações que tenho das sortes do ano passado, vou roendo com a mulher e os filhos. (Ibiapina, 1985, p.28).

Deixando pegadas nos caminhos poeirentos, os retirantes, figuras emblemáticas do sertão, personificam a busca incessante por uma vida melhor. Eles partem em longas jornadas, abandonando tudo o que conhecem, carregando nos ombros não apenas seus poucos pertences, mas também a esperança de encontrar um futuro menos inclemente, buscando a sorte em centros urbanos ou em outras regiões do país, como o Sudeste e o Centro-Oeste. Em *Tombador (1971)*,

Não havia quem contasse os retirantes passando por aquelas estradas. Tanta gente desamparada, sofrendo privações! Uns mesmos daqueles arredores. A maioria de outras paragens – Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte. E a voz do povo que passava era que, para aquelas bandas, o Rebentão havia sido ninguém sabia nem quantas vezes pior. Talvez, porém, fosse assombro. Não era possível que em parte qualquer outra do mundo houvesse havido Sêca mais roedeira do que aquela do Piauí. (Ibiapina, 1971, p.136)

Não obstante, com o aumento no número de retirantes, os locais que os abrigavam passaram a ser chamados de colônias ou currais, como também de campos de concentração³⁴. Essa nomenclatura remete aos castigos que eram aplicados dentro das colônias, por diversos motivos. Na tentativa de limpar as cidades, muitos foram enviados para outros locais do Brasil.

³⁴ Para saber mais sobre os campos de concentração dos “flagelados da seca”, ler: ROSSI, Marina. Quando a seca criou os ‘campos de concentração’ no sertão do Ceará. EL PAÍS, 2019.

Essa migração forçada, em busca de melhores condições de vida, fugindo de se tornarem mais uma cruz de madeira fincada no solo árido, é bastante presente nas obras de Ibiapina. Em alguns momentos, a casa onde morou no Povoado Lagoa Grande serviu de abrigo para aqueles que estavam de passagem e que, à noite, “vinham se arrancar no alpendre” (Ibiapina, 1963), sendo recebidos com alimentos “de um tudo: feijão, farinha, arroz, tempero.” (Ibiapina, 1963, p.242) e, algumas vezes, um lugar definitivo para ficar. O trecho abaixo demonstra o sofrimento e a esperança daqueles que deixam a sua moradia sem saber se voltarão um dia.

Lá se vinham começando as arribadas para o Maranhão. De quando em vez, via-se um pobre pai de família arrumar os cafiotes, adereçar os teréns, fechar as portas do rancho, lançar assim um olhar triste para a caatinga nua da cabeça aos pés, jogar os cacarecos na cabeça e pisar na tábua do mundo. Lá se ia ele com a raça toda! Mas sempre naquela esperança besta de um dia feliz voltar. Voltar para morrer em Sambambaia, porque quem em Sambambaia nasceu só em Sambambaia deve um dia terminar os seus dias de vida. Ia a pés. Geralmente com uma mulher magra, de rosto escavado, olheiras fundas e olhos de cabra morta. E uma ninhada de filhos pequenos, magros e barrigudos, chupando o dedo e de cara rajada de comerem terra (Ibiapina, 1985, p.18).

Ao longo do século XX, como forma de mitigar o aumento das mazelas da seca, foram criadas diversas estratégias para a diminuição do sofrimento do nordestino, como construções hídricas, como açudes, barragens e cisternas para armazenamento de água. Essas medidas foram necessárias para garantir o abastecimento durante os períodos de seca, o incentivo das práticas agrícolas sustentáveis e o uso de tecnologias adaptativas, como a irrigação por gotejamento e a utilização de variedades de plantas resistentes à seca, a criação de programas de apoio, educação e capacitação para agricultores, promovendo a gestão e adaptação às condições de seca.

Essas estratégias para a conservação de água no sertão enfrentaram desafios significativos, muitas vezes ficando apenas no papel ou sendo implementadas de forma incompleta e sem a devida manutenção. Essas falhas refletem a dificuldade das políticas públicas em lidar de maneira eficaz com as questões estruturais e ambientais da região. Projetos ambiciosos muitas vezes esbarraram na falta de continuidade administrativa, de recursos ou mesmo na corrupção. Esse contexto não só prejudicou o desenvolvimento sustentável da região, como também perpetuou as dificuldades enfrentadas pelas populações mais vulneráveis, que continuam sofrendo com a escassez de água e as consequências da seca.

Além de recorrer às medidas físicas, a população nordestina frequentemente recorre a alternativas embasadas na fé para enfrentar as adversidades da seca. Entre essas práticas,

destacam-se as orações para atrair chuvas, onde comunidades inteiras se reuniam em rituais de fé, rogando por alívio para a terra seca, e a tradição popular centenária, o “roubo”³⁵ do santo.

O apego e apelo à fé fortalecem a esperança do agricultor, na tentativa de que a chuva no final da colheita estará garantida. Combinando com certa antecedência, a vizinhança adentra à casa do dono do santo, que não pode ver o ato do “roubo”, portanto, ao ser distraído, o santo é levado de sua casa, ficando em posse da pessoa que o “roubou”, até que acabe a época de colheita, quando o santo é devolvido à sua casa, debaixo de festejos e louvores. Não há certeza se o ritual funciona ou não, no entanto, geralmente na noite do furto, iniciam-se as chuvas, o que acredita ser a resposta do Santo ao pedido dos fiéis. Não obstante, como sugere o nome do capítulo, uma frase enunciada por Ibiapina, “Não havia São José roubado que desse jeito” (Ibiapina, 1963, p. 153) ou seja, seria uma situação tão grave que nem a intervenção de São José poderia resolver.

O entrelaçar das mazelas com o cotidiano daquele povo não desmotivava seus momentos de felicidade e socialização. Os festejos, principalmente aqueles ligados à fé, eram bastante comuns no sertão, causando um grande alvoroço, grandes deslocamentos e muita interação social. Como evidencia Ibiapina (1971, p. 19), os festejos eram considerados uma “diversão tão característica do povo pobre, rústico e honesto dos sertões nordestinos”, em que os terreiros das fazendas se tornavam espaços de sociabilidade, servindo para as rodas de sambas, de conversas em volta da fogueira, o abrigo para os retirantes ou um lugar para os “encontros proibidos à zero hora da madrugada”. (Ibiapina, 1971, p. 124)

Os festejos no sertão não apenas proporcionam momentos de alegria e socialização, mas também desempenham um papel crucial na formação de enlaces matrimoniais. Durante essas celebrações, as interações sociais se intensificam, permitindo que os jovens se conheçam e formem laços afetivos em um ambiente festivo e acolhedor. Ao mesmo tempo, esses casamentos muitas vezes se entrelaçam com as tradições e expectativas familiares, refletindo a importância da comunidade na construção das histórias pessoais e fortalecendo, assim, os laços sociais e culturais que sustentam a vida no sertão.

O enlace matrimonial, como um exemplo das manifestações culturais, é visto como um fortalecimento dos padrões normativos da Igreja Católica, principalmente aqueles que foram utilizados pelas famílias elitizadas para unir descendentes e fortalecer suas tradições políticas e econômicas. Assim como evidencia Samara (1989, p.87), “nesta sociedade, o casamento tornou-se cercado de normas que uniam os indivíduos socialmente em função da origem e da

³⁵ Torna-se necessário salientar que a palavra roubo será escrita entre aspas para evitar a carga semântica que esta palavra carrega, sendo caracterizada como uma tradição popular religiosa e não como um ato ilícito.

posição socioeconômica. Muitas uniões tinham o objetivo de preservar a fortuna e a linhagem, por isso foram comuns uniões entre parentes próximos.”

Na Fazenda de Sambaíba, com a morte de Manoel Felício, no início do século XX, criou-se o medo de que os bons tempos de fartura acabariam. Quitério, ao viver seu amor por Quina, abandonou sua fazenda, reduzindo-a de “a mais importante fazenda daquelas quebradas” para uma “fazendolazinha chué”. (Ibiapina, 1963, p.17).

Além disso, a preservação do patrimônio familiar era algo muito forte para a época, em que a mulher cuidava da casa e dos filhos e o homem dos negócios. Silveira (2020) destaca que,

Estabeleceu-se culturalmente que ao homem se devia a função de provedor e protetor da mulher e dos filhos, a ele cabia o poder de decisão formal sobre os destinos da família. As incumbências das mulheres foram restritas ao lar, onde deviam desempenhar bem a administração do espaço doméstico e prestar assistência à família. (Silveira, 2020, p.177)

Nesse sentido, o casamento seria um primeiro contato com a sociedade. Além dos casamentos arranjados pelas famílias, também eram comuns os casamentos entre solteiros e uniões passageiras, chamadas de concubinatos.

Mesmo com os adultérios, o cotidiano familiar era voltado para a construção de uma prole de herdeiros, que carregassem e honrassem o sobrenome da família, servindo como uma formação de poder e controle regional. Os homens ficavam atentos aos corpos das mulheres, principalmente das mulheres negras. Este processo foi retratado na obra Tombador, quando “lá na represa do açude, Julinha aguava uns canteiros de cebola e coentro. Foi quando seu Dino, passando, não se conteve sem dar uma lambida de rabo-de-ôlho para o lado da negra.” (Ibiapina, 1971, p.53)

Julinha, que nesta época deveria ter entre treze ou quatorze anos de idade, foi abusada por Bernardino, que “além de rico, era Senhor dela mesma.” (Ibiapina, 1971, p.54). Neste contexto, os escritos de Ibiapina retratam uma relação de submissão, afirmando que “naquele dia, Julinha vivia o mais feliz momento de sua vida de negra-de-sujeição.” (Ibiapina, 1971, p.54). O autor normalizava o desrespeito ao corpo feminino, em que as mulheres, principalmente as mulheres negras, eram violentadas pelos homens, principalmente pelos donos das fazendas.

As narrativas de Ibiapina em relação às mulheres negras se comparam aos escritos de Gilberto Freyre (1987), ao retratar o erotismo do corpo feminino, principalmente das mulheres negras, em que as mulheres negras e mulatas eram associadas ao sexo, cuja atração estava ligada

especialmente aos seus corpos, enquanto as mulheres brancas eram ligadas ao casamento, com uma beleza respeitosa, comparada ao rosto de santas.

Essas relações entre senhores e mulheres escravizadas, na maioria das vezes, não ocorriam com consentimento. A dinâmica de poder dentro do sistema escravista criava um ambiente em que as mulheres negras eram frequentemente forçadas a manter relações sexuais com seus senhores, sem terem a possibilidade de recusar. O consentimento era inexistente, pois essas mulheres viviam sob a constante ameaça de violência, punições severas ou de sofrer represálias, o que evidenciava a brutalidade e a desumanização presentes nessas relações. Então, em contrapartida ao retratado por Ibiapina, não seria “o momento mais feliz” da vida de Julinha.

O resultado destes encontros infelizes foi a gravidez de Julinha, que tentou, a todo modo, cometer um aborto, espremendo sua barriga ao passar entre as madeiras de uma cerca ou através da superstição, de olhar um eclipse, para que a criança não nascesse branca. Assim como podemos observar na citação abaixo:

Bernardino passou as vistas no povo que estava no terreiro, e foi quando percebeu Julinha não estar. Mais que depressa correu até a cozinha. Lá se estava ela virando uns beijos na panela. Aí foi logo tratando de lhe dar as ordens:

-Vai olhar a Lua, moleca! Vai, que a Lua está cris! Vai olhar a Lua cris, pro menino sair prêto e ninguém saber que o pai sou eu. Vai ver a Lua cris e grela nela até o fim da cridade, pra o menino sair chegado na côr. Deixa beiju queimar! Deixa tudo... Vai ver a Lua cris, pro menino sair chegado na côr e ninguém saber que eu sou o pai. (Ibiapina, 1971, p.56)

Percebe-se através da narrativa que, quando o filho nascia de uma relação entre a escravizada e o dono da fazenda, essa gravidez carregava um peso adicional de violência e opressão. O filho, muitas vezes, era visto apenas como mais uma "propriedade" do senhor, e a mulher, ao invés de ser protegida ou respeitada, era constantemente violada, sem qualquer reconhecimento de sua maternidade ou dos direitos do filho. Além disso, a sociedade escravista perpetuava a ideia de que essas crianças, fruto de estupros, não tinham direito a uma identidade familiar, reforçando ainda mais a desumanização das mulheres negras e seus filhos. Essa dinâmica servia para manter o controle sobre as mulheres escravizadas, utilizando sua sexualidade como ferramenta de poder e opressão. Devido a situação vivida por Julinha, seu filho morreu no parto.

No entanto, ao descobrir que estava sendo traída, a esposa de Bernardino, Justina, resolve aplicar uma série de torturas à escrava. Julinha foi açoitada, teve sal e xerém colocados

em suas feridas, demonstrando, assim, a crueldade de Justina e um processo de tortura como resultado de um adultério, como se pode observar na citação abaixo:

Chamou Julinha para o quarto da despensa. Mandou novamente que ficasse nuazinha como nasceu e se estirasse num banco. A pobrezinha ainda disse, como todo tom de lamúria: – Iaiázinha de Deus! Que culpa de minha parte!? O que é que Ioiôzinho quer fazer com a gente que não faz? [...] Justinha pegou encheu as mãos de sal e botou por cima daquelas feridas todas. Depois botou xerém de milho por cima do sal. Aí foi buscar um bocado de pintos e botou-os em cima das costas da pobre. Os pintos mandaram o bico pra cima, catando os farelos de milho na maior das gulodices. Chega Julinha, de tanta dor sem cabimento, se torcia que mais se torcia em cima do banco. (Ibiapina, 1971, p. 64-65)

A prática do abuso sexual contra mulheres escravizadas era uma realidade comum e aceita durante o período colonial e imperial brasileiro. Mulheres negras eram frequentemente vítimas de estupros cometidos por seus senhores e outros homens brancos, resultando em um profundo impacto psicológico e físico.

A desumanização das mulheres negras é evidente na citação. Julinha é submetida a torturas inimagináveis, como a aplicação de sal e xerém de milho em suas feridas, seguidas pelo ataque de pintos. Essas práticas desumanizadoras eram usadas para impor disciplina e medo, destacando a completa ausência de direitos e dignidade das mulheres escravizadas.

A traição de Bernardino era uma entre tantas que ocorriam naquela época. Era uma constante, neste período escravagista, que os homens abusassem das mulheres negras, no entanto, mesmo que fosse comum, não era visto de forma positiva. Como podemos perceber na relação entre Quitério e Joaquina, que era consensual, no entanto, não era aceita, em razão do abandono de Quitério às suas obrigações como herdeiro de Sambaíba. Inclusive, os próprios escravos rejeitavam essa relação. Ao observar a fala de Florença (Flora)³⁶ para Quitério, ao saber que o homem se relacionava com uma mulher negra, destaca que “só aconteceu o que aconteceu, porque você deu cabimento àquela moleca safada. A desgraça do pote é o caminho da fonte. Você é pobre, mas é branco. Devia se dar a preço. Quem com porcos se mistura, farelos come.” (Ibiapina, 1963, p.92). O preconceito de Flora foi tanto, que ela encomendou a morte de Joaquina.

As relações inter-raciais, como a de Quitério e Joaquina, no contexto escravagista brasileiro, revelam as dinâmicas de poder e opressão que estavam profundamente enraizadas na sociedade da época. Essas dinâmicas refletem o racismo estrutural, uma vez que o

³⁶ Escrava da fazenda Sambaíba, que cuidou de Quitério quando criança.

relacionamento entre homens brancos e mulheres negras, embora comum, era cercado de estigmas e preconceitos. O desprezo e a rejeição que Quitério enfrenta por se envolver com Joaquina evidenciam como as relações sociais e afetivas eram reguladas por normas raciais hierárquicas, nas quais o branco deveria manter sua "pureza" e "superioridade". Almeida (2018, p.38) afirma que:

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (Almeida, 2018, p.38)

Não obstante, apesar de o racismo partir da estrutura social, não isenta a responsabilidade do indivíduo acerca das condutas racistas.

A fala de Flora para Quitério, ao criticar seu envolvimento com uma mulher negra, reforça a ideia de que a identidade e o valor atribuídos a uma pessoa estavam intimamente ligados à sua raça. Essa percepção racial hierárquica é uma manifestação direta do racismo estrutural, que sustentava a escravidão e continuou a influenciar as relações sociais e econômicas muito depois de sua abolição.

Além disso, demonstra como o racismo era internalizado e reproduzido dentro da comunidade negra, perpetuando as divisões e a opressão racial, moldando as mentalidades e comportamentos de todos os membros da sociedade, independentemente de sua posição na hierarquia racial.

Essas relações eram frequentemente carregadas de preconceitos e discriminações, muitas vezes ocultadas ou tratadas como escândalos quando se tornavam públicas. A noção de que Quitério, mesmo sendo pobre, deveria "se dar a preço" porque era branco, ilustra a complexa interação entre classe e raça no Brasil. Embora a pobreza fosse uma condição que afetava pessoas de todas as raças, os brancos pobres ainda podiam se valer de sua "branquitude" como um recurso social para evitar a marginalização total.

Além do matrimônio, as prostitutas também eram retratadas em seus romances. O drama vivido por elas é evidenciado juntamente com a seca e a pobreza, demonstrando a dor e a angústia de uma minoria que é, por vezes, esquecida. Como podemos observar no trecho a seguir, retirado da obra *Vida gemida em Sambambaia (1985)*, o simples fato de dormir confortavelmente é um ato de comemoração, como evidencia a fala das personagens Antônia Sipaúba e Ana da Chapada, duas prostitutas que viviam por Sambambaia,

Quase que oito anos de esteira. Me lembro bem. Em verdade, na Seca, eu tinha uma tipóia velha poída e remendada. Quando me deitava, todo jeito que fazia no corpo pra me virar, ela ia se rindo e se rasgando. (Até as redes velhas mangam das misérias da gente num ano de Seca). Não deu que durar. Acabou-se antes do fim do ano. E lá me fui lombar chão duro na esteira. Só agora voltei ao gosto e regalo de estirar o espinhaço numa rede. Pois é. Sofri que nem sovaco de aleijado, na maldita esteira de palha. (Ibiapina, 1985, p.116)

A fala de Antônia Sipaúba demonstra a felicidade da oportunidade de deitar-se em uma rede, narrando os momentos difíceis que passou. O trecho destaca a precariedade das condições de vida, a imagem da tipóia velha e remendada e, posteriormente, a esteira de palha simbolizam a extrema pobreza e a falta de recursos básicos.

A construção de estereótipos associados ao Nordeste brasileiro encontra suas raízes nos tempos das grandes secas, que há muito tempo moldam a percepção desta região como um lugar árido e empobrecido. Tal visão contribui para a imagem estigmatizada dos sertanejos, frequentemente retratados como brutais, ignorantes e dependentes da caridade externa. Contudo, é essencial reconhecer e valorizar a complexidade e a resiliência dessa região, promovendo o conhecimento acerca desta e desmistificando os estereótipos.

3.3 A participação do Piauí na Guerra do Paraguai e Balaiada

Desde o período colonial até o século XX, o Piauí esteve envolvido em diversos conflitos, tanto internos quanto externos, que moldaram seu desenvolvimento político, econômico e social.

Assim como os demais estados brasileiros, o Piauí passava por questionamentos acerca do processo de Independência. Maranhão, Ceará e Piauí se uniam para resistir contra as investidas portuguesas, que buscavam abafar os ideais de independência que surgiam naquela região.

Comandados pelo major João José da Cunha Fidié, as tropas portuguesas adentraram os territórios piauienses e, à margem do rio Jenipapo, teve início o embate, em que as armas de guerra eram aquelas utilizadas no campo de trabalho, como facões, machados e armas artesanais.

Em meados de 1838 e 1841, os estados do Maranhão, Piauí e Ceará foram abalados pela Balaiada. O Brasil, do início do século XIX, recém-independente, era um país marcado por

profundas desigualdades sociais e econômicas. O Maranhão sofria com a crise do algodão e a queda da economia.

As dificuldades cotidianas aumentavam o descontentamento, então, os balaios, como eram chamados os rebeldes, que eram vaqueiros, pequenos agricultores, artesãos, escravizados fugidos e soldados desertores, foram à luta contra as injustiças sociais e à opressão política exercida pelas elites locais, como a exploração econômica, a falta de representatividade política e as condições de vida miseráveis.

O estopim da guerra foi a prisão injusta do irmão do vaqueiro piauiense Raimundo Gomes Vieira Jutahy, que, revoltado com a tirania, conduziu, juntamente com Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, um fabricante de balaios, os confrontos que desafiavam as forças imperiais, apelidados como “corcundas”.

Durante a Balaiada, a repressão política e social foi dirigida não apenas contra escravos rebelados, mas contra setores da população mais pobre, exatamente por conta da marginalização dos seus interesses, pois haviam sido ludibriados após a independência (Dias, 2001, p.102).

Com armas improvisadas e habilidade de camuflagem, a cidade de Caxias – MA se tornou palco de uma demonstração de resistência. Como evidencia Martins (1901, p.31),

Por únicos vestidos camisas e ceroulas de algodão, que tingem de cor avermelhada com infusão de entrecasca de árvores. Essa cor, bem asquerosa, os confunde com os troncos das árvores, com as pedras e com os matos, atrás dos quais se escondem para dispararem os tiros de emboscada. Muitos agora estão quase nus, apenas cobertos de andrajos; não têm calçado algum e usam chapéus de palha; fazem exercícios de armas que tem aprendido de alguns soldados desertores ou prisioneiros; mas quase nenhuma disciplina e subordinação conservam aos chefes. (Martins, 1901, p.31)

Esses "únicos vestidos" e "andarajos" são representações visíveis da pobreza e da marginalização que muitos enfrentavam, especialmente em um Brasil que, no início do século XX, ainda lidava com os legados da escravidão e as desigualdades sociais resultantes da colonização. O uso de camisas e ceroulas de algodão tingidas com infusão de entrecasca de árvores não apenas ilustra a falta de recursos, mas também a adaptação às condições do ambiente, sugerindo uma resistência à realidade adversa.

O Piauí sofreu com a repressão implacável. Os redutos da revolta foram desmantelados, seus líderes capturados ou mortos, e o sonho de uma sociedade mais justa foi sufocado sob o peso da ordem imperial. Em 1841, a Balaiada foi oficialmente declarada encerrada.

Décadas mais tarde, ocorrida de 1864 a 1870, é considerado o maior e mais letal conflito armado internacional da América do Sul. A participação do Piauí na Guerra do Paraguai teve importantes repercussões sociais e econômicas. Muitos soldados piauienses perderam a vida no conflito, e suas famílias sofreram as consequências dessa perda.

Na vastidão do sul do continente americano, o Paraguai, liderado por Solano López, entrou em conflito com Brasil, Argentina e Uruguai, que formavam a Tríplice Aliança. López buscava a expansão territorial e o controle sobre as rotas fluviais para expandir o desenvolvimento econômico e militar de seu país, causando tensões com os seus vizinhos. Como evidencia Mota (1995, p.248),

As várias dimensões da guerra, abordadas pelos historiadores, professores, diplomatas e estudiosos convidados, sugerem a complexidade daqueles momentos em que interesses estrangeiros - ingleses, principalmente, fortalecendo sua malha imperial - se entrelaçavam com formas de expansionismo e de conflitos locais. Pode-se falar também, quero crer, de um subimperialismo brasileiro com relação à nação paraguaia. (Mota, 1995, p.248).

O atrito iniciou quando López, apoiando os blancos do Uruguai contra os colorados pró-brasileiros, invadiu o estado de Mato Grosso e capturou o navio brasileiro "Marquês de Olinda". O exército paraguaio obteve algumas vitórias, no entanto, a superioridade numérica e logística da Tríplice Aliança logo começou a prevalecer.

O Piauí participou ativamente da guerra, enviando muitos jovens para a batalha. A guerra também acelerou mudanças sociais, com a participação de escravizados alistados e a promoção de reformas que culminariam, décadas depois, na abolição da escravatura. Vemos os embates desta Guerra na Fazenda Tombador, na obra *Tombador* (1971), onde os homens se escondiam nas matas, fugindo dos policiais que coletavam homens para a guerra. Bernardino demonstrava sua indignação, como podemos ver no trecho abaixo:

Diabo! Seria possível que aquela guerra infeliz não tivesse fim nunca? Seria mesmo necessário passarem o resto da vida na chapada? Até quando durariam aquelas privações? Aqueles sofrimentos? E o mais duro de tudo era que a fazenda andava no maior dos abandonos. Legumes morrendo à falta de limpa. Os bezerros das vacas que ainda não haviam sido pegadas se acabando no mato. E eles, os homens, escondidos. Escondidos como se criminosos. Que diacho queria o Rei botando o povo do País pra brigar com o tal Paraguai? No final das contas, no fritar dos ovos, bem poucos homens batendo as pestanas para contarem a história. Quantas e quantas fazendas já caminhando para o pó? Quantos e mais quantos meninos pobres sem pai? Quantas e mais quantas mulheres pobres sem marido? Quantos cristãos sofrendo e mais sofrendo no mato como eles? E tudo por causa da maldita guerra. (Ibiapina, 1971, p. 40).

A guerra arrastou-se por cinco longos anos, culminando na destruição quase total do Paraguai, tendo fim, em 1870, com a morte de Solano López e a quase destruição do Paraguai. Ademais, o Brasil também sofreu os efeitos da guerra, como a inflação e a insatisfação popular.

Não obstante, ao destacar os conflitos existentes, é necessário evidenciar não só as conquistas territoriais, econômicas e políticas, mas também as mazelas que dividem espaço com o sentimento de vitória, como as doenças e a fome. Também são retratados aqueles que voltam da guerra, como Domingos Catingueira³⁷,

Era Domingos Catingueira, um homem que voltava da morte. O homem que, graças a Deus, voltava da maldita Guerra do Paraguai. Também, só vendo. Voltava acabado. Magro, amarelo de tão pálido. Cabelos grandes. Sujo e vestido em puros quilangos. Um cristão morto em pé. Um cadáver ambulante”. (Ibiapina, 1971, p.101)

Nas épocas de conflito, quando o clamor das batalhas ecoava pelos campos e os canhões rugiam incessantemente, algumas ameaças silenciosas, mas igualmente mortais, espreitavam nas trincheiras e nos acampamentos.

As condições de higiene eram precárias. Soldados amontoados em barracas improvisadas, compartilhando alimentos e água contaminados, criavam um ambiente perfeito para a disseminação de doenças infecciosas, que se alastravam pelos corpos enfraquecidos pela fome, exaustão e feridas de guerra.

Nesse sentido, a varíola se espalhou e ceifou vidas com uma crueldade que rivalizava com a dos próprios combates, deixando as guerras ainda mais preocupantes. “Doença infeliz. Uma febre maluca! O corpo todo, da cabeça aos pés, ficava coberto de bolhas roxas. Tinha o nome de Bexiga-da-Peste. E era da peste mesmo. Iria percorrer o mundo todo, e deixaria a terra quase toda sem quase gente.” (Ibiapina, 1963, p.25)

A doença tinha alta taxa de mortalidade, causando sintomas semelhantes aos da gripe, como febres, dores no corpo e erupções cutâneas, sendo bastante contagiosa e se propagando de diversas formas, levando à morte em poucos dias. “Parecia que era mesmo para tudo se acabar daquela vez. Nem o Rebentão Dois Setes fizera tanta miséria em cima do chão” (Ibiapina, 1963, p. 24).

³⁷ Personagem da obra Tombador (1971), que deixou sua família “desamparada” para ir servir na Guerra do Paraguai e voltava com diversas sequelas físicas e emocionais.

No século XIX, quando as guerras assolaram diversas partes do mundo, incluindo a Guerra do Paraguai e as guerras de independência na América Latina, as doenças viraram parte do cotidiano, não ficando apenas presas aos campos de batalha, mas se expandindo para todos os cidadãos.

Os impactos na Guerra do Paraguai foram devastadores. A epidemia pairava sobre os acampamentos e as baixas aumentavam cada vez mais. Nas cidades, não havia controle algum. Com o aumento da chegada de retirantes, as pessoas que antes lidavam com a pobreza e a fome agora não tinham alternativa, morrendo ao relento, tombadas pela doença.

Na alvorada do século XX, a Gripe Espanhola chega silenciosamente. Entre 1918 e 1919, o cenário de guerra e doença volta a aterrorizar a população mundial. Apesar do nome, a Gripe Espanhola não se originou na Espanha. O termo "Espanhola" se popularizou porque a Espanha, neutra durante a Primeira Guerra Mundial, foi um dos poucos países a relatar livremente sobre a pandemia em seus jornais.

A Gripe Espanhola atacava rapidamente, com sintomas que incluíam febre alta, dores de cabeça intensas, fraqueza extrema e, em muitos casos, pneumonias severas que levavam à morte em poucos dias. Estima-se que cerca de um terço da população mundial tenha sido infectada. Na obra *Sambaíba (1963)*, Ibiapina retratava que:

Aquela era pior que a Bexiga-da-Peste. Quando aberturava o camaradinho, não dava mais de dois ou três dias de prazo. Era logo que o pobre encostava as alpercatas e o chapéu. Ia pra tempo que vinham sabendo do roteiro da infeliz. [...] Dizia o povo ter a peste se originado da podridão dos defuntos nos campos de batalha. A diacho era filha da guerra. E muito pior, muito mais perversa que a própria mãe. Ao menos a guerra só matava numa parte do mundo. E a Gripe varria o mundo todo. Vinha no ar. [...] Veio se ter no Brasil. No Piauí. E agora estava ali nos Picos, em Sambaíba, de boca escancarada. Ô doença da peste! Muitas e muitas casas ficaram sem uma viva alma sequer para contar da história. (Ibiapina, 1963, p.215).

A medicina da época não se encontrava preparada para lidar com epidemias. Além dos recursos e conhecimentos limitados, a prioridade era tratar os feridos de batalha, deixando os doentes muitas vezes em segundo plano. “Ao menos para a bexiga existia um remédio, que era a vacina tirada do pus da própria doença. E as folhas de bananeira para aliviarem-se as dores. Já para a tal de Gripe só dois caminhos: escapar por milagre ou morrer mesmo.” (Ibiapina, 1963, p.215-216).

A vacina da varíola, desenvolvida apenas no século XVIII por Edward Jenner, não era de fácil acesso ou era vista com desconfiança. Como evidencia Schatzmayr (2001, p. 1526) em comparação aos demais países, “a situação na África e na Ásia era, no entanto, bem diferente,

e obstáculos de toda ordem se opunham à vacinação, como: motivos religiosos, lutas políticas, guerras e descrédito de grandes segmentos da população de que era possível alcançar a eliminação da doença.”

A tragédia da varíola e da gripe espanhola durante as guerras também impulsionou o desenvolvimento e a aceitação da vacinação em várias partes do mundo. A compreensão da importância da imunização começou a se consolidar, ainda que lentamente, preparando o caminho para campanhas de vacinação mais amplas e organizadas na metade do século XX.

Neste contexto de transformações sociais e sanitárias, é crucial destacar a participação do estado do Piauí na Guerra do Paraguai e na Balaiada, eventos que, além de moldarem a história regional, revelam a complexa relação entre guerra, saúde pública e cultura. As fontes literárias, especialmente as obras de Fontes Ibiapina, oferecem um valioso prisma para discutir essas experiências. Ibiapina, ao retratar a realidade do povo piauiense, enuncia não apenas os horrores dos conflitos, mas também as consequências sociais e sanitárias que emergiram deles.

Suas narrativas nos permitem compreender como a literatura pode servir como um testemunho histórico, articulando a dor e a resistência de um povo que, em meio às adversidades, busca sua identidade e voz. Assim, ao refletirmos sobre a participação do Piauí nesses eventos, somos convidados a explorar não apenas os feitos militares, mas também as implicações sociais e culturais que ainda reverberam em nossa memória coletiva.

“O PASSADO, O PRESENTE E O PORVIR”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Cantos, cores, asas e poesia.
 Imagens que o tempo não apaga.
 Palavras aprendidas. Apreendidas
 Inventadas ou invertidas:
 Quem sabe explodidas?”*
 (O caçador de passarinhos – Vilebaldo Nogueira Rocha)

Ao longo desta jornada, vislumbramos o horizonte de um chão rico e diversificado, onde o Piauí se revelou não apenas como um cenário, mas como um protagonista vibrante na ficção de Fontes Ibiapina. A pesquisa traçou uma trajetória que iluminou as raízes históricas, culturais e sociais deste estado, mergulhando nos campos férteis de suas narrativas e memórias.

Assim como Vilebaldo Nogueira Rocha e João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, nos tornamos pássaros, com nossas asas, flanamos entre as palavras e bebemos/apreendemos pequenas doses de palavras. No poema *O caçador de passarinhos*, os cantos evocam sons e melodias, como as rimas de um poema, e as cores enchem os olhos e a imaginação.

A memória é durável, mesmo com o passar do tempo, algumas imagens, experiências e sentimentos permanecem indelévels. A arte tem esse poder de capturar momentos efêmeros e torná-los eternos, resistindo à erosão do tempo, aqueles momentos que aprendemos, apreendemos, inventamos ou invertemos, partindo de uma experimentação e inovação, onde o sentido pode ser constantemente recriado.

Os pássaros, para Vilebaldo Nogueira Rocha, seriam as palavras. O poeta considera-se um caçador de passarinhos, em que as palavras não escapam de suas mãos. Fontes Ibiapina escrevia Memórias de um canário, sobre o cotidiano de um pássaro engaiolado, algo comum nos sertões nordestinos. Esse mesmo conto tem uma frase reproduzida no santinho de seu falecimento: “Pena é a gente não poder escrever memórias até o fim. É sempre uma autobiografia incompleta, cujos últimos capítulos se perdem no silêncio dos mistérios entre a vida e a morte”. (Ibiapina, 1961, s/p).

Desta forma, nesta pesquisa, conhecemos os terreiros piauienses, exploramos as paisagens da Cidade Modelo, reconhecemos um escritor cujas histórias são tecidas com os fios da realidade e da ficção. Nada era inventado, tudo havia sido vivido com intensidade, tornou-se um mantra que permeia suas narrativas, refletindo as vivências piauienses. Ibiapina, com sua capacidade de transformar memórias em literatura, se apresenta como um cronista das múltiplas facetas do ser piauiense.

Para o autor, o sentido do sertão na Tetralogia do Couro emerge como um cenário profundamente enraizado na realidade árida e desafiante do sertanejo, cujos sentidos se

entrelaçam nas nuances da vida rural. Os romances desvendam, com sensibilidade, o cotidiano daqueles que habitam o sertão, onde o cultivo da terra, a criação de gado, a seca e a fome são elementos centrais que compõem o ciclo da vida.

À medida que o enredo se desenrola, as relações sociais do sertanejo ganham contornos dramáticos e reveladores, expondo as tensões e os laços que se formam nesse ambiente inóspito. A migração, fruto das intempéries climáticas e da escassez de recursos, emerge como uma fuga necessária, mas não isenta de dores e sacrifícios. O Piauí também é evocado especialmente no contexto das guerras, incorporando o sertanejo às grandes batalhas travadas pelo país.

Ainda que, em muitos momentos, o texto reforce estereótipos de um sertão marcado pela miséria e pela luta incessante, revela-se um retrato vivido/ouvido pelo autor. Há, na dor descrita, o sofrimento e a resiliência do sertanejo, que ganham uma dimensão quase mítica, mas não menos real.

A presente dissertação buscou explorar a riqueza da literatura de Fontes Ibiapina e sua relação intrínseca com a cultura e a realidade do estado do Piauí, refletindo sobre como o autor retrata as diversas facetas da vida sertaneja e as complexidades do contexto regional.

Investigamos a forma como o sertão do Piauí se configura como um elemento central na ficção Ibiapiniana. A descrição do sertão, longe de ser uma mera ambientação, emerge como um personagem ativo que molda e é moldado pelas experiências e memórias do autor. A cidade de Picos e seus sertões são apresentados não apenas como cenários, mas como protagonistas.

Fontes Ibiapina, cuja trajetória de vida e carreira literária revelam um escritor profundamente enraizado nas realidades do sertão. Através da análise das suas obras, foi possível reconhecer a forma como suas histórias e memórias se entrelaçam, oferecendo uma perspectiva rica sobre as culturas e as identidades do Piauí.

Assim, ao refletir sobre a trajetória de Fontes Ibiapina e sua representação do Piauí, concluímos que seu legado literário oferece uma compreensão profunda e multifacetada da realidade sertaneja. A pesquisa reafirma a importância de continuar explorando e valorizando as narrativas locais como ferramentas para a preservação e interpretação da história e cultura regional. Ao fechar o livro, fica-se com a sensação de ter caminhado lado a lado com os personagens, compartilhando de suas dores e alegrias.

FONTES

IBIAPINA, João Nonon de Moura Fontes. **Nas terras do Arabutã**. Teresina, Companhia Editora do Piauí, 1984.

_____. **Sambaíba**. Teresina, Caderno de Letras Meridiano, 1963

_____. **Tombador**. Teresina, Companhia Editora do Piauí, 1971.

_____. **Vida gemida em Sambambaia**. 2. ed. Teresina, Corisco, 1985.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **As bases históricas da formação territorial piauiense**. Geosul, Florianópolis, v. 18, n. 36, p 55-76, jul./dez. 2003.

ARAÚJO, Johny Santana de. *O Piauí e a construção da unidade territorial do Império pós-Independência, 1823-1824*. IN: LIMA, Nilsângela Cardoso. **Páginas da história do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020.

AQUINO, Jakeline Rodrigues de; NASCIMENTO, Daniel Arruda. **Fontes Ibiapina: cultura e identidade do sertão piauiense**, 2011.

BARRETO, Pedro Henrique. **História** - Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos. Revista desafios do desenvolvimento. Ano 6. Edição 48. Brasília, março de 2009.

BARROS, Eneas. **Nonon: o menino da Lagoa Grande**. Teresina: Eneas do Rêgo Barros, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo** - Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BORDINI, Maria da Glória. **Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura**. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 11, 2005. p. 15-23. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3174>.

_____. **Acervos literários e memória cultural**. In: Seminário Dez anos do PPGL/UESPI: produzindo conhecimento e formando pesquisadores. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N6yjhxGioqU>>.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, 2010.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: o tempo do mundo.** Vol 3. Martins Fontes, 2009 [1967], p.16.

CABRAL, Ivana Campelo. *Os agregados e a produção agrícola piauiense na segunda metade do século XIX.* IN: LIMA, Nilsângela Cardoso. **Páginas da história do Piauí colonial e provincial.** Teresina: EDUFPI, 2020.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1988.

DIAS, Claudete Maria Miranda. *O outro lado da História: o processo de independência do Brasil visto pelas lutas do Piauí (1789-1850).* In: EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **História de vários feitio e circunstância.** Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

Discurso de Posse na Academia Piauiense de Letras. **Revista da Academia Piauiense de Letras.** Teresina, Papelaria Piauiense, 1962, n.º 21, março de 1962.

DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta.** 2 ed. revista e ampliada. Recife. [s.e], 1995

Entrevista Fontes Ibiapina por Alcenor Candeira. **PRESENÇA.** Órgão da Secretaria de Cultura, desportos e turismo, ano IV – n.º 10 de janeiro/março, 1984.

FREYRE. Gilberto. **Casa-grande e senzala.** 25.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

GONÇALVES, André; SENA, Luana; ANDRADE, Samária; SOARES, Wellington; MEDEIROS, Jorginho. **Assis Brasil: a máquina de escrever.** Revista revestres, 28 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://revistarevestres.com.br/entrevista/assis-brasil-maquina-de-escrever/>>.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos.** Trad.Cristina de Campos Velho Birck. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

IBIAPINA, João Nonon de Moura Fontes. **Brocotós.** Teresina, Caderno de Letras Meridiano, 1961.

_____. **Crendices, superstições e curiosidades verídicas no Piauí.** TERESINA: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

_____. **Destino de contratemplos.** Teresina, Companhia Editora do Piauí, 1974.

_____. **Dicionário de Brasileirismos no Piauí.** Teresina, C. G. do Banco do Nordeste, 2001.

_____. **Mentiras grossas de Zé Rotinho**. Teresina: Caderno de Letras Meridiano, 1977.

_____. **Palha de Arroz**. 4. ed. Teresina, Corisco, 2002.

_____. **Passarela de marmotas**. Teresina: Companhia Editoria do Piauí, 1982.

_____. **Terreiro de fazenda**. Brasília: Grafor, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico: 1950**. Rio de Janeiro: IBGE, 1956. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v13_pi.pdf>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico: 1960**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t3_p1_ma_pi.pdf>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico: 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/panorama>>. Acesso em: 19 de set. 2023.

KNOX, Miridan Brito. **O Piauí na primeira metade do século XIX**. Teresina: Projeto Petrônio portela, 1986.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. – 5ª ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p.48.

LEMINSKI, Paulo. *Inutensílio*. IN: **A arte e outros inutensílios**. Folha de S. Paulo, caderno ilustrado, p.92, em 18/10/1986.

LIMA, Luiz Romero. **Presença da Literatura Piauiense**. 9 ed. Teresina, 2003.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Páginas da história do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020.

MARTINS, F.; COELHO F. *Vila Viçosa, 20 de junho de 1840*. Apud: NOGUEIRA, Paulino. Presidentes do Ceará: período regencial. 10º presidente, bacharel Francisco de Souza Martins. Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Tipografia Studart, tomo XV, 1901.

MENESES, Newton Coelho. *Patrimônio cultural, compreensão de vivências, educação e turismo*. IN: BERTO, João Paulo; PAULILO, André Luiz (org). **Memória, Educação e Difusão de Acervos Culturais**. Campinas: CMU Publicações, 2022.

MOTA, Carlos Guilherme. **História de um silêncio: a guerra do Paraguai (1864-1870) 130 anos depois**. Estudos Avançados 9 (24), 1995.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. 1993.

NUNES, O. **Pesquisas para a História do Piauí**: lutas partidárias e a situação da Província. Em busca de organização: escola e trabalho. Teresina: FUNDAPI; Fund. Monsenhor Chaves, 2007.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros; ASSIS, Nívia Paula Dias de. **Padres e Fazendeiros no Piauí Colonial – Século XVIII**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura**: uma velha-nova história. *Nuevo mundo, mundos nuevos*, n. 6, 2006

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. IN: **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. UFRGS, 2007.

PÔRTO, Carlos Eugênio. **Roteiro do Piauí**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 47ª reimpressão. São Paulo, Brasiliense, 2006.

QUEIROZ, Teresinha; ELGEBALY, Maged; FERREIRA, Ronyere. *História e Literatura*. IN: **Contraponto: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI**. Teresina, v. 9, n. 2, jun./dez de 2020.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a república**: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994

RABELO, Elson de Assis. **A História entre tempos e contratempos**: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí. 2008. 202 f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

_____. **Desatinos do tempo**: História e Temporalidade na ficção Ibiapiniana. In: BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo (org.). *História e ficção*. Imperatriz, MA: Ética, 2009, p.40.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Do texto a Ação**: ensaios de hermenêutica II. Porto, Editora Rés, 1986.

ROCHA, Vilebaldo Nogueira. **O caçador de passarinhos**. Picos: Edição do autor, 2006.

ROMERO, Luiz; LIMA, Alex Romero. **Literatura UFPI**. Teresina: Fundação Quixote, 2009.

ROSSI, Marina. **Quando a seca criou os ‘campos de concentração’ no sertão do Ceará**. EL PAÍS, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/08/politica/1546980554_464677.html>.

SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo, século XIX. São Paulo: Editora Marco Zero, 1989.

SANTOS, Cineas. **Fontes – uma “tempestade de homem”**. Teresina: Cultura, 2022. Disponível em: <https://www.acessepiaui.com.br/ver_coluna2/3897-fontes---uma-tempestade-de-homem>

SCHATZMAYR, Hermann G. **A varíola, uma antiga inimiga**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(6):1525-1530, nov-dez, 2001.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense: séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2005.

SILVEIRA, Mona Ayala Saraiva da. *As relações familiares e o matrimônio no Piauí oitocentista*. IN: LIMA, Nilsângela Cardoso. **Páginas da história do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020.

VEIGA, Ana Maria. **Acervos acadêmicos de pesquisa: possibilidades e desafios**. IN: Revista Esboços, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 68-85, ago. 2014, p.79.

WESTIN, Ricardo. *500 mil mortes, doença, fome, desvio de verbas e pedido de CPI: o retrato da Grande Seca do Império*. **EL PAÍS**. 26, out. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-26/500-mil-mortes-doenca-fome-desvio-de-verbas-e-pedido-de-cpi-o-retrato-da-grande-seca-do-imperio.html>>.

WHITE, Hayden. **Meta – História: a imaginação histórica do Século XIX**. Edusp, 2019.

ZILBERMAN, R. et. al. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.